

UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Ronaldo Contó de Macedo

**PARA ALÉM DAS QUATRO LINHAS – AS RELAÇÕES ENTRE O
FUTEBOL E O COTIDIANO ESCOLAR NA CONSTRUÇÃO DA
CIDADANIA**

*Linha de Pesquisa:
Conhecimento e
cotidiano escolar*

Sorocaba/ SP
Mai 2006

UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**PARA ALÉM DAS QUATRO LINHAS – AS RELAÇÕES ENTRE O FUTEBOL E O
COTIDIANO ESCOLAR NA CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA**

ALUNO: RONALDO CONTÓ DE MACEDO
ORIENTADOR: PROFESSOR Dr MARCOS ANTONIO DOS SANTOS REIGOTA

Trabalho apresentado à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Sorocaba/ SP
Mai 2006

Ronaldo Contó de Macedo

**PARA ALÉM DAS QUATRO LINHAS – AS RELAÇÕES ENTRE O
FUTEBOL E O COTIDIANO ESCOLAR NA CONSTRUÇÃO DA
CIDADANIA**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de mestre no Programa de Pós- Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, pela Banca Examinadora formada Pelos seguintes professores:

Ass _____
Prof. Dr. Marcos Antonio dos Santos
Reigota (Presidente) – UNISO

Ass _____
Prof. Dr. Afonso Antonio Machado
UNESP – Rio Claro

Ass _____
Prof. Dr. Fernando Casadei Salles
UNISO - Sorocaba

Sorocaba 2006.

Dedicatória

Ao Professor Doutor Marcos Reigota, pelo seu conhecimento e paciência comigo, e por me proporcionar esta oportunidade.

Aos meus grandes amigos, Dr. Afonso Antonio Machado, Professora Ms Eneida Goya, pelo carinho e respeito, e por me ajudarem em minhas dúvidas e angústias.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos aqueles que contribuíram para o término deste trabalho, doando alguma parte, seja ela pequena ou grande, mas todas com a mesma importância para sua conclusão.

Gostaria de agradecer, em especial a minha esposa Rita, pela paciência e pela presente participação em minha vida, e aos meus familiares, em especial meu pai Ronaldo e minha Mãe Zulmira, pois graças a eles continuei meus estudos e hoje posso me orgulhar deste feito.

***“Os saberes e as práticas só fazem sentido quando
compartilhados e usados em prol da solidariedade, da justiça
e da cultura da paz”***

(Carta das Responsabilidades Humanas)

***“Somos o que somos ,
Mas somos principalmente,
O que fazemos,
para mudar o que somos”.***
(Eduardo Galeano)

SUMÁRIO

RESUMO.....	09
ABSTRACT.....	10
INTRODUÇÃO.....	11
JUSTIFICATIVA.....	14
OBJETIVO.....	15
I – BASES TEÓRICAS.....	17
1 – FUTEBOL: SEU IMAGINÁRIO NO COTIDIANO ESCOLAR.....	17
1.1 – FUTEBOL E SUA HISTÓRIA.....	17
1.2 - FUTEBOL E SENTIMENTOS.....	19
1.3 - FUTEBOL E POLÍTICA EM TEMPOS DE COPA DO MUNDO.....	23
1.4 - FUTEBOL E A ESCOLA.....	27
2– O DIFÍCIL CAMINHO DO FOOTBALL PARA O FUTEBOL	32
2.1 – A CULTURA A SOCIEDADE E O FUTEBOL.....	32
2.2 - A HISTÓRIA: A FORMAÇÃO ÉTNICA E RELIGIOSA DO POVO BRASILEIRO E O ESPORTE.....	36
2.3 - UMA HERANÇA CULTURAL.....	38
2.4 - AS SUBCULTURAS NO MUNDO DO FUTEBOL.....	43
2.4.1 - INCORPORAÇÕES DE COSTUMES.....	43
2.4.2 – A FORMAÇÃO E A RELAÇÃO ENTRE PARES	45
2.4.3 - A INCULTURA DO “BOLEIRO” NO MUNDO DO FUTEBOL.....	48
3 – FUTEBOL, IMAGINÁRIO E SEU CONTEXTO NO COTIDIANO ESCOLAR.....	49
3.1 – EDUCAÇÃO, CIDADANIA E SEUS CONCEITOS:	52
3.2 - FUTEBOL: UM ESPORTE COLETIVO OU INDIVIDUAL ?.....	54
3.3 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	57
II – PARTE – MINHA EXPERIÊNCIA.....	60
1- DE JOGADOR PROFISSIONAL A PROFESSOR.....	60
Foto 1.....	66
Foto 2.....	70
2 – O FUTEBOL NAS CONVERSAS COTIDIANAS COM MEUS ALUNOS (AS)	75
2.1 – FUTEBOL MESTRE E APRENDIZ.....	75

2.2 – FUTEBOL EM VERSO E PROSA.....	77
2.3 – FUTEBOL, TORCEDOR E PAIXÃO.....	81
2.4 - FUTEBOL E A MÍDIA.....	83
2.5 – FUTEBOL SENSO COMUM OU CULTURA ?	86
3 – METODOLOGIA DAS CONVERSAS COTIDIANAS.....	91
3.1 - AS CONVERSAS SOBRE O FUTEBOL.....	91
A) FAVORÁVEIS: PAIXÃO, TORCEDOR FANÁTICO.....	91
B) INDIFERENTES.....	95
C) OS QUE NÃO GOSTAM DE FUTEBOL.....	96
D) FUTEBOL COMO CULTURA.....	97
E) FUTEBOL E CIDADANIA.....	100
F) DIVERSÃO.....	101
3.2 – AS MENINAS E O FUTEBOL.....	103
4 – OUTRAS CONVERSAS COTIDIANAS COM OS MEUS ALUNOS E ALUNAS.....	106
4.1 – COM ASTROGILDA.....	106
4.2 – COM BENQUEFUSO.....	107
4.3 - COM FULANA.....	108
4.4 – COM MORGAN.....	109
4.5 – COM KAM.....	110
4.6 - COM ZUEL.....	111
4.7 - COM PERÔNIO.....	112
4.8 – COM GRAFITE.....	112
4.9 – COM ASTROGILDO.....	114
CONCLUSÃO.....	116
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	119
ANEXO 1	123
ANEXO 2	124
ANEXO 3.....	127
ANEXO 4.....	128

RESUMO

Este estudo está voltado à análise da relação entre o futebol e a educação no cotidiano escolar, elaborado através de uma revisão bibliográfica e de minha vivência e conhecimento empíricos, adquiridos através dos anos como atleta profissional: Levei em conta a transformação que ocorreu em minha vida, de atleta para professor de Educação Física, assim como os relatos e as narrativas de meus alunos e alunas, e seus acontecimentos no cotidiano. Essa escolha metodológica deu-se pelo fato de que ao estudar o cotidiano através das narrativas, pode-se chegar a uma análise, da relação futebol e cidadania. Essa modalidade esportiva faz parte da cultura brasileira e planetária, envolvendo, direta e indiretamente, milhares de pessoas, países, culturas e empresas. Desenvolvido por um número incalculável de crianças, principalmente pelas mais pobres, há sempre o sonho de se tornar um atleta profissional, criando um imaginário a esse respeito, além deste ser alimentado por pessoas próximas, como os próprios pais, amigos, parentes, etc. O futebol pode proporcionar uma oportunidade, ou uma possibilidade de ascensão social, econômica e cultural, conseqüentemente, uma independência financeira almejada por muitos. Eis aí uma questão: até que ponto o futebol é um “trampolim” social? E para quantos isso é uma verdade? Quantos milhares de crianças precisam passar por esse processo, para que apenas algumas brilhem no *Hall* da fama do futebol? Por que trabalhar esse esporte dessa maneira? Estudos indicam que tais atitudes são apenas para atender a um mundo extremamente capitalista, onde o lucro está acima de qualquer coisa. (GAMA, 1998). Ao término desta investigação, pude perceber a importância que as pessoas dão ao futebol, seja na escola, seja na sociedade, seja no bairro em que vivem. O fato é que, ele está presente nas conversas do cotidiano, ou numa discussão acadêmica, numa visão mais reflexiva. O futebol dentro da escola influencia na transformação do aluno, na sua conduta, no seu comportamento e em sua noção de mundo e de cidadão.

Palavras chaves: futebol, cultura, cidadania e prática-pedagógica

Abstract

This study is aimed at the analysis of the relation between soccer and education in the school elite, elaborated through a bibliographical revision and my own experience and knowledge, acquired through the years as professional athlete; I still took in account the change that occurred in my life, which is, from an athlete to a Physical Education teacher, as well as my pupils' narratives in their day by day. This methodology was chosen due to the trustworthy result of the relation between soccer and its influence on the citizenship when studying narratives. This sportive modality is part of the Brazilian and the world's culture involving, directly and indirectly, thousands of people, countries, cultures, money and companies. Developed by an uncountable number of children, there will always be the dream of becoming a professional athlete, creating an imaginary world to this respect, besides this dream is stimulated by close people, like the proper parents, friends, relatives, etc. I believe that the soccer can provide a chance, or a possibility of social, economic and cultural ascension, and consequently, a financial independence. Here is a question: up to what point is soccer a social springboard? And for how many people is this true? How many thousands of children need to go under this process, so that only a few of them shines in the soccer *Hall of fame*? Why working this sport in this way? Studies point out that such attitudes are taken only to attend an extremely capitalist world, where the profits are above of any thing (GAMA, 1998). At the end of this study, I was able to realize the importance people give to soccer, even if it's in school, in society, in the neighborhood they live in the fact is that soccer is present in daily talking and, in academic discussion. Soccer, inside the schools, influences the changes in students, in their discipline, in their behavior, and their ideas about the world and its citizens.

Key words: soccer, citizenship, culture, pedagogical practices.

INTRODUÇÃO

Afinal “quem não sonhou em ser um jogador de futebol?” (Música Uma Partida de Futebol – Grupo de Rock Nacional Skank).

Segundo Freire J. B., (2003, p. 6) “como todas as crianças do mundo, eu construí, quando criança, meu mundo de fantasias”, tudo começou a partir de um sonho de infância de um dia conseguir me tornar um atleta profissional de futebol, um imaginário que um grande número de crianças do sexo masculino, e, nos dias de hoje, também algumas do sexo feminino, criando o seu próprio mundo de fantasias.

Já na vida real, como professor da modalidade, levo em consideração a possibilidade dos pais, dessas crianças acreditarem nesse sonho de uma forma direta, influenciando em suas decisões. Quando eles vislumbram a oportunidade, de seu filho(a) se tornar um atleta profissional, chegam a criar expectativas maiores que as da própria criança, pois enxergam nela a possibilidade de resolver alguns problemas familiares. Nesse contexto, associam-se à independência financeira, estabilidade, e uma maneira mais rápida de ter a tão sonhada ascensão social, ou seja, esse imaginário está presente não só na criança, mas também na sua família. Essa ilusão de pais, mães, filhos e filhas, às vezes de famílias inteiras, pode durar períodos, sejam eles curtos ou longos. Isso vai depender muito do desempenho do seu próprio filho (a), com relação ao aperfeiçoamento e destaque, qual seja, o que esse garoto recebe durante o período em que ele participa desse processo. Tornar-se atleta profissional pode ou não fazer parte da vida desses jovens, adolescentes ou crianças, e essa resposta é o que procuraremos analisar: o que realmente é necessário para se tornar um grande atleta profissional de futebol?

Também fui uma dessas crianças, e participei de um desses processos, pois vivia dizendo a todos que estavam dispostos a ouvir, que, quando crescesse, me tornaria um grande jogador de futebol (atleta profissional). Nessa época, não havia barreira que eu não pudesse transpor; apesar dos entraves e as dificuldades que rondassem esse meu sonho, a vitória era certa.

Em nossa infância dentro da escola, acontecem passagens interessantes, e, lendo João Batista Freire em “Pedagogia do futebol”, reportaram-me as lembranças:

“Um belo dia, na escola, a dona Célia – era esse o nome da professora – resolveu perguntar a cada um de nós, uns 40, o que queria ser quando crescesse. Fui um dos últimos. Um por um, perguntados, respondíamos: “jogador de futebol, professora”. Chegou minha vez. Ela já perguntou como se a resposta não pudesse ser outra: “médico,

engenheiro, advogado”. E eu, um tanto constrangido: “Jogador de futebol, professora”. “Nunca cheguei àquele futuro de menino. Futebol, pra mim, só o dos sábados à tarde ou o dos domingos pela manhã na várzea. No entanto, ainda hoje, se me perguntarem o que vou ser quando crescer: ouvirão um menino constrangido respondendo, “jogador de futebol”. (FREIRE, 2003, p. 6-7).

O autor relembra um fato acontecido em sua infância. No contexto de uma aula comum, relata o que acontecia na escola em que estudava, que ele, melhor aluno da classe, não foi compreendido pela professora, que se mostrou extenuada com a sua resposta. Ela, no meu entender, não levou em consideração a importância do que estava sendo dito, parecia-lhe apenas repetição, porém envolvia, o sonho, a ilusão, o desejo, de fazer parte da turma, e tudo mais que envolve o mundo de uma criança, paralelamente a esse mundo real, existia de modo imaginário o que o futebol poderia proporcionar. Outra hipótese a ser levantada, seria a exposição de Freire perante seu grupo de amigos e alunos, pois, se sua resposta não fosse igual à do seu grupo, o que eles poderiam pensar ou mesmo julgar seu companheiro?

Essa passagem lembra minha infância, pois, para fazer parte de um grupo, sempre tínhamos um “preço a pagar”. Na minha concepção, mostra a influência do futebol na formação cultural e social dos nossos jovens dentro da escola, pois está presente nas conversas do cotidiano, dentro ou fora da escola.

Achei importante citar essa passagem do J. B. Freire, porque o futebol era uma verdade em nosso cotidiano escolar. Lembro-me como se fosse hoje, de que, sempre que possível, éramos questionados sobre o que gostaríamos de ser quando crescer?

Não sei bem ao certo o porquê da pergunta, várias hipóteses podem ser levantadas, como faz Rubem Alves, em *Estórias de quem gosta de ensinar*. Inicia seu livro abordando tal tema e alertando para o perigo de sempre se buscar uma utilidade social às ocupações profissionais, sei que éramos questionados, seja através de redações, de ditados, ou de perguntas orais. Talvez fosse um certo estímulo para nos preparar para o tão complicado mercado de trabalho. Porém o mais interessante a citar, são os depoimentos dos meus amigos, e olhe que nosso grupo era bastante grande, lembro-me de alguns nomes como: Oderaldo, Luizinho, Rona (Anzol), Ricardão, João (gordo), “Tição”, Saulo, Daniel, nesse grupo a resposta não poderia ser outra que “jogador de futebol”. O que me marcou nesse texto de J. B. Freire foi a resposta dada pelas crianças. Entre a minha infância e a do autor, as respostas eram praticamente as mesmas, contadas apenas em anos diferentes.

Claro, que faltou a minha resposta, e, como não podia ser diferente da do meu grupo, enchia o peito e falava em alto tom: “quero ser um grande jogador de futebol”. Não bastava ser jogador, mas, sim ser o melhor, teria de ser diferenciado dos demais, já tinha em meu imaginário a minha carreira de atleta profissional definida, até as equipes pela qual eu gostaria de jogar, além de uma passagem pela seleção brasileira.

Esse fato que relato aconteceu numa escola próxima do meu bairro, a “E.E.P.G. Prof. Genésio Machado”, localizada na vila Progresso, em Sorocaba S.P. aproximadamente entre 1982 e 1986.

Passado alguns longos anos de lutas, frustrações e muitas, mas muitas alegrias, o sonho tão esperado e idealizado tornou-se realidade. Um pouco diferente da história contada por João Batista Freire, tornei-me aquele futuro de menino, atleta profissional, para depois exercer realmente a profissão que mudou completamente meu viver a de professor de Educação Física. Parecia nesse primeiro momento que a vitória era certa, mas é sempre bom esperar pelo apito final do árbitro, pois, como dizia Vicente Mateus “o jogo só termina quando acaba” (*). Esta frase, representa muito pra mim, já que transforma o sentimento, que fica escondido no seu íntimo, em realidade. Às vezes, você acredita que pode conseguir algo, mas em questão de segundos, tudo pode mudar.

Após realizar o meu grande sonho, ainda sinto, porém, tristeza em relação ao futebol. Talvez por não ter conseguido alçar vôos mais altos, não sei bem ao certo como me expressar, porém fica o registro de que faltou algo mais, para que meu sonho, fosse completo. Faltou, por exemplo, conseguir jogar no meu time do coração, o São Paulo. Se esta hipótese se concretiza-se, talvez meu sentimento, com minha carreira profissional fosse apenas de alegria.

Sou um apaixonado por esse esporte, mas essa paixão não desvia meu olhar crítico, nem meu senso de pesquisador, do meu objeto de estudo, que é este mundo paralelo, o mundo imaginário do futebol. Digo isso, para poder expressar o que sinto em relação à dificuldade que uma criança tem que passar para se tornar um atleta profissional, e sendo, tamanha a dificuldade de se manter nessa posição.

Para sustentar o que digo, recorro ao meu passado no futebol, pois vivi essas dificuldades “na pele”.

(*) – Uma frase dita num jornal, do qual não me lembro, e não consegui localizar a fonte, mas que ficou gravada na minha memória e cuja autoria é de conhecimento público.

Gostaria, então, que os alunos fossem melhores orientadas, criando um vínculo forte com o esporte, porém não deixando que pensem ser a única chance de se tornarem alguém na vida.

Refiro-me aqui à realidade de times de grande expressão do país, além das escolinhas de futebol espalhadas pelo Brasil. Nesses times, é que realmente acontecem as grandes provas da vida, nas quais as crianças, às vezes, submetem-se a qualquer tipo de humilhação, para pelo menos tentar manter, o status de atleta profissional ou de alguém reconhecido e com fama nesse meio.

A enorme vontade de se tornar um atleta respeitado, vêm em primeiro lugar, então todas as dificuldades encontradas pelo caminho, passam a serem transpostas, pois a linha de chegada deste sonho é a Seleção brasileira.

Esse é, sem dúvidas, o mais esperado por qualquer atleta profissional: representar nosso país na disputa de uma Copa do Mundo.

Essa analogia serve para mostrar o quanto o futebol tem influência na formação cultural do nosso povo, dentro ou fora da escola, é alimentado pelo imaginário coletivo e individual das crianças.

Desta forma, este estudo se propõe a analisar esta construção, no cotidiano escolar, de forma a possibilitar o entendimento e o desencadeamento por que passam centenas ou milhares de crianças escolarizadas, que tem no futebol sua chave para o sucesso, ainda que do ponto de uma leitura idealizada pela sociedade capitalista, mas uma idealização, que aos poucos, vai perdendo sua tonalidade ingênua para adquirir uma nuance mais acentuada e aguerrida.

JUSTIFICATIVA

Sabe-se que o esporte está presente na cultura do país. Em se tratando de futebol, ele por si só já é uma cultura, pois a pessoa que com ele interage, seja como jogador, seja como espectador, fica pertencendo a um grupo, tem relações sociais, afetivas e econômicas com seus pares, por exemplo: se você é Palmeirense, dificilmente vai ser aceito pelo pessoal do Corinthians e vice-versa. Sem contar que se trata de um esporte barato que, para praticá-lo, basta somente uma bola, um espaço, demarcações de trave e um grupo de pessoas. E, o que é

melhor, tudo pode ser feito de improviso. Como toda atividade física, o futebol tem uma íntima relação com o prazer que provoca nas pessoas que o praticam.

O tema *futebol* já foi abordado em filmes, músicas, propagandas publicitárias, novelas e infinitos outros meios. Porém foram poucos os atletas que passaram a serem vistos como fenômenos de marketing. Isso acontece somente quando ganham fortunas com o ofício de jogar bola, e, através deste *status*, outras portas se abrem. Todavia a representação desse jogador bem sucedido, muitas vezes, está presente nas crianças e jovens de nossa sociedade.

O esporte na escola pode ser um instrumento para que se conheça melhor o aluno, seu meio ambiente, sua história de vida, todos os fatores que o influenciam para que ele, hoje, seja considerado um aluno, que demanda um bom tratamento e uma escola melhor preparada para acolhê-lo.

A escolha desse tema torna-se importante a partir do momento que se faz necessário desvendar os mitos sobre o futebol, e utilizá-lo como instrumento possível para tornar a escola um ambiente mais próximo ao aluno, onde o aprendizado da cidadania poderá acontecer de forma concreta e prazerosa.

OBJETIVOS

Este trabalho tem os seguintes objetivos:

- A – Identificar a importância dada ao futebol como elemento cultural agregador de interesses numa escolaridade formal;
- B – Identificar elementos indicativos de cidadania, oferecidos pelo futebol, aos praticantes da modalidade.

"O futebol pode ser uma temática geradora para ser trabalhada por várias disciplinas" (CARRANO, 2000, p. 27)

Através do futebol na escola pode-se despertar o aluno ao prazer pela atividade física, que hoje, e no futuro pode lhe garantir uma melhor qualidade de vida. A idéia é que essa modalidade portanto desperte na criança o prazer pela prática da atividade física.

Se o futebol for utilizado como um projeto educacional, pode contribuir na formação de cidadãos autônomos e participativos, pois, faz com que os alunos(as) pensem como um coletivo, mas não deixem de atuar sozinhos e para o bem comum, pois se não se organizarem

como um time não conseguirão vencer seus adversários, e seus obstáculos. Fazendo um paralelo com a vida, se a pessoa não executar suas funções diárias dentro de qual setor ou área ela for atuar, estará perdendo o jogo para o próprio sistema, seja ele qual for.

A metodologia pedagógica através do futebol, que venho aplicando dentro da escola, permite-me colher diferentes níveis de relatos, das narrativas, e conversas do cotidiano, os quais fundamentam minha pesquisa para identificar como o futebol vem sendo visto e falado dentro e fora da escola e como ele contribui para a noção de cidadania.

I – BASES TEÓRICAS:

1- FUTEBOL: SEU IMAGINÁRIO NO COTIDIANO ESCOLAR

Nesta pesquisa, analisaremos algumas das questões mais debatidas no mundo dos esportes, o futebol, o imaginário e a cidadania, que oferecem espaços para uma realidade social a ser conquistada. No momento esportivo, cabe aos jogadores de futebol, das grandes equipes, um papel especial de permitir que se aflorem os sonhos e as buscas ideais de sucesso e riqueza, reforçando um imaginário que rompe com as questões de ordem prática e teórica, mas que nem sempre aportam em lugares alicerçados.

Tal inconsistência, às vezes, serve de recuo ou desistência de tal busca, mas todos os iniciados do futebol alimentam, por muito tempo, essa busca. Alguns, de forma mais acirrada, lançam suas vidas nas perseguições da fama. Outros, mais organizados e cautelosos, avançam atentos para uma cultura plural que lhes garanta espaço de sobrevivência, caso o futebol não aconteça.

Diante deste quadro, buscaremos estudar o futebol, dentro da escola, através da fala de nossos interlocutores e da nossa própria fala, cruzando estas histórias de vida e amarrando-as numa teia de conceitos e teorias que possibilitam o entendimento das questões que permeiam o imaginário e a realidade do mundo esportivo.

1.1 – FUTEBOL E SUA HISTÓRIA

A história mostra-nos a origem dos jogos com bola, que se deu há séculos e tudo começou quando o homem conseguiu formar um objeto na forma de uma esfera, com qualquer objeto que encontra-se, a partir daí é que se tem alguma idéia de como surgiu o futebol.

Segundo Carrano (2000), esta modalidade surgiu na Inglaterra, onde foi bastante difundido nas escolas da burguesia com o objetivo de, a partir desse esporte, controlar os impulsos dos jovens, preparando os futuros líderes e propagando valores.

Existem muitas controvérsias de como surgiu o futebol no Brasil, e de como foi divulgado e difundido. A história registra, que há relatos de que o futebol oficialmente nasceu no Brasil no inverno de 1894, através de Charles Miller, mas também há historiadores que afirmam que já existiam indícios de que o futebol era praticado pelos alunos dos colégios Salesianos, principalmente na cidade de Itu, antes de Charles Miller. Um dos relatos, por um

lado, afirma que a divulgação do Futebol no seu início foi muito difícil e complicada por se tratar de um jogo nobre, que só poderia ser jogado pela elite da sociedade, mas, por outro lado, já nessa época, o futebol tinha uma relação com a educação.

Após esse período elitizado, o futebol acabou sendo praticado principalmente na várzea, às margens do Rio Tietê. Aos poucos, a “aristocracia” começou a reunir-se para assistir a essas apresentações. Era considerado um esporte barato. Na época, utilizava-se bexiga de boi como bola para tal prática. Além disso, as regras de fácil entendimento foram de fundamental importância para a rápida difusão do esporte. Nas primeiras décadas do século XX, o futebol já era praticado por muita gente e não era mais exclusividade de uma única classe social.

“Outra possibilidade para explicar a popularidade é a adequação ao gosto popular. O futebol e sua necessidade do coletivo, bem como permitir uma violência controlada, estava simbolicamente mais próximo de outras manifestações populares, na época, como as touradas e brigas de galo”. (CARRANO, 2000, p. 21).

Essa fala também se aplica aos nossos dias, pois além de permitir essa violência controlada, o futebol extrapolou as quatro linhas, pois hoje é utilizado como pano de fundo para que bandidos aproveitem dessa situação e espalhem pânico dentro e fora dos estádios, gerando uma violência totalmente descontrolada, muito mais próxima de uma guerra civil do que propriamente as brigas de galo, como citava Carrano.

Desde sua implantação e decorridos alguns anos da sua divulgação no Brasil, o Futebol tornou-se uma espécie de fenômeno, tamanho foi seu desenvolvimento e crescimento em tão pouco tempo. Ironia ou não do destino, um jogo criado para ser totalmente burguês, já estava sendo dominado praticamente pela classe mais pobre da sociedade, já que, consegue agradar e fazer jogar um grande número de pessoas, sem necessariamente se precisar gastar algum dinheiro para essa prática desportiva.

“O futebol colou e não foi fogo de palha. Talvez por ser um dos poucos espaços sociais que nasceu para as elites e do qual as camadas populares se apropriaram rapidamente, reivindicando o direito de igualdade diante do jogo de futebol, valor esse que não existia em outras esferas sociais. “Colou”, talvez, por ser uma das poucas

experiências de participação popular na esfera altamente significativa da política”. (MURAD, 1997, p.17)

Tamanho é a influência do futebol no cotidiano das pessoas, *que “Basta dizer que, de desconhecidos, os jogadores passaram a ídolos, e, atualmente, são verdadeiros deuses; donos de um prestígio e respeito dificilmente obtidos por representantes de outras categorias profissionais*”. (CARRANO, 2000, p. 24)

Esse prestígio se faz presente, e retrata a influência do futebol na vida cotidiana das pessoas, pois uma declaração dos atletas, principalmente nessa época de copa do mundo é levada muito a sério e tem repercussão nacional. Com o decorrer dos anos o futebol consolidou-se e tornou-se o principal esporte do país, praticado por um grande número de pessoas e por qualquer classe social, homens ou mulheres, com um percentual maior sempre para o sexo masculino.

1.2 – FUTEBOL E SENTIMENTOS

Na música ou no cinema também, mas sobretudo na televisão podemos vivenciar uma grande difusão do futebol, visto o imenso número de programas diários ao meio do dia e no final dos domingos, quando, ao redor de uma mesa, reúnem-se jogadores, ex-jogadores, jornalistas, comentaristas e dirigentes, para discutir temas relacionados aos jogos e para falar de forma acalorada sobre futebol.

Também merece ser destacado como muitos brasileiros conseguem uma desculpa para poder praticar o futebol, qualquer hora é hora e qualquer motivo é motivo para se jogar uma partida de futebol. O futebol tomou tamanha proporção, devido a vários fatores dentre os principais, a facilidade com que se joga e em qualquer lugar, seja num piso escorregadio ou numa rua esburacada ou asfaltada, não importa, qualquer lugar vale para se praticar o futebol, até mesmo na plataforma da Petrobrás no meio do oceano.

“Pode ser em um canteiro central, em pleno meio dia, na extremamente movimentada Avenida Marginal Tietê, em São Paulo; pode ser às duas horas da manhã, quando os garçons largam o serviço e vão jogar no Aterro do Flamengo, no Rio de Janeiro; ou nas margens do Rio Amazonas. Pelas ruas, onde a parede vira um companheiro de equipe, os carros são praticamente driblados e o paralelepípedo do meio-fio é um terrível inimigo para os dedos dos pés. Quem já não viu moleques

jogando futebol em plena ladeira, desafiando as leis da Física e se divertindo, mesmo nas condições mais adversas possíveis”? (CARRANO, 2000, p.25).

Esse é o mundo do futebol, esta convivência social que se faz necessária, essa também é uma das forças do futebol, assim consegue mexer com os sentimentos de uma grande maioria do povo brasileiro. No período da Copa do Mundo, não só o Brasil se mobiliza para assistir esse evento, mas o mundo se coloca “aos pés do futebol” e o mais interessante é que a copa é disputada dentro de um período restrito de aproximadamente um mês ou um mês e meio e de quatro em quatro anos. Talvez seja esse um dos atrativos para tanto interesse. É importante relatar como o mundo inteiro se envolve nesse período, a importância que a população mundial dá a esse evento e como se mobiliza de todas as maneiras possíveis para poder assistir ou participar um pouco desse espetáculo. *“Mas freqüentemente o futebol provoca um sentimento mais profundo que a religião e, tal como esta, é uma parte do tecido comunitário, um repositório de tradições”*. (FOER, 2005, p. 9).

Como afirma o escritor Franklin Foer, esse sentimento pelo futebol transcende até mesmo a religião, que em nosso país dentro da nossa sociedade era muito importante, na minha opinião nossa sociedade perdeu um pouco seus pilares, e essa necessidade de ter algo em que se apoiar para dar sentido a vida, faz com que o futebol se torne muito mais que uma paixão, torna-se parte integral do seu viver.

Na história do nosso país, esse sentimento pelo futebol, ficou mais evidenciado após a derrota da Copa do Mundo de 1950, uma vez que a mesma foi realizada no Brasil, logo após a segunda Guerra Mundial, quando o mundo ainda vivia os problemas desse período e nenhum país queria sediar esse evento.

Os governantes na época, já vendo no esporte uma grande afirmação da sua política interna, utilizaram o futebol como pano de fundo para sua real intenção. Resolveram, então, sediar a copa de 1950 e construíram um estádio para abrigar esse evento, mesmo com alguns adversários políticos que preferiam gastar esse dinheiro com obras sociais. O esplendoroso “Maracanã”, que foi inaugurado em 16 de junho de 1950, na época o maior e melhor estádio do mundo, foi palco da grande final, a grande festa esperada pelo povo brasileiro. O Brasil chegou pela primeira vez a uma final de Copa do Mundo, justamente contra o Uruguai, que, nessa época, era um fenômeno no contexto do futebol mundial. Perdemos por 2x1. O sentimento de frustração tomou conta do povo brasileiro, mas acredito ter sido o grande momento para o futebol se tornar uma paixão nacional, visto que, o “Maracanã”, recebeu

oficialmente 174 mil pessoas naquele jogo da final, sem contar as pessoas que circularam por lá durante esse período de copa do mundo, mas ainda acredita-se que estavam presentes, mais de 200 mil pessoas, contando entre todos: torcedores, políticos, jogadores, jornalistas, etc.

“O Brasil e o Uruguai disputaram a final no Maracanã. O dono da casa estreava o maior estádio do mundo. O Brasil era uma barbada. A final era uma festa. Os jogadores brasileiros, que vinham esmagando todos seus rivais de goleada, receberam, na véspera, relógios de ouro gravados no dorso: aos campeões do mundo”. (GALEANO, 2004, p. 90).

Nunca saberemos ao certo o porque da derrota, muitas hipóteses foram levantadas, a mudança de concentração para o alojamento de São Januário, a presença maciça dos repórteres, o assédio de famosos e políticos da época, a falta de organização, a atuação fantástica da dupla, Obdúlio Varela e Gigghia a grande dupla de atletas do Uruguai, enfim a vitória da raça Uruguaia ou a verdadeira catástrofe?

“Cada povo tem a sua irremediável catástrofe nacional, algo assim como uma Hiroshima. A nossa catástrofe, a nossa Hiroshima, foi à derrota frente ao Uruguai, em 1950” (DIEGUES, Jr. 1963).

Gostaria de mencionar o depoimento do goleiro da seleção brasileira dessa época, Moacir Barbosa, em que relata o sentimento que ficou guardado durante todos os anos de sua vida, uma pessoa que passou de herói a vilão em frações de segundos e calou o “Maracanã”.

“Passaram-se os anos e Barbosa nunca foi perdoado. Em 1993, durante as eliminatórias para o Mundial dos Estados Unidos, quis dar ânimo aos jogadores da seleção brasileira. Foi visitá-los na concentração, mas as autoridades proibiram sua entrada. Naquela época, vivia de favor na casa de uma cunhada, sem outra renda além de uma aposentadoria miserável. Barbosa comentou: -- No Brasil, a pena maior por um crime é de trinta anos de cadeia. Há 43 anos pago por um crime que não cometi.”. (GALEANO, 2004, p. 94).

Essa responsabilidade da falha no gol do Uruguai foi creditada a sua pessoa, porém ele sofreu muito além do que merecia, pois somos seres humanos cheios de qualidades e defeitos. Mas as pessoas dessa época lembram e reproduzem essa mesma versão. Como gostaria de saber de uma pessoa próxima, então perguntei ao meu pai o que lembrava desse momento. Perguntei-lhe: na sua opinião, o que mais marcou a Copa do Mundo de 1950 aqui no Brasil? Ele relatou o gol tomado por Barbosa, essa foi sua primeira lembrança; depois conta com entusiasmo toda à euforia que tomava conta do país; relatou também que o Tio dele, Olívio, levava-os, ele e seu irmão Arthur, para ver e ouvir os jogos da Copa, pois para o meu pai o simples fato de sair com seu tio da sua casa para algum lugar, em seu imaginário sentia-se no próprio campo de jogo. Vale ressaltar que meu pai estava com dez anos de idade nessa época.

Para Antunes (2004), no livro “Com brasileiro não há quem possa! ”:

“O insucesso da seleção brasileira foi atribuído à instabilidade emocional dos jogadores e, por extensão, da própria nação brasileira. A fusão de raças, ou seja, a mestiçagem nacional estaria na base dessa instabilidade emocional, que, nesse caso, faria os instintos sobrepujarem a razão. Ou seja, momentaneamente, a tão decantada mestiçagem deixara de ser positiva e passaria a enxergar apenas seus aspectos negativos; ela impedia que a nação brasileira atingisse o reconhecimento e o respeito internacionais”.(ANTUNES, 2004, p. 57).

Como sempre no futebol, nos momentos de derrotas, deve haver algum tipo de explicação para o acontecido e geralmente coloca-se a culpa em algo, ou alguém, responsabilizando-o pelo fracasso, ou ainda atribui o erro a um fato incomum, como as coisas do além, do sobrenatural. Qualquer dos lados A ou B, que perca o jogo, sente-se na obrigação de justificar o ocorrido, porém quem ganha, comemora e conta suas vantagens. Nos meus jogos de quarta-feira à noite, no “rachão” que fazemos com nossa turma, temos um companheiro de equipe que procede exatamente como a cartilha do futebol manda. Para tudo, tem uma justificativa: se ele perde um gol é porque o adversário o puxou ou porque quando foi bater na bola, ela pegou num desvio do campo, o que o fez errar o golpe, chutando torto; ou o árbitro não viu que o adversário fez falta quando ia chutar a bola etc. Ele não é capaz de assumir seu erro pessoal e, assim, estes erros muitas vezes fica encoberto pelo coletivo.

1.3 – FUTEBOL E POLÍTICA EM TEMPOS DE COPA DO MUNDO

“O Brasil é uma curiosa versão dos Estados Unidos. É um país do Novo Mundo fantasticamente vasto, rico em recursos naturais, que não ganhou a hegemonia mundial. No auge de Pelé, os anos 1950 e 1960, o Brasil resolveu conscientemente reverter essas condições. Uma série de presidentes populistas (1956-64), e depois a ditadura militar (1964-1985), puseram em prática um tipo agressivo de industrialização forçada e nacionalismos econômicos, elevando tarifas, abrindo empresas estatais e encomendando projetos de obras públicas a um ritmo furioso. “Cinquenta anos em cinco” foi o lema de tom soviético do regime do presidente Juscelino Kubitschek no final da década de 1950 e início da de 1960. O comércio foi estimulado por investimentos. Ao final do governo Juscelino, em 1961, o PIB estava crescendo a uma taxa de 11% ao ano” (FOER, 2005, p. 111).

Esse era o panorama do nosso país, que queria reconhecimento e desenvolvimento, e uma das portas encontradas pelos governantes era o futebol, apesar de estarmos despreparados não apenas para uma reforma em regra no esporte número um do país, mas também para o capitalismo. Através deste tentou-se manipular a sociedade como um todo, nessa linha de raciocínio gostaria de chamar a atenção para um repórter, escritor, jornalista, cronista, conhecido e também muito polêmico em sua época, Nelson Rodrigues. Ele retrata muito bem esse “perde e ganha”, do futebol nacional. Nesse período ele menciona o que aconteceu com a seleção nacional, pois também concordava com a associação entre o fracasso de 1950 e a instabilidade emocional do jogador brasileiro, mas divergia quanto à identificação de suas causas: atribuía a responsabilidade à falta de consciência nacional e, de convicção do brasileiro quanto às suas reais potencialidades. Para ele, se o Brasil tinha o melhor futebol do mundo, só seria preciso que os próprios brasileiros se convençam disso. Alega que a história de um país e de um povo se escreve também por meio do futebol e que este poderia ser interpretado como o mito de origem de uma sociedade e de uma cultura.

Nelson Rodrigues observa que, na medida em que o povo brasileiro se conhecesse melhor, soubesse identificar suas qualidades e seus defeitos e superá-los, alcançaria a vitória não apenas no futebol, mas em todos os campos de atividade; obteria o reconhecimento

internacional como nação portadora de uma identidade própria. Além de acreditar também que a derrota e a vitória traduziam a alma de um povo.

“A associação do povo brasileiro à inferioridade do tipo humano indefinido, resultante da mistura racial: o brasileiro sofria de um irremediável complexo de vira-latas: (a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol). A pura, a santa verdade é a seguinte, qualquer jogador brasileiro, quando se desamarra de suas inibições e se põe em estado de graça, é algo de único em matéria de fantasia, de improvisação, de invenção. Em suma: temos dons em excesso. E só uma coisa nos atrapalha e, por vezes, invalida as nossas qualidades. Quero aludir ao que eu poderia chamar de “complexo de vira-latas”. Mas foi a partir da copa de 1958, é que realmente o futebol despertou nos brasileiros, orgulho, gosto, admiração, identidade e principalmente vontade de fazer parte dessa nação; já que ninguém mais tem vergonha de sua condição nacional, o povo não se julga mais uns vira-latas, pois o brasileiro tem de si uma nova imagem e o futebol criou no brasileiro um patriota de plantão”. (ANTUNES, 2004, p. 30).

No meu entendimento esse foi um processo muito doloroso e complicado para o povo brasileiro, pois entendermos que somos uma mistura de todos os outros países como as nossas próprias origens de índios e negros, foi de difícil assimilação. Mas quando entendemos que não necessariamente ser vira-latas era depreciativo e era algo que podíamos ser, pois a conotação que nos era dada não importa, pois nós somos mesmo uma mistura, então por que não assumir essa identidade e a partir dela fazer com que cada vez mais sejamos respeitados pelo que nós somos o povo brasileiro. Sem necessariamente perder toda auto-estima, nossa confiança, nossa vontade de ser brasileiro, e sim criar a nossa própria identidade a partir dessa conotação pejorativa de vira-lata, entendemos que ser brasileiro é algo único, é não desistir nunca, e lutar pelos nossos ideais, entender que nosso país tem seus defeitos e suas qualidades, assim como os outros países; basta visualizarmos o maravilhoso país em que vivemos e sabermos usufruir dessas qualidades, proporcionando uma sociedade melhor mais justa, onde possamos ter orgulho de sermos brasileiros e sermos reconhecidos por isso, não apenas sermos conhecidos como o país do futebol.

Essa concepção foi se moldando e sendo institucionalizada pelas conquistas do povo brasileiro através do futebol, pois em 1958 nascia para o mundo o menino Pelé, e principalmente para o povo brasileiro surgia a grande oportunidade de se sentir nação e ter orgulho de ser brasileiro. “*A consagração de Pelé, foi na Suécia, durante o sexto Campeonato Mundial. Participaram do torneio doze equipes européias, quatro americanas e nenhuma de outras latitudes*”. (GALEANO, 2004, p.104).

Logo após a conquista, Nelson Rodrigues relata que houve um “pileque cívico”; o Brasil vivia momentos agitados, e todos se perguntavam sobre o rumo que tomaria o populismo a partir de então. No campo cultural, as classes populares eram destaque nos Centros Populares de Cultura (os CPCs), nos teatros, nos cinemas e nas Músicas. O Brasil se classifica com um gol de falta de Didi, denominado “folha seca”, como era chamado seu chute, “com efeito”, que quase sempre executava com perfeição durante os jogos.

Do descaso e sem prestígio ao primeiro título mundial, essa foi à trajetória do país na disputa da maior copa realizada até então, com 53 países inscritos para participar. As duas mais charmosas seleções chegaram a final, Brasil por suas impecáveis exibições, e a Suécia por se a dona da casa. Finalmente o mundo conhece a trajetória do futebol brasileiro, e o grito engasgado desde 1950, sai da garganta e é ecoado pela força da paixão de um país.

Começa de novo a mesma história, apoiado num passado recente parecia que o Brasil precisava mais da vitória e do bicampeonato, que seria na próxima Copa do Mundo, a ser realizada no Chile, em 1962, do que necessariamente resolver os seus problemas sociais, por exemplo, o problema que vivia o Nordeste brasileiro, a falta de água. Os políticos da época temiam que uma derrota em 62, faria o nosso povo voltar a ter aquele sentimento de “vira-lata”, termo usado por Nelson Rodrigues, que logo em seguida, veio a substituir por subdesenvolvido e que para Mário Filho considerava o complexo de ser brasileiro. E, desta forma, a autoconfiança recém adquirida, poderia perder seus pilares.

A copa de Garrincha, pois se esperava muito de Pelé, mas ele jogou apenas um jogo e meio e machucou-se, assim deu lugar para o brilho da “estrela solitária”, nome dado pelo escritor Ruy Castro a Garrincha em seu livro: “Um brasileiro chamado Garrincha”.

*“Se há um deus que regula o futebol,
esse deus é sobretudo irônico e farsante,
e Garrincha foi um de seus delegados
incumbidos de zombar de tudo
e de todos, nos estádios”* (ANDRADE, 2002, p. 49).

“O Brasil ganhou o torneio. Sem Pelé e sob a batuta de Didi. Amarildo brilhou no difícil lugar de Pelé; atrás, Djalma Santos foi uma muralha; e, na frente, Garrincha delirava e fazia delirar. ‘De que planeta veio Garrincha?’, perguntava o jornal El Mercurio, enquanto o Brasil liquidava os donos da casa”. (GALEANO, 2004, p.117).

A grande final entre Brasil e Tchecoslováquia prometia ser o grande confronto dessa copa, e foi o que fizeram, foi o jogo mais bonito da copa. Com o povo brasileiro passando dificuldades, faltando até feijão, mas com os ouvidos colados no radinho, vibrava a cada grito de gol, era carnaval em pleno inverno de junho. Com a conquista desse bicampeonato, é interessante citar que, nesse momento o brasileiro transformou-se nas crônicas, num homem genial, que só exibia qualidades: *“Amigos, estamos atolados na mais brutal euforia... e, a partir da vitória, sumiram os imbecis, e repito: - não há mais idiotas nesta terra... Somos 75 milhões de reis”* (ANTUNES, 2004, p. 230).

O que fica da Copa de 1962, dos seus heróis, são as recordações de seus feitos inesquecíveis pois estão registrados na história do futebol; e até aqui foi a única vez que realmente o Brasil foi bi-campeão mundial, pois foi duas vezes consecutivas 1958 e 1962, nas demais conquistas houve um espaço entre elas então, o Brasil passa a ser apenas cinco vezes campeão mundial e não pentacampeão, mas é tudo uma questão de nomenclatura, o que importa realmente é do orgulho que o povo brasileiro sente em fazer parte dessa nação.

“Um sonho de quatro anos e a luta de dois meses teve fim glorioso: craques choraram de emoção”. (BIANCHI, 1962, p.10). “Ninguém podia conter as lágrimas na euforia do bi conquistado no Chile”. (STANISLAW, 1962, p.10).

Finalizo com estas palavras dos jogadores e jornalistas presentes nessa copa, ficando claro a emoção envolvida nas palavras e a importância que foi para o desenvolvimento do nosso país essa conquista, sendo ela dentro e fora das quatro linhas.

“Que mistério é esse do Futebol? Em todas as ruas, em todos os pontos do País, da casa humilde do favelado ao suntuoso palácio de um afortunado, a mesma emoção, o mesmo sofrimento, a mesma alegria esfuziante na hora do gol – como se um simples chute anulasse as diferenças sociais, como se uma bela cabeçada fosse a varinha mágica

capaz de tornar todos bons numa fração de segundo". (BIANCHI, 1962, p.1).

Essa emoção que faz parte do meu dia a dia, e tento encontrar nas falas de meus alunos e nos relatos deles no cotidiano escolar a ligação entre o mundo do futebol e o mundo da escola, fazendo com que estes apresentem as relações que o cercam para que se criem novos estudos baseados, nesse meu pontapé inicial.

Em tempos de Copa do Mundo, como é o povo brasileiro nos dias de hoje? Como o mundo se preparou para a chegada devastadora do fenômeno futebol? Não sei bem ao certo, mas relatarei um pouco do Brasil que observo em tempos de copa.

"No Brasil, costuma-se avaliar a sociedade e suas instituições pelo desempenho da seleção de futebol". (ANTUNES, 2004, p. 277).

Quando se trata de Copa do Mundo, o país pára, como retrata a música *A Banda*, de Chico Buarque, na qual todos param de fazer o que estavam fazendo para *"ver a banda passar, cantando coisas de amor"*. Nessa metáfora, posso considerar a banda como a seleção brasileira em seus jogos, que aglutinam pessoas e ruas inteiras tomam um colorido verde amarelo (não visto em épocas de feriados nacionais); a população se reúne para assistir aos jogos, para comemorar a vitória, mudando o humor do povo - *"a moça triste que vivia calada sorriu"*, porém, ao acabar o 'grande espetáculo da Terra', as pessoas voltam aos seus afazeres e tornam-se solitárias como antes: *"mas para meu desencanto, o que era doce acabou, tudo tomou seu lugar, depois que a banda passou"*.

1.4 – FUTEBOL E A ESCOLA

Nesse contexto, como a escola, enquanto componente da sociedade, pode ficar de fora dessa situação? Como observa o pesquisador Paulo Carrano:

"O futebol pode ser uma temática geradora para ser trabalhada por várias disciplinas". (CARRANO, 2000, p. 27)

Assim, o futebol pode ser discutido no cotidiano escolar, pois de uma forma ou de outra ele se faz presente: nas conversas de corredor, nas brincadeiras, nas camisetas, no humor dos alunos torcedores, que dele se utiliza constantemente.

"como um agente da ação democrática, denunciando atitudes negativas muitas vezes incentivadas pela mídia e que são absorvidas e reproduzidas pelos alunos" (Idem, p.126).

O futebol torna-se uma febre aos seus praticantes, adeptos e admiradores, uma paixão muitas vezes incontrolável, provocando discussão e brigas que não são compreendidas, nem aceita pela sociedade.

Parafraseando a professora Marisa Vorraber Costa, presente no III Seminário Internacional, "As redes de conhecimento e a Tecnologia: professores/professoras: texto imagens e sons" de 06 a 09 de junho de 2005, no qual proferiu em sua palestra:

"A educação não é privativa da escola, pois como é que o professor ou professora pode fazer uma síntese de toda a variação cultural do Brasil? A sociedade pode pensar em outros lugares, para que as crianças aprendam outras coisas, que não precisam ser especificamente dentro da escola. Vivemos numa sociedade diferente das demais, o cinema brasileiro traz um excesso de realidade, e o nosso mundo é extremamente contrastante, é um mundo dos extremos, extrema pobreza e extrema riqueza. Uma discrepância, uns vivem na luz, outros nas trevas. A espetacularização dessa nossa cultura ultrapassa o muro da escola e tem a ver com o nosso jeito de ser mais maleável, nós nos narramos dessa forma, todas as culturas são híbridas, só que nós somos mais perceptivos e receptivos que os outros".(COSTA, 2005).

Ampliando essa análise, o futebol é para o mundo um sinônimo de alegria, festa, paixão, guerra, briga, luta, vitória e muitos outros adjetivos, sentimentos e representações. Em uma outra ótica, se considerarmos em termos percentuais, chegaremos a números expressivos, levando em conta principalmente a questão financeira, já que os valores que envolvem o futebol, são de deixar qualquer economista perplexo: milhões de dólares ou euros. Este resultado surpreende qualquer um da economia capitalista globalizada, na qual não existe coisa melhor do que fazer com que o capital exerça seu papel, movimente-se e gere cada vez mais dinheiro para quem já tem dinheiro. Sem entrar muito em detalhes, podemos falar da venda de alguns craques do futebol nacional, como por exemplo, o caso de Ronaldo e Ronaldinho Gaúcho, dois dos maiores salários de jogadores do mundo, além de serem as

maiores vendas do futebol nacional para o exterior. São cifras que giraram em torno de trinta milhões de dólares; a última venda do Ronaldo foi por cerca de cinquenta milhões de Euros, algo imensurável na cabeça da maioria do povo brasileiro.

“Na fase da globalização do futebol, Ronaldinho é, sem dúvida, um marco, seja pelo seu valor como mercadoria, ou mesmo por sua importância como imagem e signo para milhões de torcedores, em todos os cantos do mundo, A adoração da imagem de Ronaldinho foi tão disseminada, que durante a Copa do Mundo de 98, numa pequena cidade da Albânia, um cartório registrou, no curto espaço de uma semana, quinze crianças com o nome Ronaldinho”. (CARRANO, 2000, p.98).

Num exemplo simples, mas claro do grau de fanatismo, de envolvimento e de paixão, que cercam esses apaixonados por futebol, cito o nascimento de uma criança. Todas já nascem teoricamente com alguns conceitos pré-estabelecidos, como:

- a) sua crença;
- b) sua classe social;
- c) etnia;
- d) o seu time de Futebol, definido por seu pai ou sua mãe.

“Cada povo escolhe seu esporte e o transforma em paixão nacional: beisebol nos Estados Unidos, hóquei no Canadá, futebol no Brasil. Algumas situações são especialmente felizes para nos lembrar o quanto o futebol em nosso país toma conta de boa parte de nossos espíritos”. (FREIRE, 2003, p. 28).

O futebol faz parte da cultura brasileira e planetária, envolvendo, direta e indiretamente, milhares de pessoas, países, culturas, dinheiro e empresas. Desenvolve, num número incalculável de crianças, mas principalmente nas mais pobres, o sonho de ser um jogador de futebol, criando um imaginário a esse respeito, pois, através do futebol, há uma possibilidade de ascensão social, cultural ou financeira, conseqüentemente, uma independência tão almejada, por seus familiares, vizinhos, amigos e por ela mesma.

Eis aí uma questão: até que ponto o futebol é um “trampolim” social? E para quantos isso é uma verdade? Quantos milhares de crianças precisam passar por esse processo, para que se privilegie apenas uma ou duas. Por que trabalhar o futebol dessa maneira? Estudos indicam que tais atitudes são apenas para atender a um mundo extremamente capitalista, onde o lucro está acima de qualquer coisa? Conforme GAMA (1998), o futebol é um dos esportes mais praticados no mundo, devido ao fato de ser simples e barato, pois em qualquer lugar pode ser jogado. Não necessariamente é preciso ter uma bola, pode até improvisar; também não precisa ter um número grande de pessoas, basta ter duas e pronto, já está montado um mini jogo de futebol ou um pré-desportivo (jogo adaptado, no qual se utilizam regras criadas e brincadeiras fáceis, para que exista a aprendizagem dos movimentos do jogo).

“O esporte atualmente está presente tanto na vida escolar quanto fora dela, e as crianças, mesmo durante os pequenos intervalos de recreio e entrada escolar, se deparam com o jogo. Muitas vezes, de forma brilhante, esse jogo é criado por elas mesmas e tem suas próprias regras, sendo realizado em pequenos espaços e com material alternativo, tais como bolas de papel, de meia, latas, tampinhas, e, embora possuam regras próprias adequadas ao espaço e ao número de participantes, em sua essência trazem traços marcantes do esporte oficial, como o gol, a cesta, o arremesso e a defesa”. (VOSER, 2002, p.91)

Por ser um esporte simples e barato, além de se tratar de uma modalidade de lazer, eu, profissional da área de Educação física, enxergo que deveríamos trabalhar o futebol de uma forma lúdica, voltado para a socialização, para o conhecimento da nossa cultura, pois o futebol pode ir além da formação de atletas, no contexto escolar, ele pode ajudar na formação de homens e mulheres na construção do seu caráter, também pode auxiliar na informação econômica e globalizada de outros países, de como vivem essas pessoas envolvidas com o futebol. É nesse sentido que o futebol deve ser analisado e praticado na escola.

O futebol na escola pode estimular no aluno o prazer pela atividade física, que, hoje e num futuro próximo, pode lhe garantir uma melhor qualidade de vida, também pode ser utilizado como projeto educacional, para contribuir na formação de cidadãos autônomos e participativos? Para o meu objetivo de trabalho, considero que sim, uma vez que ele, faz com que os alunos(as) pensem no grupo, não deixando de atuar sozinho, mas para o bem comum,

pois, se não se organizarem como um time, não conseguirão vencer seus adversários e seus obstáculos da vida cotidiana. Fazendo um paralelo com a vida vivida em sociedade, se não executarmos nossas obrigações diárias, sejam elas quais forem, estaremos perdendo espaço (espaço no sentido de não conseguir se enquadrar dentro das políticas sociais e, assim, ser excluído do seu próprio meio, não tendo esperança de ao menos sonhar com a possibilidade de uma vida melhor ou uma melhor condição dentro da sociedade) e, por que não, perdendo o jogo da vida para o próprio sistema.

Gostaria de finalizar esta capítulo lembrando as palavras de Inês Barbosa e Nilda Alves, proferidas em sua palestra na UERJ, no III seminário internacional as Redes de conhecimentos e a tecnologia (Rio de Janeiro, 2005): *“nós não aprendemos coisas separadas, sem que elas sejam separadas, pois são aprendidas separadamente, mas fazem parte do todo. Então os alunos não podem deixar o que eles sabem para ir para a escola, eles vão à escola inteiros, ou seja, com todo o seu capital cultural adquirido, a criança leva todo os seus saberes, mas a escola finge que não vê”* (BARBOSA, 2005). *“Costuma-se dizer que os conhecimentos dos alunos não estão na escola, mas o conhecimento das crianças, elas levam até a escola, e a escola insiste em não ver”*. (ALVES, 2005).

2 – O DIFÍCIL CAMINHO DO “FOOTBALL” PARA O FUTEBOL

O caminho percorrido para o fortalecimento do futebol no Brasil, desde sua introdução até se transformar no fenômeno da atualidade, foi marcado por profundas mudanças sociais e culturais. Essas também ocorrem marcadas por importantes questões psicológicas, conforme será apresentado adiante.

2.1 – A CULTURA, A SOCIEDADE E O FUTEBOL

Numa sociedade, a composição e a organização dos grupos acontecem com base na concepção de interesses comuns, sejam eles físicos, econômicos, psicológicos, sociais ou culturais. A base cultural de um povo constitui-se de uma identidade, um modelo, um rosto, refletidos numa imagem social. No seio desse povo, esta imagem é valorizada e transmitida aos seus descendentes, por meio dos símbolos e papéis sociais. Ao mesmo tempo, os hábitos e costumes dos outros povos, no caso de uma cultura diferente, são criticados, desprezados ou mesmo proibidos.

A herança cultural, ao ser transmitida de uma geração para outra, incorpora outros hábitos, costumes, valores, normas e crenças, promovendo a formação de uma nova cultura. Observem que “... nós somos animais incompletos e inacabados que nos completamos e acabamos através da cultura – não através da cultura geral, mas através de formas altamente particulares de cultura...” (GEERTZ, 1989, p. 61).

A transformação ocorre exatamente pela grande quantidade de informações fornecida pela cultura e recebida pelo corpo, por meio de símbolos como a linguagem, ritos, arte e mitos, obrigando o homem a adaptar-se a um outro ambiente (Ibid, p. 60-62).

Essa forma particular de cultura contribui para a criação de uma sociedade diferente, com outra roupagem, evidenciando a construção de um novo modelo de família, de comunidade, de grupos. Além disso, surgirão instituições que serão responsáveis em fortalecer a manutenção e a formação das novas regras sociais, entre elas a escola, a igreja, as associações, os clubes e as equipes esportivas. Essa construção ocorre, de certa forma, com mais heterogeneidade, ou seja, plural, fragmentada, provocando na sociedade o aparecimento de formas de cultura características em cada uma delas.

Conceituando cultura de uma forma geral, Santos (1996, p. 24) define que: “... *cultura diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação, ou então*

de grupos no interior de uma sociedade”, ou ainda, em outra definição apresentado por Demo (1985, p.61):

“Tudo aquilo que os seres humanos, através dos tempos e em todos os lugares, criaram, descobriram, construíram, transformaram e desenvolveram para sobreviver e satisfazer as suas necessidades, podemos dizer que é cultura ou manifestações de cultura”. (...). ou ainda “aquele complexo que inclui conhecimento, crenças, arte, moral, lei, costumes, assim como todas as capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (DERETTI apud DEMO, 1985, p.61).

Com base nesses conceitos, cultura se caracteriza como a imagem refletida de um povo, de uma coletividade. Porém, em uma sociedade de classes, com divisões profundas e definidas, certamente os valores culturais em cada uma delas se diferem nos conteúdos. Pressupõe-se, então, que, para as classes dominantes, exista uma cultura erudita ou elitista caracterizada por tudo aquilo que estiver relacionado à aquisição de conhecimento, detenção do saber. Enquanto que, para as classes menos favorecidas, uma cultura que está relacionada a tudo aquilo que é vulgar, pitoresco ou caipira, denominada de cultura popular. Sendo assim, temos então o que se chama de cultura popular e cultura erudita ou de elite (SILVA, 1987, p.19).

De certa maneira os valores, hábitos e costumes próprios das elites provocam grande influência sobre as classes populares, constituindo-se em instrumento transformador das suas raízes, de forma que paradoxalmente, essas duas dimensões de cultura se comunicam, principalmente pela exploração da força do trabalho, provocando uma interação, um intercâmbio entre as classes. Amplia-se esse universo para, de certa forma, interferir no comportamento dos diferentes integrantes de uma mesma sociedade.

Vale lembrar, no entanto, que a manutenção dos padrões sociais ocorre graças à tradição, que os conserva fortalecidos e inalterados. Entre essas tradições, figuram os tabus, os fetiches e os clichês, que são inerentes em todos os segmentos da sociedade.

Nesse contexto, estão situadas as práticas esportivas que contribuem para a manutenção do *status*, além de fortalecer os padrões de comportamento e atribuir diferente classificação de cultura. Observa-se uma divisão dos níveis sociais dos praticantes, quando o tênis, o hipismo e o iatismo, entre outros, são considerados modalidades típicas da classe social mais elevada, o atletismo, a capoeira e outras lutas são considerados típicas das classes

mais populares. O futebol, no entanto, aparece como uma das modalidades que tem grande força e prestígio ou talvez tradição para transitar livremente na preferência de todas as classes sociais, sem encontrar atributos que o rejeite e classifique-o como pertencente apenas a uma delas.

Sendo, então, o futebol parte integrante e indissociável das manifestações da cultura brasileira, talvez seja o elemento que desconfigura essa visão de dois níveis de cultura, minimizando as divisões de classes, independente da forma que ele seja utilizado, ou seja, como competição, lazer, diversão ou educação.

Algumas manifestações culturais como futebol, carnaval, rodeio e festas religiosas têm o poder de inserir, no mesmo grau de importância, pessoas de diferentes níveis sócio-econômicos, favorecendo uma compensação de necessidades mútuas. Durante a realização de uma “pelada” ou de um “racha” no final de semana, por exemplo, permite-se democraticamente a participação de um número variável de jogadores, além de poder proporcionar o encontro de todos os níveis sociais, pois, numa mesma “pelada”, você tem jogando a seu lado dentistas, doutores dos mais variados segmentos, frentista de posto, auxiliar de escritório etc. Nestas ocasiões, existem certas liberdades, para se criar e modificar as regras do jogo, possibilitando a participação de todos os que gostam do futebol. Mesmo em competições oficiais, a participação popular que ocorre por meio do envolvimento do torcedor, transforma o local do jogo em uma espécie de “templo sagrado”, local de convivência comum, provocando um comportamento de imolação.

Invariavelmente, todas as crianças que praticam o futebol, mesmo aquelas pertencentes às classes mais privilegiadas, buscam alcançar fama, reconhecimento, independência econômica e ascensão social. Os jogadores que já alcançaram esse status profissional, os quais geralmente são procedentes das classes mais pobres da população, contribuem para alimentar esse sonho de mudança, de transformação do estilo de vida. Exemplo claro como Viola, ex-atacante do Corinthians, que morava numa favela em São Paulo e teve um enorme destaque por isso; um outro exemplo, Ronaldo, sua história de garoto humilde, que veio a ser uma das pessoas mais conhecidas no mundo, além de ser uma das mais ricas. Essas pessoas ou mitos ajudam a formar o imaginário do futebol, mas que, na realidade é muito difícil de alcançar.

Grande parte dos adolescentes, portanto, passa a acreditar que somente por meio da prática do futebol conseguirão conquistar rapidamente seus objetivos; objetivos estes que perpassam a estabilidade econômica e evocam um maior respeito pelo ser humano enquanto membro integrante de uma comunidade. Aceito como homem e como profissional, parte em

busca de atenção social, valorização e poder como reconhecimento conseguido por intermédio do esporte, numa alusão exclusiva às lutas de classes.

Considerando que o brasileiro encontra no futebol uma de suas maiores e mais fortes expressões de cultura de massa, cabe também aos técnicos a responsabilidade de mostrar à sociedade uma conduta para trabalhar essa modalidade como um conteúdo para fortalecer o esporte na dimensão social.

“ Nesse sentido, o futebol deveria ser o elemento de condução para alcançar uma dimensão moral, apoiado nos conceitos de jogo limpo, espírito esportivo e caráter”.(WEINBERG e GOULD, 2001), (MOIOLI e MACHADO, 2002, p 738). Compreender, ainda, programas que dêem prioridade ao atleta em detrimento à competição, possibilitando o desenvolvimento de três aspectos importantes, quais sejam, os desenvolvimentos físicos, psicológicos e sociais (GOMES, 1997, p. 293).

Baseado nesta simbologia que o futebol representa para cada um dos brasileiros, esses profissionais, em alguns casos, ainda relutam em não apenas valorizar o espírito competitivo, mas também usar a prática dessa modalidade para resgatar outros valores, como ética, moral, solidariedade, cidadania e estímulo à crítica e à reflexão.

Ocorre, porém, que, em muitos casos, esses valores são incompatíveis com os interesses e necessidades de cada um dos agentes envolvidos, sejam técnicos ou atletas, contrariando o que “rezam” as convenções sociais e culturais.

O enfrentamento desses estereótipos causaria uma rejeição à modalidade por parte da sociedade. Desta forma, a omissão, ante ao constrangimento, é a arma encontrada para esconder certas ações anti-sociais de repressão, alienação e submissão observadas no mundo do futebol.

2.2 – A HISTÓRIA

A FORMAÇÃO ÉTNICA E RELIGIOSA DO POVO BRASILEIRO E O ESPORTE

A construção da cultura brasileira começa, segundo antropólogos como Ribeiro (1993; 1995), Freire (2000), Villas Boas (1997), Diegues Jr (1963), com um choque de culturas. A miscigenação das três principais raças que formaram o povo brasileiro: o índio sul americano, o branco europeu e o negro africano. Esta junção provoca o encontro de diferentes manifestações, hábitos, costumes, ritmos, crenças, religião, regras, técnicas, expressões corporais e culturais. Essa integração cultural proporcionou a origem de uma outra etnia, incorporando uma multidiversidade que caracteriza o homem brasileiro contemporâneo, mas, sobretudo, incorporando valores e comportamento social, importados da Europa e implantado de forma repressiva pelos colonizadores.

Esses modelos foram caracterizados também por uma diferença cultural própria, pois os índios eram de inúmeras tribos, os negros vieram de diversas regiões africanas e mesmo os europeus não possuíam uma homogeneidade étnica, o que determinou múltiplas outras diferenças culturais incorporadas a este novo homem que estava surgindo. *“Podendo considerá-los como mosaicos étnicos... o que exclui, de saída, qualquer possível unidade ou tendência de pureza racial em qualquer um deles...”* (DIEGUES Jr, 1963). Essa impureza racial é que coloca o mestiço como uma raça inferior perante aos padrões sociais da época.

“Estima-se que tenham desembarcado no Brasil, nos três séculos de escravidão, algo em torno de 6,3 milhões de negros africanos, não computando a esse número as mulheres e as ‘peças’ contrabandeadas, constituindo-se quase a metade da população do país daquele período”. (RIBEIRO, 2000, p.162).

Esse contingente, mesmo sendo subjugado, contribuiu para a formação de novas técnicas corporais, influenciando maciçamente na introdução de novas danças, músicas, ritmos e lutas.

Assim como os índios “brasileiros” que possuíam uma rica herança cultural, especialmente nas danças e nos rituais, também os negros preservaram no cativeiro as suas expressões de cultura e técnicas corporais.

As danças de defesa, como a capoeira, por exemplo, e as de oferecimento religioso, iniciação ou acasalamento expressa gestos e movimentos sensualizados, transformando o corpo em um veículo divulgador de sentimentos e desejos. Em algumas tribos africanas essas danças são denominadas afrodisíacas ou de procriação. (HANNA, 1999, p.122-123) Aos olhos de uma sociedade tradicionalista e conservadora, como as encontradas nas elites do século XIX, essas manifestações culturais inerentes aos negros e índios, eram combatidas e reprimidas.

Essa linguagem não verbal do corpo, produzida para manifestar outras formas de comunicação e sentimento, que não sejam apenas movimentos erotizados, não é compreendida ou é simplesmente confundida com apelos sexuais e, historicamente, foi condenada pela sociedade para preservar a moralidade e as regras de comportamento sociais.

As expressões do corpo, simbolizadas em uma linguagem de movimentos, na forma de rituais e danças para manifestar sentimentos contrastantes como a alegria ou a tristeza, ódio ou amor, guerra ou paz, sensualidade ou prazer, são decifradas de forma diferente em cada grupo social. Quando, no entanto, acontecem fora do seu domínio, necessitando-se uma reinterpretação cultural dos movimentos, estas não são credenciadas pela sociedade como comportamento social adequado.

Durante todo o processo de colonização brasileira, a Igreja foi responsável pela estruturação da educação na colônia, usando para isso métodos repressivos para impor um novo formato de sociedade, ditado pelos costumes europeus. Esse método, importado pela Igreja para educar os colonos e nativos conforme os padrões da época, foi baseado na concepção político-ideológico de poder do cristianismo, na qual quem participasse de qualquer manifestação ou comportamento que desviasse do arquétipo estabelecido sofreria castigos físicos e psicológicos pelos julgamentos determinados pela inquisição.

Neste aspecto, o padrão de comportamento imposto à sociedade local não poderia fugir das tradições européias. Como padrão de moral, impunha-se a adoração a um Deus único e branco, castigos às relações infiéis, repressão aos desejos físicos e à sensualidade.

Incluindo as manifestações esportivas neste processo, observa-se uma descaracterização das tradições locais (TUBINO, 1997, p.14), anulando-se, portanto, as manifestações culturais nativas em substituição às práticas eleitas pelas classes dominantes.

Entre as práticas esportivas que predominavam na sociedade brasileira no século XIX, encontravam-se o *turf*, o remo e o *criket*, realizados, em clubes fechados, apenas por brasileiros e ingleses brancos, ricos e de boa família. Mesmo quando o futebol foi introduzido

no Brasil, era uma prática exclusiva para os sócios dos clubes da elite, ou seja, brancos e de boa família (FILHO, 2003).

“Nesse período, ressalta-se, ainda, a predominância dos estrangeirismos da língua, como match, field, goalkeeper, offside, center-forward entre muitos, quase obrigatório para entender o jogo e se fazer entender dentro do jogo. Fatos assim colaboravam para separar ainda mais a classe letrada da grande massa de analfabetos da época” (Ibid, 2003, p.31).

Esse modelo contribuiu para a predominância dos costumes excludentes em vigor ainda hoje, como, por exemplo: brancos sendo considerados etnicamente como uma raça superior, negros discriminados pela sua condição social e quase sempre associados aos movimentos criminosos, mulheres com dificuldades para garantir seus direitos, entre outros, mantendo-se ainda os estereótipos definidos pela sociedade.

O nativo miscigenado, o negro e o mulato, classificados como raça impura (híbrida), não tinha valor nesse contexto social, exceto pela força do trabalho. Desde então, essa divisão de classes sugere também uma divisão de costumes. A prática de atividades reservadas apenas aos brancos como algumas modalidades esportivas européias, por exemplo, o críquete, o turfe e o futebol, não poderiam fazer parte das manifestações dos mestiços. Neste caso o esporte também pode ter contribuído para a definição das classes sociais e a representatividade dos papéis sexuais e sociais.

2.3 - FUTEBOL - UMA HERANÇA CULTURAL

Especificamente no caso do futebol, existem relatos de que sua prática era comum em terras brasileiras desde a metade do século XIX, quando as “*pelejas*” aconteciam nas praias próximas aos portos entre os marinheiros dos navios europeus (DUARTE, 2000, p.100). Sua prática também é registrada entre os funcionários e engenheiros ingleses da estrada de ferro que estava em construção no Estado de São Paulo. Além de outros relatos, destaca-se também a notícia de que o futebol fazia parte do currículo escolar do colégio São Luis, na cidade de Itu, já na metade do século XIX (SANTOS NETO, 2002, p.18-19).

Porém considera-se que, oficialmente, a sua introdução de forma organizada, ocorreu apenas em 1.894 (AQUINO, 2002, p.25), com o retorno de brasileiros que estudavam na

Europa. Como estes pertenciam às classes mais abastadas, a introdução do futebol começou pelos clubes da elite. Os jogos eram verdadeiros acontecimentos sociais reservados apenas à aristocracia brasileira.

Os estádios, assim como as missas e os salões de bailes, eram os locais de encontro da sociedade da época. Nas arquibancadas, as moças desfilavam suas melhores roupas e acessórios, vestindo grandes chapéus e usando leques de plumas. Era hábito comum, logo após as partidas, os clubes oferecerem bailes e jantares para os atletas. Normalmente, nessas ocasiões, exigia-se traje a rigor para os participantes. Nesse panorama, a chance de um jogador não ser branco era quase zero (FILHO, 2003, p. 44-62).

“Em seus primeiros tempos no Brasil o futebol era uma prática esportiva extremamente elitistas e racistas, sendo praticado exclusivamente por brancos, fossem eles ingleses ou brasileiros. Uns e outros, no entanto, não admitiam a participação de negros, mestiços e brancos pobres”. (AQUINO, 2002, p.37).

O crescimento acelerado de cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, resultado da industrialização, provoca aumento populacional causando grande desordem social. Aliados a isso, e à falta de áreas planejadas para a prática esportiva, restavam ao povo simples e humilde apenas os terrenos baldios, os pátios das igrejas e os campos de várzea como áreas de lazer. Esse futebol praticado pelos operários, negros, mulatos e estudantes dos bairros populares eram vistos pela elite como bruto e violento, portanto ridicularizado, indesejável e até considerado caso de polícia (SANTOS NETO, 2002, p.53-67). Seria um “ultraje supremo aos lordes da bola” uma equipe contar, em seus quadros, com jogadores negros. Para a imprensa e os dirigentes da época, havia o “grande futebol”, com pedigree, praticado pela elite, e o “pequeno futebol” das classes populares e pobres (ibid).

A virilidade, característica marcante do futebol, pode ter se originado nessa luta de classes sociais. As discriminações e os preconceitos contra os negros e operários, fizeram do futebol uma alternativa para conquistar seus direitos, alcançar a igualdade social, impor seus valores ou até superar os brancos. Desta forma, levavam para o campo de jogo a ocasião de lutar em condições de igualdade, sobretudo pelos papéis sociais, visto que a vida cotidiana não proporcionava as mesmas oportunidades.

O futebol era a chance de conseguir um bom emprego e alguns poucos privilégios, como sair mais cedo do trabalho para o treino ou atuar em setores das fábricas que exigiam

menos esforço. Esse era o sonho daqueles que passavam o dia jogando na rua. Sabiam que tinham lugar garantido nas fábricas se, quando crescessem, fossem bons jogadores (FILHO, 2003 p.85). Cito exemplos dos dias de hoje, aqui em Sorocaba, muitos ex-atletas profissionais são contratados nesse mesmo contexto, para ocupar bons lugares dentro das fábricas, aqui no pólo industrial, com a condição principal, de que os atletas representem suas firmas, em qualquer campeonato que por ventura venham a disputar.

Privilegiados por uma herança motora rica em expressões e ritmo, os negros e mestiços refinaram a sua técnica e habilidade e adotaram o drible como característica do seu jogo. Isso aconteceu mesmo com a elite branca discriminando as equipes populares, de várzea, dizendo que estas não tinham a mesma distinção dos “nobres cavalheiros” para a prática do futebol, considerando-os violentos e ridicularizando-os como “canelas negras” (SANTOS NETO, 2002, p.53).

Somente o campo de jogo proporcionava condições simbólicas ideais para os negros, mulatos e brancos pobres lutarem com os brancos ricos por igualdade, melhores condições de vida e justiça social.

“Também, o jogador que estivesse na frente tratasse de tirar o corpo fora (...) não conversava, metia logo o pé. (...) e que nenhum branco se aproximasse dele (...) aquilo não era futebol, era uma vingança do preto contra o branco. E contra o mulato que se envergonhava de ser mulato”. (FILHO, 2003, p. 173-174).

Para os negros, operários e pobres competirem com as boas condições de alimentação, educação e habitação a que só os brancos tinham direito, o que resultava em sua força física privilegiada, isso só era possível dentro do campo de jogo, no qual essas diferenças provavelmente eram resolvidas por meio de confrontos violentos. Estavam em jogo, por conseguinte, a dominação, a submissão e a manutenção do poder.

A participação de jogadores negros nos clubes de futebol só começou, de forma tímida, a partir de 1922 (TUBINO, 1997, p.23), caracterizando até então, uma prática preconceituosa, racista e elitista.

Alguns autores (AQUINO, 2002; GHIRALDELLI, 1989) explicam que o futebol se transformou rapidamente em uma das modalidades mais praticadas entre os brasileiros, em função da grande influência da medicina higienista do final do século XIX, que propagava os

benefícios da prática esportiva para a prevenção das doenças típicas da época e conseqüentemente, para melhorar as condições de vida da população.

Outras teorias, porém, (DAÓLIO, 1989; 2000), porém, afirmam que o futebol encontrou, entre o povo miscigenado, aptidões motoras ideais que facilitaram o seu desenvolvimento, já que se trata de um esporte jogado basicamente com os pés.

“Considera o futebol revolucionário justamente por ser praticado, basicamente, com a parte inferior do corpo. É interessante comparar essa prática com os pés, que é o futebol, com a capoeira, o samba e certas danças rituais indígenas. Todas essas práticas têm nos pés um papel preponderante. A capoeira é uma luta na qual só é permitido tocar o oponente com os pés. O bom sambista é aquele que tem samba no pé. É possível que o indivíduo brasileiro, sendo uma mistura das raças negra, indígena e branca, tenha uma maior facilidade histórica e cultural com os pés para a prática do futebol do que indivíduos de outros países. Essa habilidade com os pés seria, segundo MAUSS (1974), uma técnica corporal, característica motora de uma sociedade e passível de transmissão para os seus descendentes. Esta noção explicaria o fato dos meninos do Brasil nascerem, praticamente, ‘sabendo jogar futebol’” . (BYINGTON, apud DAÓLIO, 1989, p. 59)

Desta maneira explica-se a existência de habilidades motoras específicas no homem sul-americano, que contribuem para facilitar a prática do futebol, ou seja, “as aptidões motoras também fazem parte do processo de transmissão cultural” (DAÓLIO, 1998, p.40).

Simultaneamente a esse processo acontece também uma interferência nos domínios cognitivo, social e afetivo, processando um modelo diferenciado para o que se denomina “mundo do futebol”. A partir daí, surge uma sociedade totalmente fechada ou quase secreta, que contribui para reforçar os atributos de masculinidade e virilidade, estimulando o desejo de pertencer a essa classe.

Esse ambiente específico e privativo produz uma coletividade, um agrupamento reservado, quase impenetrável, com características e convenções sociais próprias. Constrói-se, logo, uma cultura inerente ao ambiente do futebol, com funções únicas e peculiares. Desde as atribuições de tarefas simples, práticas do senso comum, passando pelas decisões importantes

e culminando até com a definição dos papéis sexuais, é resultado de um jogo intrínseco que envolve interesses recíprocos e de cumplicidade entre os componentes desse grupo.

Esse isolamento, tornando-se quase uma fuga da realidade, provoca no futuro uma dificuldade de interação social e de adaptação a uma nova fase profissional, que ocorre com os atletas que encerram a carreira.

Desse ambiente que proporciona aos atletas segurança e privacidade para manifestações individuais, que se mantém quase isolado da sociedade, contribui para o surgimento de sub-culturas dentro da própria cultura esportiva. Geralmente manifestadas por meio de superstições como entrar em campo com o pé direito; rezar antes do jogo; beijar a camisa do clube ao marcar o gol; desenvolver algumas técnicas corporais específicas para o jogo, como nos dias de hoje, um salto seguido com um soco no vazio; tirar a camisa para comemorar o gol, mostrando o dorso nu, com gestos e poses que ressaltam os músculos, numa referência ao poder simbólico do jogador e a glória conquistada naquele momento. Aproveito e confesso que executei alguns desses rituais quando jogava. Além de algumas superstições, como por exemplo: jogar com a mesma sunga todos os jogos. Parece que sem esses artefatos, nós, jogadores, não sentimos segurança para desenvolver com tranqüilidade nosso futebol.

Tais modelos e valores são reforçados pela mídia, a qual com o objetivo de mostrar toda a intimidade dos ambientes do futebol, noticia amenidades do dia a dia dos atletas e dos clubes. Nestas oportunidades, são exaltados os padrões pré-concebidos pela sociedade tradicional, nos quais se valorizam os estereótipos de masculinidade e virilidade, verdadeiros heróis bem sucedidos, como por exemplo:

- a) jogadores com namoradas em carros importados;
- b) o novo estilo de vida do atleta oriundo da favela;
- c) o heroísmo do atleta que continua jogando mesmo após sofrer séria lesão;
- d) a valentia do atacante que enfrentou sozinho a defesa adversária;
- e) outros.

A mídia reproduz, nas folhas dos jornais ou programas de TV, manchetes metafóricas que associam a conduta dos jogadores com atributos que representam violência, virilidade e coragem, como, por exemplo: a equipe “A” *massacra* a equipe “B”, as equipes “X e Y” se preparam para a *batalha* da final do campeonato ou, ainda, o jogo da final foi uma verdadeira *guerra* (MACHADO, 1998).

Em reportagem recente, o jornal Folha de São Paulo (12/02/2005 p.15) publica no caderno de esporte que o “*Corinthians confirma novo matador*”, associando a possibilidade

doe um atleta ser o artilheiro da partida e, com isso, ganhar o jogo. Outro exemplo: o jornal Lance (12/03/2006 p. 1) publica a fala do zagueiro Ed. Carlos do São Paulo futebol clube, em que diz “vamos ajudar a degolar, Antônio Lopes”, atual técnico do Corinthians, fazendo referência a uma possível vitória do São Paulo no clássico com o Corinthians. Ou seja, associa a vitória à demissão do treinador. Assim, a mídia cria sonhos, valores e atributos no imaginário dos adolescentes, que acreditam ser elementos necessários para se jogar ou, ainda, estes se tornam senha imprescindível para poder ingressar nesse mundo.

2. 4 - AS SUBCULTURAS NO MUNDO DO FUTEBOL

Entre os integrantes das equipes de futebol, podem ser encontrados hábitos e condutas estritamente inerentes a esse ambiente esportivo. Os jogadores utilizam-se desses costumes como ferramenta para controlar a ansiedade, aumentar a confiança e proporcionar um equilíbrio psicológico durante os jogos, bem como na vida particular. É o caso das rezas, das superstições e de uma forma de linguagem que caracteriza a comunicação entre seus componentes.

2. 4. 1 - INCORPORAÇÃO DE COSTUMES

Como consequência dos treinamentos, jogos, viagens, permanência em hotéis e concentrações, a convivência entre os integrantes de uma equipe de futebol ocorre quase em tempo integral, criando entre eles uma relação de intimidade, amizade e trocas afetivas.

Atletas e comissão técnica, despojados na essência de pudor ou constrangimento, assumem nesse ambiente essencialmente masculino, condutas que possibilitam provar uma sensação de liberdade, sem a preocupação de atender às convenções sociais, tais como: andar nu pelo vestiário, tomar banho coletivo dividindo a ducha com outro companheiro, andar abraçados nas dependências do alojamento e locais de treinos, trocar beijos e abraços durante as comemorações dos gols, ou ainda comungar confidências e problemas particulares.

Essas condutas não alteram ou perturbam o afeto e o respeito entre os atletas quando acontecem no ambiente do futebol. Porém, de certa forma, são evitadas quando os jogadores desempenham seu papel fora do ambiente de trabalho.

Como esse grupo social é constituído unicamente pelo sexo masculino, se estabelecem entre eles regras próprias de relacionamento e comunicação. Essa proximidade facilita o

fortalecimento das interações pessoais, a relação de confiança entre seus membros, o que permite trocar confidências e segredos. O estreitamento das relações tanto pessoal quanto profissional proporciona o surgimento de hábitos, valores e regras próprias, constituindo-se em uma classe bastante machista e corporativista.

A coesão desse grupo impossibilita ou dificulta comentários ou notícias que possam prejudicar a imagem do atleta. No futebol, ocorre uma incorporação natural dessas regras, convenções, costumes e atitudes entre seus componentes. Esses atletas constroem, então, uma sociedade singular, permeada de particularidades que são mantidas em todos os segmentos, até nas categorias de base mantidas pelos clubes, com o objetivo de impedir uma invasão por parte da imprensa e dos torcedores na sua vida particular, estabelecendo um nível mínimo de privacidade. Neste ambiente e nestas condições, os técnicos e atletas podem desafiar regras, valores e convenções sociais.

Ao mesmo tempo, porém, que não permitem uma ingerência desse local “sagrado”, com a intenção de preservar a sua intimidade, vez por outra, necessitam chamar a atenção da mídia e despertar a curiosidade do público com aparições cinematográficas, como, por exemplo, chegar ao local de treino de helicóptero, como estratégia para exibir suas conquistas pessoais, ou, então, como publicou a Revista Veja (03 Set. 2003, n.35 p. 104) pelo uso exagerado de jóias e ornamentos com a intenção exclusiva de brilhar diante das câmeras e do público.

Muitas atividades sociais realizadas fora do ambiente esportivo como, por exemplo, as comemorações de aniversário, geralmente são organizadas entre os atletas, a comissão técnica e suas famílias, mantendo a participação do mesmo grupo de trabalho, ou ainda acrescido de amigos que são atletas em outras equipes, nutrindo uma convivência estreita e em quase isolamento.

Para os jogadores mais famosos, no entanto, passar por uma situação mais ousada, como frequentar uma boate, só acontece sob forte esquema de segurança, possibilitando assegurar a sua privacidade longe dos fãs e da imprensa.

Essa convivência contribui para despertar entre eles as mesmas preferências, demonstradas de inúmeras maneiras. As semelhanças começam pela escolha do tipo de roupa, pela marca do carro, passando pelo jeito de se vestir, pela religiosidade e, crenças, pelos objetos de consumo, e acessórios de moda, como brincos, colares, jóias, corte de cabelo, e, finalmente, culminando com uma constituição física típica dos atletas de futebol.

Além dessas características, ocorre também uma incorporação dos tabus, fetiches e de um delineamento de conduta e atitudes como resultado do que se caracteriza como moral e imoral ou que não combina com a imagem da classe. É o início de uma classificação e seleção para os novos membros que tomarão parte desse grupo.

2.4.2 - A FORMAÇÃO E A RELAÇÃO ENTRE PARES

Do mesmo modo que uma sociedade se compõe pela formação classes, facções ou guetos, integrados por indivíduos ativamente participativos nos seus grupos sociais, também é comum entre os profissionais de futebol a constituição de grupos no convívio social e profissional.

A relação entre pares tem início na infância, beneficiando seus componentes de diversas maneiras. Permite estabelecer troca de experiência, e conhecimento; despertar habilidades necessárias para a sociabilidade, intimidade e solidariedade, fortalecer os relacionamentos nas atividades realizadas em conjunto como, por exemplo, praticar esportes, ir à escola, ao cinema, enfim, ações que ajudam a desenvolver seu auto-conceito e auto-estima, permitindo a construção da identidade e fortalecendo os traços da personalidade (PAPALIA, 2000, p.295).

Assim como acontece nos bairros, nos clubes ou na escola a relação entre pares também é percebida, e de forma bastante intensa, no ambiente esportivo, nesse caso, no futebol. Como a definição para “pares” está baseada no conceito de “igualdade”, a formação dos grupos se estabelece em função das suas necessidades, da sua proximidade, dos seus interesses, da sua idade e sexo (Ibid, p.295).

No caso específico do futebol, como todos os indivíduos pertencem ao mesmo sexo e têm os mesmos objetivos, essa relação se constitui, então, pela proximidade das posições de atuação no campo de jogo. Em muitos casos, os laços afetivos se fortalecem entre os que atuam em posições próximas, ou seja, os atletas que compõem o setor defensivo de uma equipe geralmente formam seu grupo, enquanto os que atuam nas posições do meio do campo e os atacantes formam os demais grupos.

Geralmente, os técnicos usam como estratégia para melhorar o relacionamento entre os atletas e a coesão do grupo, acomodar no mesmo quarto de hotel, durante as viagens ou nos alojamentos, jogadores que ocupam posições táticas que se complementam, como os

zagueiros com os alas, os atacantes com os meias direita ou esquerda, os goleiros com zagueiros e assim por diante.

Essa relação, que a princípio se estabelece para definir estratégias de posicionamento e jogadas combinadas durante a realização dos jogos, contribui também para fortalecer as relações sociais fora do ambiente de trabalho. Portanto as ligações desse grupo deixam o estádio e mantêm-se no dia a dia, no cotidiano.

Ocorre, entretanto, que as regras, convenções ou ações que são largamente praticadas e até incentivadas no ambiente do futebol, sem nenhum constrangimento, são impróprias quando há necessidade de se relacionarem com outros grupos da sociedade, que não pertencem ao seu *habitat*.

Nesse contexto, são expostos às dimensões da impunidade. Essa questão pode ser observada quando o atleta, por orientação de empresários ou treinadores, falsifica os documentos originais para diminuir a idade, e, com isso garantir a sua permanência em uma categoria mais nova. Um caso, que se tornou famoso na imprensa brasileira, aconteceu com o jogador Sandro Hiroshi do São Paulo Futebol Clube.

Um fato semelhante ocorreu quando os jogadores da Seleção Brasileira chegaram ao país, após ganharem o campeonato mundial realizado nos Estados Unidos em 1994, e recusaram-se terminantemente a declarar os bens que haviam trazido, exigindo da direção da Receita Federal a liberação da alfândega, como se a conquista do título, validasse ou dessem imunidade para transgredir as normas que para todos os outros cidadãos eram aplicadas com rigor.

Outra questão importante é o caso da violência. Dependendo da sua posição e do seu prestígio, o atleta acredita que não será castigado pelos atos de violência que pratica durante as competições. Essa impunidade também é verificada fora do campo, quando dirigem em alta velocidade, envolvem-se em acidentes, geralmente com vítimas fatais, e dificilmente são punidos. Caso recente do Edmundo, quando foi especulada novamente sua contratação pelo Palmeiras, todas essas questões foram levantadas e amenizadas até mesmo pela imprensa.

Essa luta por interesses comuns ajuda a fortalecer os comportamentos apropriados ao sexo, definindo assim o seu papel no ambiente esportivo. Fica claro que, portanto, para pertencer a esse grupo social, o atleta deverá ser másculo, viril e heterossexual, combinando e confirmando a imagem do ídolo divulgado pela mídia e, reforçando, dessa maneira, os conceitos de gênero.

No período que compreende a pré-adolescência, tem início um distanciamento da influência dos pais, proporcionando ao grupo de pares assumir o papel na condução do

aprendizado quanto às necessidades, interesses e desejos comuns. Principalmente nas questões ambíguas, que exigem do adolescente uma posição madura, os amigos exercem uma influência muito forte nas tomadas de decisão.

Como regra para pertencer ao grupo é preciso aceitar os valores e as normas de comportamentos impostos pelos mesmos, os que os conduz à segregação e ao conformismo, contribuindo para o aparecimento de ações anti-sociais. Conviver com uma pressão exercida pelo grupo pode levá-lo a tomar decisões sem julgamento.

“Para ser parte do grupo de pares, uma criança precisa aceitar seus valores e normas de comportamento; muito embora esses possam ser indesejáveis, as crianças podem não ter forças para resistir”.
(PAPALIA, 2000, p. 296)

Esse aprendizado proporcionado pela convivência entre pares, como fortalecimento da identidade, liderança, cooperação, entre outros, que são desenvolvidos na infância, são mantidos e reafirmados durante a sua formação esportiva.

O papel dos pais, que até então exercia importante influência para delinear os padrões de conduta e reforçar os valores e estereótipos, torna-se, a partir do momento em que o adolescente ingressa no mundo esportivo, responsabilidade do técnico. As atitudes desse profissional conduzirão para a formação dos novos hábitos e costumes desse jovem, que, desde então, reinterpretará a cultura do seu imaginário.

2.4.3 – “A INCULTURA” DO “BOLEIRO” NO MUNDO DO FUTEBOL

Uma referência à baixa capacidade de comunicação verbal e, conseqüentemente, de reflexão dos atletas de futebol induz parte da imprensa e da sociedade a uma rotulação de incultura como característica dessa classe (GAMA, 1990, p.37). Esse conceito é reforçado pelo fato de que uma parcela desses jovens interrompe a vida escolar para dedicar-se exclusivamente à profissão, pois, muitas vezes, os horários de treinamento e as competições não são compatíveis com os da escola. Em função das exigências de técnicos, dirigentes e das severas cobranças da carreira, como argumento para alcançar o sucesso profissional, ou ainda atrelado aos rígidos padrões de obediência sistêmica às equipes e aos clubes, abandona os estudos.

Cria-se, desta maneira, uma imagem folclórica do jogador de futebol, caracterizado por ser analfabeto, inculto, logo sem capacidade de reflexão, tornando-o mais vulnerável à dominação. Em certos casos a incapacidade de questionamentos e o deslumbramento pela carreira levam o jogador a uma obediência e confiança cega em empresários, dirigentes e, especialmente aos integrantes da comissão técnica.

Cobra-se um comprometimento incondicional para a melhora da performance, apesar de, atualmente, esse aspecto vir merecendo um pouco mais de atenção por parte dos dirigentes, mas, ainda assim, esse quadro está muito longe de ser alterado.

Fundamentalmente, o maior contingente de jovens que iniciam a carreira como jogadores profissionais de futebol é originário das classes mais pobres da população. Como essa classe tem mais dificuldades para o acesso à escola, isso contribui para a falta de instrução nesse grupo. Esse fator abre caminho para que esses jovens se tornem vulneráveis a todo tipo de alienação e sofram com o assédio dos envolvidos diretamente no trabalho com equipes em formação.

Em conseqüência constrói-se um mundo particular de comunicação pertencente apenas ao ambiente do futebol, caracterizado por expressões corporais e idiomáticas peculiares. Esse “isolamento” do mundo gera uma cultura específica compreendida e valorizada entre os componentes desse grupo. Como, por exemplo: o uso de palavirão durante os jogos e treinos, como forma de motivação para a tarefa.

Nesse sentido, a música exerce um papel importante que facilita a comunicação entre seus integrantes. Os ritmos musicais de maior preferência dos jogadores são os classificados como “pagode” e “sertanejo” e, geralmente, os conjuntos e duplas que cantam esses gêneros

musicais, mantêm uma estreita relação de amizade com os atletas, animando, muitas vezes, suas festas fora do ambiente de jogo.

ANEXO 1

*Bem-vindo o anjo que escolheu
Para ensinar aos homens que o futebol é coisa
De Deus.* (ANDRADE, 2002 p. 67)

3 – FUTEBOL IMAGINÁRIO E SEU CONTEXTO NO COTIDIANO ESCOLAR

Em 2003, cursei como aluno especial a disciplina Imaginário e Conhecimento Escolar, no programa de Pós – Graduação em Educação da UNISO. Um dos conteúdos da disciplina era discutir as representações do Fórum Social Mundial, realizado em Porto Alegre - Rio Grande do Sul. Estávamos discutindo novos conceitos de cidadania, de cultura, além de dar importância a anônimos, ou seja, transformar a opinião de pessoas desconhecidas em pontos de apoio para se chegar a uma teoria, transformando essas pessoas em alguém não em algo.

Trago para a discussão dois textos escritos por mim em datas próximas, o primeiro escrito em 08/04/2003, e o segundo em 28/05/2003. Trouxe esses trabalhos para analisarmos o procedimento metodológico aplicado nos trabalhos, apresentando uma maneira nova de refletir sobre um objeto de estudo, que era uma imagem. Partindo dela colocaríamos, no papel, tudo que a mesma representava, naquele momento. Então pudemos debater e compreender a importância da imagem na vida de pessoas, não era simplesmente uma foto, mas também tudo o que ela representava para a pessoa que estava observando através do seu imaginário e sua concepção de mundo. Além de ser uma maneira inteligente de dinamizar a aula, mostrava-nos um pouco de como funcionava nosso imaginário.

“As fotografias são portadoras de informações, resgatam lembranças, geram memórias, criam possibilidades de narrativas. Logo não são objetos neutros ou sem historicidade. Estão marcadas por quem produziu, pelo contexto recortado, pelo retrato, mas também por quem as observa, produzindo outros novos sentidos para sua existência”.
(MOTTA, 2005, p. 7).

Esse exercício de estudar a foto foi bem diferente, visto que não tinha percebido a importância de se ler as imagens que cercam nosso cotidiano, esse momento estante pode representar e proporcionar várias interpretações, dependendo da formação e capital cultural adquiridos ao longo de sua jornada, além do que, não necessariamente a pessoa que interpreta a imagem tem o mesmo foco do que a pessoa que tirou ou proporcionou a mesma, vai depender muito do momento de quem a está observando e de quando está sendo observada.

Este texto foi produzido através de uma imagem, a qual não tinha a mínima noção de quem a tirou e o que ela representava:

“Perante esses sorrisos maravilhosos, que nos traz uma tranqüilidade interior, diante do cartaz, que expressa um sentimento poderoso e um desejo mundial de paz, esse momento nos faz refletir em nossos atos. Pessoas conversando e tentando chegar a um denominador comum, a **paz**. A água, este líquido precioso, que está presente nessa foto (na mão esquerda da moça, e ao seu lado, em cima do isopor), marcou e foi um símbolo em Hiroshima e Nagasaki, após o ataque com a bomba nuclear, pois as pessoas atingidas sentiam muita sede e, conseguindo falar, era a primeira coisa que pediam. O conjunto da fotografia parece que foi montado devido aos elementos encontrados na mesma. O nosso pensamento ultrapassa a barreira do sentido, colocando os elementos em ordem, como peças de xadrez. Eles enquadram perfeitamente o sorriso, a água, o cartaz de paz, parece que esse momento foi registrado já se sabendo do seu significado”.

Nós, humanos, poderíamos interpretar esse imaginário, como algo real e, num simples sorriso, compreender toda a alegria expressada nesse ato. Enxergar o cartaz como um pedido a ser cumprido. E a água sendo a cura pra todas as nossas diferenças”.

Segundo texto a ser analisado:

“Na minha opinião, esta foto traz à tona um tema realmente importante para nós brasileiros, que é a submissão e a exploração do nosso país. Em seu rosto, uma das características mais marcantes do povo brasileiro, a alegria o sorriso, pois somos um povo alegre, descontraído, apesar de toda a injustiça e necessidade que passamos. Pergunto-me: temos que nos submeter ao domínio do FMI? Acredito que exista um meio termo para a situação, mas não como vem ocorrendo, pois somos meros “fantoques” nas mãos dessas organizações, comandadas pelos Estados Unidos.

Ressalto o orgulho que temos de viver neste país, na minha opinião, este deveria ser o fator determinante, para nós brasileiros darmos um salto qualitativo rumo ao desenvolvimento. Devemos, sim, ter o comércio exterior e também relações diplomáticas com os demais, mas não aceitar tudo o que nos é imposto. O Brasil, se não for o melhor país para se viver, está entre os melhores do mundo. O que realmente precisamos é ter um pouco mais de patriotismo e exercer o nosso papel de cidadão, conhecendo os nossos deveres e obrigações, usufruir nossos direitos, além de acreditar que o país caminhe para melhor. Mas para que isso ocorra, temos de estar dispostos a nos doarmos, quem sabe assim tenhamos um pouquinho mais de igualdade social e que, começando num país considerado de terceiro mundo, poderemos ainda crescer e servir de exemplo para outras nações mundiais”.

Esses dois textos, e outros que fizemos, no decorrer da disciplina, fez com que exercitássemos o nosso imaginário e pudéssemos escrever nossa história, baseada no momento e naqueles fatos e fotos que nos eram apresentados. A atividade foi muito importante para o crescimento do grupo, pois, trabalhando com o coletivo, conseguimos ter uma visão mais crítica e reflexiva sobre o nosso próprio ponto de vista, partindo inicialmente de um referencial, uma foto.

Também nos serviu de motivação para entendermos como nós, seres comuns, poderíamos dar um sentido às narrativas e as representações de pessoas como nós. Dar um novo significado a esses fatos que acontecem em nosso cotidiano pode expressar nosso imaginário através da escrita, valorizando nossa pesquisa e o objeto de estudo, que são as pessoas, suas falas e representações.

“Veremos que a história deixa de ser representada por uma linha contínua, cheia, indo em direção ao futuro, para ser simbolizada por uma linha fragmentada, não-sequencial, caminhando tanto para frente como para trás. Assim, não faz mais sentido crer que a verdade esteja somente nos fatos. É possível apenas acreditar que o jogo da narrativa constrói representações temporárias e falhas acerca da história e do ser humano. (LOPES, L; BASTOS, L., 2002 p. 191).

Essa introdução mostra a intenção de valorizar as pessoas, sejam simples ou famosas, conhecidas ou não. Valorizar principalmente as manifestações culturais dos povos, que podem ser feitas de muitas maneiras, através de um simples gestos de escrita, com fotos, músicas, cinema, arte popular etc., fazendo das mesmas fundamentos teóricos para a pesquisa na área das Ciências Humanas. Pensando numa noção mais ampla de cidadania e o futebol como cultura, levanto algumas considerações que validam esse meu argumento: de como queremos trabalhar os conceitos de cultura, e o que entendemos como cultura; também, tentaremos entender a relação entre futebol, cidadania e cultura no cotidiano da escola e como se formam esses laços.

3.1 – EDUCAÇÃO, CIDADANIA E SEUS CONCEITOS:

Para poder discutirmos um pouco esse assunto, levanto algumas definições de cultura e cidadania, descritas por autores conceituados, que falam especificamente dos temas em questão. Na abertura do Fórum Social Mundial, realizado em Porto Alegre, tomamos ciência do discurso do professor emérito da Universidade de Sussex, num trabalho dentro da sala de aula, no qual ele afirma: “A Educação não é um negócio, é criação, que educação não deve qualificar para o mercado, mas para a vida. A educação não é mercadoria”. Essas palavras nos fizeram pensar e analisar o que estava se passando com nossa cultura e nossa educação.

“As relações sociais, em que predominam os sentimentos de amor, amizade e cumplicidade, favorecem o aprofundamento ou a rejeição de idéias, sentimentos e experiências alheios da(s) outra(s) ou do(s) outro(s). Esses se manifestam através de hábitos cotidianos, nos quais se incluem não só a cultura de cada um, mas também os produtos culturais que refletem a identidade étnica, religiosa, política, estética, social e sexual das pessoas com as quais se convive”. (REIGOTA, 1999, p. 37).

A seguir, outra definição que considero importante por fazer a ligação com a área em que atuo profissionalmente:

“A Educação Física passa a ter a função pedagógica de integrar e introduzir o aluno de Ensino fundamental e Médio no mundo da cultura, fica formando o cidadão que vai usufruir, partilhar, produzir, reproduzir e transformar as formas culturais da atividade física (o jogo, o esporte, a dança, a ginástica...)” (BETTI, 1992, p.285)

Trabalhando com conceitos de cultura, os trechos abaixo se encaixam na visão que eu adoto:

“A democracia já foi definida como: um conjunto de procedimentos para poder conviver racionalmente, dotando de sentido uma sociedade cujo destino é aberto, por que acima do poder soberano do povo já não há nenhum poder. São os cidadãos livres que determinam a si mesmos como indivíduos e coletivamente”. (SACRISTAN, 1999, p.57).

Gostaria muito que essa definição fosse levada a sério pelos nossos governantes, e fizéssemos desse país um país em melhores condições de igualdade proporcionando para o povo brasileiro uma vida mais agradável e uma maneira mais fácil de se viver, e tentar então aproveitar melhor seu papel de cidadão usufruindo seus direitos e não apenas tendo que cumprir suas obrigações.

“O cidadão, porém, é mais do que apenas habitante. É aquele que está interessado no que acontece em sua comunidade. Para alunos e professores, a cidade é a escola. Do ponto de vista do educador, a cidadania passa por boas relações com os colegas, com a direção, com os funcionários, pelo direito de ensinar, ou seja, formar cidadãos. Do ponto de vista do aluno, ele reside no direito de ir a escola e só começa a fazer sentido quando ele aprende”. (PRADO, 2000, p.13)

Trouxe essas definições de cultura, cidadania e futebol, tentando relacioná-las com a educação propriamente dita, para focar o objetivo principal da minha pesquisa que são as crianças que jogam futebol (futsal) dentro da escola, pensando num conceito mais amplo, e situando-o como cultura. Na pesquisa em que realizo, procuro relacionar o imaginário sobre o futebol no cotidiano escolar. Levei então essa idéia à frente, montando um projeto para analisar como o futebol na escola contribui para o desenvolvimento da cidadania.

“A escola, de fato, institui a cidadania, é ela o lugar onde crianças, deixam de pertencer exclusivamente à família para integrarem-se numa comunidade mais ampla, em que os indivíduos estão reunidos não por vínculos de parentesco ou de afinidade, mas pela obrigação de viver em comum. A escola institui, em outras palavras, a coabitação de seres diferentes sob a autoridade de uma mesma regra”. (CANIVEZ, 1991, p.33)

Estudando a relação entre Educação Escolar e Esporte, dei início ao trabalho; comecei a colher dados e conversar com meus alunos a respeito do Futebol, prestando bastante atenção em suas conversas cotidianas, paralelas ao que estava sendo dado pelo professor; minha atenção redobrava quando, no meio das narrativas, surgia o tema FUTEBOL.

Estudando o cotidiano das crianças através de seus relatos e de suas representações, podemos identificar quais seriam suas necessidades, desejos, sonhos ou perspectivas, e perguntar: se o futebol for apenas representações, será que um projeto educacional tendo como base esse esporte, poderá contribuir na formação de cidadãos autônomos e participativos?

“Com efeito, pelas características que lhe são próprias, a escola constitui-se em espaço por excelência do exercício da democracia como valor e processo. A Escola é a instituição na qual se inicia e se promove a socialização das pessoas desde a idade mais tenra até a idade adulta. As regras de convivência são exercidas cotidianamente na escola, por meio de um trabalho em que se afirma a relação entre os sujeitos individuais e coletivos” (VIEIRA, 2003 p. 25).

Partindo dessa idéia, podemos tentar compreender o futebol, como fenômeno educacional, pois, através dele, muitas crianças de classes sociais marginalizadas, têm acesso à um pouco da cultura do seu país, melhorando a compreensão de pessoa, de cidadão e também passando a ter uma melhor visão da sua cidade, estado, país e até do mundo, pois “A escola foi a primeira instituição a perceber que o futebol tem uma ordem e uma disciplina peculiares. Por isso sua prática contribui para a formação do cidadão” (SCAGLIA, 2006 p. 25)

3.2 – FUTEBOL: UM ESPORTE COLETIVO OU INDIVIDUAL?

Hoje vemos, através do futebol, que, embora teoricamente seja uma atividade coletiva, tem sido praticado (principalmente a modalidade profissional) com um atributo individualista. Isso ocorre justamente por que se faz necessário “aparecer mais” dentro dessa sociedade capitalista, pois o jogador tornou-se um produto e vende mais aquele que está mais exposto ou que faz uma melhor propaganda. Pensando nesse contexto, parte dos jogadores pensa mais individual, do que coletivamente, já que vale mais quem aparece mais. A vitrine é o campo de jogo e é lá que você não pode perder as chances que lhes são proporcionadas, pois todo esse mundo futebolístico e globalizado gira em torno de fama, glamour, poder e dinheiro. Nós podemos fazer um paralelo do que acontecia com o que acontece nos dias atuais. Um exemplo sobre ausência de noção de equipe enfatizando, portanto, o assunto individualismo, reporta-

me à época de 1970, quando Chirol, que era técnico do Botafogo (Rio de Janeiro), trouxe inovações para o futebol nacional.

“O Brasil teria que ter abertura suficiente para enxergar e adotar práticas dos novos tempos. E, claro, Nelson Rodrigues opôs-se totalmente à pregação do coletivismo e defendeu a manutenção do caráter individualista e/ou personalista do futebol brasileiro, pois segundo o cronista no Brasil, o craque era quem de fato, decidia uma partida de futebol. Fora assim no passado e seria assim no futuro, para a glória do futebol brasileiro”. (ANTUNES, 2002, p. 255).

A questão, então, é a seguinte: o futebol brasileiro tornou-se individualista ou ele sempre foi individualista?

São décadas diferentes. Em 1970, os contextos esportivos, culturais e político eram bem diversos, mas o que gostaria de frisar é a cultura criada pelos nossos jogadores, a do individualismo. Em nossas particularidades é que somos diferenciados, podemos mostrar nossa ginga, nosso jeito “moleque” de jogar futebol, sem respeitar muito o adversário, nem a parte tática do jogo. É desta forma que acredito que todos nós, brasileiros, queremos ver a seleção jogando, resgatando o mesmo sentido das décadas de 1960-70, e que nos acompanha no decorrer dos tempos.

Nas Copas do Mundo vencidas pela seleção brasileira em 1994, e em 2002, os principais motivos para que o Brasil voltasse a ser campeão, no meu entender, além de todo o procedimento tático e técnico imposto pelos treinadores, respectivamente Parreira e Luiz Felipe Scolari, foram a singularidade, a originalidade e a genialidade do jogador brasileiro. Esses detalhes foram fundamentais para conquistar essas duas copas. É esse sentido de individualismo que todos nós, admiradores do futebol mundial, gostamos de ver em qualquer seleção, não para aparecer e ser apenas um produto, mas sim ser o diferencial, pois todo o mundo reverencia esse futebol magnífico jogado pelos atletas brasileiros. É onde nós podemos colocar um pouco de nossa cultura e o nosso jeito de jogar futebol, resultado dessa miscigenação de raças, que compõe o povo brasileiro, que nos traz tanto orgulho, e que já foi motivo de inúmeros lamentos em meados da década de 1950, mas que hoje é considerado o nosso grande diferencial.

“Pois acreditem no dia em que desaparecerem os pelés, os garrinchas, as estrelas, enfim, será a morte do futebol brasileiro. E, além disso, no

dia em que desaparecerem as dessemelhanças individuais, será a morte do próprio homem.” (RODRIGUES, apud ANTUNES 2002, p. 127)

Apesar de termos jogadores incrivelmente fortes no seu aspecto individual, nós também pensamos no coletivo, e essa característica faz da nossa seleção a potência que é. Claro que existem outros valores envolvidos, estamos nos reportando a épocas diferentes, mas o que não podemos deixar acontecer é que o futebol se torne apenas um comércio, uma indústria, apesar de ser muito importante nos dias de hoje, aparecer, saber vender seu produto, gerar lucro, fazer movimentar o capital aplicado e investido, enfim, ideologia que se tornou propaganda do atual governo. Um horror!

“Ao mesmo tempo em que o esporte se tornou indústria, foi se desterrando a beleza que nasce da alegria de jogar só pelo prazer de jogar. Neste mundo do fim de século, o futebol profissional condena o que é inútil, e é inútil o que não é rentável. Ninguém ganha nada com essa loucura que faz com que o homem seja menino por um momento”.
(GALEANO, 2004, p.10).

Apesar de algumas vezes aparecer, no pano de fundo, o coletivo, observamos que prevalecem as ações voltadas para o individual. Como numa simples finalização, na qual existe um atleta melhor colocado para fazer o gol, mas, por questões individuais, é mais interessante que o tente o atleta de posse de bola. Mesmo mal colocado, este deve tentar chutar e tentar o gol, pois se ele tiver sucesso e marcá-lo, os méritos e as glórias são dele. E outros exemplos, como você ter que ser o melhor no treinamento físico, pois é um dos requisitos para poder ser o titular da posição. Há um caso de individualismo, mas que não leva a nada, que é o jogador que, perante o grupo, age de uma maneira, todavia por trás é o responsável por encaminhar todas as informações do que acontece com o grupo, tudo o que o treinador não necessariamente precisava saber. Esse jogador é mais conhecido como “traíra”. Essa gíria foi muito bem explorada por uma marca de cerveja, quando o conhecido cantor, “Zeca Pagodinho”, assinou contrato com essa marca de cerveja, e logo em seguida, por valores muito maiores, pagou a multa contratual e assinou com uma outra marca de cerveja mais famosa. Logo em seguida a cervejaria que se sentiu prejudicada, fez uma propaganda com essa gíria (traíra).

Grande parte de nossas vitórias é por termos principalmente jogadores que se diferenciam na sua singularidade, geniais a ponto de saber quando podem chutar ou a hora exata de se passar uma bola, respeitando sempre seus colegas de profissão e seus adversários. É nesse sentido que sempre seremos diferenciados dos demais. A questão do individualismo ou coletivo, sempre vai existir, logo teremos que ter sabedoria para administrar estes problemas, para que não tomem dimensões maiores que as esperadas.

3.3 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo adotou as análises qualitativas, que permite deduções, legítimas e reproduzíveis, dos dados, adequando-os ao seu contexto (VIEIRA, 2001). A técnica de “narração” foi utilizada para a coleta dos dados. Ela é recente nos estudos do esporte, tendo sido muito pouco explorada pelos seus pesquisadores, sendo mais utilizada nas demais áreas das ciências humanas e afins, fato que justifica sua escolha, uma vez que motivará outros pesquisadores a utilizá-la em pesquisas futuras dentro da área.

A narração, apesar de utilizar-se da análise do subjetivo, acaba estudando também o social. É impossível separar as características culturais, sociais e outras, presentes nos relatos, do período e da sociedade em que o participante viveu ou vive. Isso possibilita-nos estudar não só o sujeito, mas também o período e a sociedade em questão (QUEIROZ, 1988 e CIPRIANI, 1988).

Neste ponto está uma das justificativas da inclusão das narrativas em nossa metodologia: buscamos identificar influências num determinado segmento social.

Neste instrumento de coleta, a participação do pesquisador é mais direta, através de um maior direcionamento e também de possíveis intervenções diante de dúvidas ou pela necessidade de um maior detalhamento no relato do participante. Desta forma, pudemos guiar nossa pesquisa, reunindo, não somente os relatos referentes ao tema principal, mas mesclando a eles situações vivenciadas, o que, do nosso ponto de vista, aumentou a participação dos sujeitos e facilitou a interpretação das informações.

Entendemos que uma das grandes características da narração, que faz com que esteja sendo empregada, com precisão e esmero científico, em trabalhos conceituados entre as metodologias qualitativas na atualidade, é que ela deve ser considerada como “um caminho a optar entre muitos outros, ou a completar esses mesmos outros, na busca de respostas às questões que se levantam numa pesquisa.” (VIEIRA, 2001, p. 71).

As proposituras colocadas na indagação da narrativa não analisam o indivíduo como se estivesse isolado socialmente, mas sim o compreende como um processo, no qual será produto e produtor da sociedade em que vive, considerando-se que a vida auto-re-organiza-se permanentemente.

Na aplicação da técnica adotada, seguimos algumas sugestões que nos favoreceram e permitiram diminuir as possibilidades de falha (MEIHY, 1996):

1. Conquistar a confiança do participante é um ponto fundamental para o bom andamento da coleta.
2. Deixar o participante falar livremente, sem muitas interrupções. Interromper apenas quando: dúvidas surgirem ou informações importantes estiverem sendo omitidas.
3. Assuntos e exemplos fora do período das entrevistas podem, e devem, ser anotado pelo pesquisador em um caderno, para que enriqueçam a descrição e a análise dos relatos, complementando a discussão e conclusão do trabalho.
4. Muitas informações que parecem ser relevantes, após uma análise mais apurada, poderão apresentar raízes profundas, que se prendem sutilmente ao problema ou objetivo do trabalho.

De modo geral, o ideal é: que o pesquisador deixe o informante livre para o relato, sem o conhecimento do problema do pesquisador, porque isso influiria na orientação de sua narrativa; sem lápis nem papel que o constrangeriam; sem a cronologia que o obrigaria a uma ordenação dos fatos de sua vida que, lhe tiraria o sabor de aparecerem associados da maneira que ele os vêem.

Para a categorização, serão retirados os trechos mais significativos, com relação aos objetivos da pesquisa e os relatos mais freqüentes, para uma análise posterior.

Em se tratando de uma pesquisa qualitativa, a análise da narrativa dispensa um número elevado de participantes. Portanto, estaremos analisando aproximadamente uns sessenta alunos entre homens e mulheres, sejam eles do ensino infantil até o nível superior, variando a idade entre 5 e 30 anos, escolhidos aleatoriamente, dentro de um quadro de alunos que participavam das minhas aulas. Mantemos, no corpo do texto algumas entrevistas coletadas.

II – PARTE - MINHA EXPERIÊNCIA

1 – DE JOGADOR PROFISSIONAL A PROFESSOR

Vou mergulhar nas lembranças, tentando mostrar um pouco da minha passagem entre a vida de atleta profissional para a vida de um professor de Educação Física. Encontrar esse elo ou esse enigma, é o grande desafio.

Começo descrevendo minha família, composta por meu pai Ronaldo, minha mãe Zulmira e minhas irmãs Renata e Regina. Meus pais são professores, minha mãe leciona matemática, e meu pai ciências. Como na vida de um professor as coisas não são fáceis, passei minha infância observando a dificuldade para sobreviver a partir desta profissão, com eles sempre tendo que trabalhar demais, dobrando os períodos de aula para tentar dar conta dos afazeres do cotidiano. Era uma constante trabalhar três períodos (manhã, tarde e noite), para poder sustentar nossa família, tendo um padrão médio de vida, sem luxo, uma vida normal.

Após tantas dificuldades na infância, veio a separação de meus pais e todo o sofrimento envolvido. Mas vale destacar a vontade de vencer na vida, que minha mãe trazia consigo o que a fez sempre guerreira, vencedora de grandes batalhas, ela foi o nosso principal exemplo, porém meu pai nunca faltou no ponto de vista financeiro, embora, ficasse um pouco ausente em outras partes. Eles nos deram o melhor que podiam na época, tentando sempre dizer qual o melhor caminho a seguir, deixando claro a importância da pessoa que tem uma formação, uma escolaridade, pois com esses requisitos já era difícil, imagine sem o mesmo.

Quando garoto, já tinha certeza de que seria atleta profissional de futebol e entraria nesse mercado. Sendo assim, meus pais nem precisavam preocupar-se com meu futuro, era só pensar no futuro das minhas irmãs.

Passado o tempo, veio a busca constante para me tornar um atleta profissional, prestes a realizar esse sonho e, claro, garantir meu futuro, pois eu considerava que, aos dezoito anos, já estaria jogando pelo São Paulo Futebol Clube e logo estaria rico, que ilusão! Em uma das minhas conversas com meus pais, minha mãe levantou uma dúvida que até aquele momento não existia e, na minha opinião, poderia ser uma grande bobagem coisa de mãe: “e se o futebol não der certo, O que você vai fazer na vida?”

Meus pais sempre tiveram uma influência positiva em minha vida, incentivaram-me a estudar e pensar um pouco além do presente. Tinham como exemplo suas histórias de vida;

não querendo essa mesma dificuldade para seus filhos, pensavam que, através do estudo, conseguiríamos um diferencial.

A convicção de que o estudo era realmente o diferencial me fez mudar de atitude, porém estava convicto de que não largaria o futebol por nada, embora precisasse me preparar melhor para o meu futuro. A partir daí levei mais a sério meus estudos, sempre em paralelo ao que mais amo fazer na vida, que é jogar futebol. Comecei a traçar um novo plano para meu futuro. Nesse momento, já estava terminando a 8ª série do Ensino Fundamental, passaria então, obrigatoriamente por uma mudança, pois estudava na “E.E.P.G. Genésio Machado”, em que na época, só formava até o ensino fundamental.

Chegou o momento de escolher onde faria o 2º grau, hoje Ensino Médio. Com o futebol continuava tudo bem, eu era jogador do time Infantil do Esporte Clube São Bento de Sorocaba.

Então o que fazer em relação aos meus estudos? Nesse momento, meu amigo Emerson foi importante para minha decisão, já que éramos bem unidos, fazíamos várias coisas juntos. Vale dizer que mantemos a amizade até hoje, que naquela época, foi fundamental para a escolha da escola em que supostamente pretendia estudar. Era um ano mais velho que eu e já estudava na “ETE Rubens de Faria e Souza”, uma escola técnica e pública. De lá, você já saía com o diploma de técnico, além de terminar o 2º. Grau. Naquele momento, o mais importante era que a escola fosse pública, portanto não precisava pagar para estudar lá, porém havia um “vestibulinho” para entrar, portanto era necessário disputar vaga com os outros candidatos.

Sem saber bem ao certo do que se tratava essa escola, comecei a me preparar para garantir uma vaga. Nessa época, por volta de 1980, a escola Rubens de Faria e Souza era muito concorrida. Pleiteavam uma vaga mais ou menos uns 15 candidatos. Provavelmente pela necessidade mercadológica da região, as empresas estavam investindo em mão de obra especializada. Estudar ali era uma ótima oportunidade de conseguir um bom emprego.

Outro fator que influenciava na decisão dos jovens da época é que lá se tinha a opção de escolher entre três cursos técnicos: Mecânica, Eletrônica ou Alimentos, e você podia migrar de um para o outro, desde que já estudasse na escola, além do projeto político-pedagógico ser bem aberto e inovador o que chamava bastante atenção de quem a visitava.

Passado o período de preparação, consegui passar no vestibulinho e lembro como se fosse hoje, a alegria daquele momento, pois passei em 14º. lugar. Naquele momento, foi uma super vitória. Então vamos ao estudo, pois lá aprendi muita coisa. Foi uma troca de experiências fantástica, mas não demorou muito pra saber que lá não era meu lugar. Escolhi me formar em técnico em mecânica, contudo isto não tinha nada a ver com a minha vida.

Valeu pela experiência e pelo capital cultural, já que ali conheci e aprendi a lidar com um torno, uma fresa, uma lixadeira, uma mesa de solda etc.

Próximo passo a ser decidido: estava no meio do caminho com relação aos estudos, pois estava no 2º. ano do curso e, com mais um ano me tornaria um auxiliar-técnico em mecânica. Mas tinha uma dúvida: continuo ou não? Nessa altura sentia-me como um peixe fora da água, que essa área não tinha a ver comigo. Eu não possuía a menor vontade de aprender desenho técnico, além de ser muito difícil.

Nada como uma boa conversa com meus pais. Novamente, pensei em deixar os estudos, visto que minha carreira de futebol estava preste a decolar. Por eu estar com dezessete anos, fazendo parte dos juniores do Esporte Clube São Bento e já começando a treinar com o time profissional, os estudos pareciam não fazer mais sentido, só que o conselho de meus pais ficavam em minha cabeça, o de não largar os estudos em hipótese alguma.

Decidi, então, ir até o fim. À essa altura, já tinha terminado o 2º ano e só faltava o 3º para poder completar o Ensino Médio. Também nessa época algumas decepções com relação ao futebol mudaram um pouco meu olhar. O que mais se via nesse ambiente era corrupção, pessoas de má índole. Mais um ano de tortura, não tinha mais paciência para aprender a mexer com o que não queria, mas, mesmo assim, completei o curso até onde queria, já que teria que terminar pelo menos o Ensino Médio. Sai formado como auxiliar-técnico em mecânica. Para me formar Técnico teria que terminar o 4º ano, que era mais a base de estágio nas firmas parceiras da escola, o que eu não faria.

No final do terceiro ano da Escola Técnica Rubens de Farias, eu já estava muito envolvido com o futebol, e então pensei em fazer uma faculdade relacionada com a minha prática. Ótimo, estava resolvido meu problema: tinha encontrado o que realmente achava que sentiria prazer em cursar, a Faculdade de Educação Física. Mas o que realmente me fez pensar em fazer um curso superior foi a instabilidade do futebol, e tudo o que o cerca.

Conselho dado, conselho obedecido, foi o que fiz não parei meus estudos. Então resolvi fazer o curso de Licenciatura Plena em Educação Física, queria me tornar professor e poder trabalhar com atividade física. O curso, além de oferecer uma atividade voltada para o físico, permitia também continuar envolvido com o futebol, que era meu principal objetivo. Então no final do ano de 1989, após prestar o vestibular, entrei na FEFISO (Faculdade de Educação Física de Sorocaba). Passados quatro anos, por sinal, a minha turma foi a primeira turma de quatro anos da FEFISO, a faculdade estava sofrendo uma mudança na sua composição da grade curricular. O MEC determinou por uma portaria que o curso passaria de três para quatro anos, debate que se estende até os dias de hoje e que só denigre a imagem da

nossa profissão, pois nem os especialistas do CREF (Conselho Regional de Educação Física) ou do CONFEF (Conselho Federal de Educação Física), que estão envolvidos direta ou indiretamente, sabem bem ao certo como definir essa situação. Acredito que em breve tudo se resolva da melhor maneira possível, assim poderemos fortalecer a nossa profissão, a qual no meu entender, é de uma importância fundamental para a nossa sociedade. Afinal, trabalhamos na base do futuro da Nação, que são as crianças.

Nesse ano, aconteceu um fato muito importante em minha vida. Tínhamos um time de Futsal, aqui de Sorocaba que ganhava até o sorteio de quem sairia com a bola. Nós ganhamos todos os torneios da cidade, desde os mais importantes aos mais simples, só dava nosso time. Era denominado por vários nomes, pois mudava conforme o patrocinador e conforme nosso treinador trocava de ares. Nós, jogadores migrávamos juntos. Posso lembrar de alguns nomes como, Clube de campo de Sorocaba, Villares, ADPM etc. Junto com os títulos conquistados e a fama adquirida, mais o acesso à faculdade, veio o convite para nosso time inteiro representar Porto Feliz no campeonato paulista do Interior de Futsal, pela empresa NEOBOR da mesma cidade (produtora de borracha na época, em 1990).

O convite foi aceito pelo nosso treinador Fernando (Mandioca), que era nossa pessoa de confiança. Todos os jogadores que compunham a equipe eram de Sorocaba e da região. Mas o que ficou realmente registrado nessa passagem, além de termos sido campeões Paulista do Interior, foi a verdadeira amizade demonstrada pelo grupo. Nós éramos muito unidos, pois, antes de sermos um time nos éramos muito amigos. Nessa época, foi só alegria e diversão. Pois cada jogo era motivo de gargalhadas e de brincadeira, esse era nosso ambiente, uma união total. Lá encontrava um ambiente muito sadio diferente do que encontrava no futebol de campo, talvez por isso eu fazia tanta questão de estar com meus amigos, apesar de não gostar muito de jogar futebol de salão (Futsal).

Foi uma época de muita atividade pra mim, pois eu jogava futebol pelo juniores do São Bento, fazia faculdade e ainda jogava futsal na equipe da NEOBOR.

Durante a faculdade e por tudo que vinha acontecendo na minha vida profissional e pessoal, mudei meu pensamento em relação ao futebol, e todo aquele entusiasmo transformou-se em inquietações, em críticas, em reflexões. A minha maneira de agir com relação ao futebol foi se modificando, pois eu era considerado uma das estrelas do time e já não estava tendo o mesmo tratamento de antes. Nessa minha vivência tive alguns problemas com meus superiores, como treinador, dirigentes etc. Era uma pessoa de personalidade, que não aceitava tudo de “boca fechada.”

As dificuldades pareciam se ampliar com o decorrer do tempo. Já estava com 20 anos e no terceiro ano de faculdade. São nesses momentos que a vida te prepara as maiores provações, tudo o que foi planejado começa a vir abaixo. A cabeça parece que vai explodir, mas a vontade de vencer e conseguir levar as duas coisas ao mesmo tempo era maior do que as provações. Na época, estava passando um momento muito difícil na vida profissional, pois não conseguia me firmar como titular da equipe principal do Esporte Clube São Bento, sendo que em toda a categoria de base eu era titular e capitão da equipe. Não entendia bem ao certo o porquê, não sabia se eram questões técnicas, pessoais ou preferência do treinador.

Com todas essas atribuições, achei que era o momento de mudar de equipe, mudar de ares. Propostas não faltavam, o problema era saber, o momento certo para se fazer tal troca, pois ainda tinha que terminar a faculdade. Se eu a abandonasse, como conseguiria completá-la?

Foi uma dúvida atrás da outra, mas optei pela faculdade, ficando minha vida de jogador profissional prejudicada. Mas achei que essa decisão era acertada naquele momento. Crescia dentro de mim a convicção de que o futebol podia esperar um pouco e que se tivesse que explodir e virar uma estrela poderia acontecer em Sorocaba mesmo, no Esporte Clube São Bento.

É, mas não aconteceu.. Perdi muito espaço no time profissional, não conseguia me firmar como titular, apesar de ser a maior promessa do time de juniores. Esse sentimento tomou conta de mim, uma sensação de decepção, pois não ocupei meu lugar de direito, segundo meu imaginário. Nesse momento, você só pensa que fez tudo errado, os maus pensamentos ficavam rondando, tinha me questionado e achava que tinha tomado a decisão errada, que tudo poderia ter sido diferente se tivesse dado prioridade ao futebol, etc. Não preciso dizer que quase enlouqueci, não sabia mais o que fazer, nem a quem recorrer.

Mas parecia que estava escrito. No último ano da faculdade, quando estava tudo pronto pra terminar o curso, de Licenciatura Plena em educação Física, fazendo uma analogia com o futebol, também pensei que seria o fim do meu sonho, pois terminaria a carreira de jogador profissional, eis que uma luz apareceu no final do túnel. Sorocaba, nessa época em 1993, estava montando mais um time profissional na cidade, o Atlético de Sorocaba, e assim tive mais uma chance de me tornar um atleta profissional. Recebi um convite do presidente do clube, na época Pedro Roberto de Souza, conhecido como “Pedrinho”, para me tornar jogador desse time e, claro, defenderia essa oportunidade com toda gana que tenho.

Nessa situação, ter feito Educação Física me valeu bastante, pois foi um curso muito bom com uma ótima turma de amigos, além de me servir como apoio nas horas mais difíceis,

pois sabia que podia contar com “essa galera”. O curso passou muito rápido e aprendemos intensamente no decorrer desses quatro anos. Uma das minhas conquistas na faculdade foi como ela me ajudou a ampliar minha visão de mundo e a compreender que, por causa da frustração no futebol, estava deixando o brilho de tudo ao meu redor ir embora.

Por fim, após quatro anos, licenci-me Professor de Educação Física. E como não podia deixar de ser, continuei paralelamente a minha vida de atleta profissional de futebol, que até o momento era a coisa mais importante de minha vida.

Após alguns anos longe dos estudos, devido ao tempo totalmente dedicado a ser um atleta profissional, eu tinha a nítida impressão que chegaria ao tão sonhado ideal, que seria jogar em qualquer uma das grandes equipes do futebol brasileiro. Enfim, anos de lutas e batalhas passando por alguns times desse imenso Brasil, constatei a triste verdade: o sucesso é para poucos, dos muitos que militam nesses ares.

Vejam o quanto é estreita a passagem para se tornar um atleta de futebol, pois dos que conseguem passar pela primeira etapa, que é se tornar um atleta, tem-se que vencer ainda uma segunda, que é se firmar em um dos clubes, se não todo seu esforço fica em vão. Falo com propriedade, pois vi e vivi esses fatos durante minhas andanças pelo mundo do futebol.

Seguindo na tão sonhada carreira profissional, logo no primeiro ano já me firmei no time principal do Atlético de Sorocaba e também conseguimos subir o Atlético de divisão da B1 para a A3. O campeonato Paulista de Futebol é dividido em categorias, são elas: primeira e segunda divisão; para poder subir de divisão, os clubes necessitam das vitórias onde se encontram.

De vez em quando, batia um papo com meus colegas de profissão do quanto era importante estudar, mas não tinha muito a acrescentar, pois, na maioria das vezes, o único que tinha nível superior era eu. Eles não estavam nem um pouco preocupados com aquela conversa desagradável, então vinha a idéia de fazer algum curso voltado à área de Educação Física para não ficar desatualizado e, deste modo, procurar os meus pares. Eu já estava percebendo que precisava de algo mais, não só ficar naquele mundo fechado do futebol.

Atuei em alguns clubes do Estado de São Paulo, entre eles o São Bento e Atlético os dois times da cidade de Sorocaba, Noroeste da cidade de Bauru, Marília e Araçatuba das cidades de mesmo nome e o meu primeiro time do estado de São Paulo, que foi o Guarani, da cidade de Campinas. Tive uma rápida passagem pelo Maringá, Estado do Paraná.

Nessas andanças foi que concluí, que não bastava apenas ser um ótimo jogador, treinar constantemente, ser dedicado, pontual, um exemplo de atleta e cumprir todas as determinações e obrigações impostas pela comissão técnica. No meu entender, teria ainda que

contar com um algo muito importante no futebol, e olhe que levei muito tempo para acreditar nisso, o fator sorte.

Foi difícil acreditar mas o castelo que construí em meu imaginário estava desmoronando. Hora de tomar uma atitude, pois acreditava que, após uma bela carreira como atleta profissional, continuaria dentro do mundo do futebol, como preparador físico, mais uma ilusão do mundo do futebol. Porém sempre tentei trabalhar paralelo ao futebol, com atividade que envolvesse o mesmo, como exemplo na foto a seguir.



Foto 1 – Festa de comemoração de um ano de atividades na escolinha

Esta foto retrata quando trabalhava paralelamente com o futebol, numa escolinha de futsal para crianças, em meados de 1991. Em minha carreira como atleta, sempre aproveitei meus estudos, e sempre explorei o que representava minha imagem no futebol para Sorocaba e região. Um desses exemplos, foi essa minha escolinha de futsal que montei com meu amigo Everdan Nucci, chamava-se “Escolinha de Futsal Depósito Rodrigues”, essa escolinha movimentava, aproximadamente cerca de sessenta garotos. Na verdade eu deixava mais na responsabilidade do meu amigo, e entrava mais com o meu nome de atleta profissional, e veja eu atuava como atleta profissional de campo, e tinha uma escolinha de futsal, mas para os pais das crianças era muito importante, pois seus filhos estavam sendo treinados, por um atleta profissional em atividade.

Como meu tempo era muito restrito, devido a me dedicar inteiramente à minha vida profissional acabei deixando a escolinha só para meu amigo Everdan tomar conta. Não sei exatamente quantos anos durou essa escolinha. Acredito que ela existiu aproximadamente por três ou quatro anos. Essa experiência foi muito importante para minha vida, pois foi o meu primeiro contato como professor, sem mesmo eu saber que essa sim seria minha verdadeira profissão.

Partindo do ponto de vista, em que ser atleta profissional não me oferecia garantias de um futuro promissor, voltei a analisar e refletir friamente nessa situação. Nesse momento queria traçar um plano para encerrar minha carreira de atleta profissional, e se possível fazer uma transição amena para a profissão de Professor de Educação Física, quem nem sabia bem ao certo como seria.

Traçado o plano, hora de colocá-lo em prática. No ano 1998, estava atuando pelo Clube Atlético Maringá no estado do Paraná, já estava cansado de minhas derrotas para o futebol, como exemplo cita:

- a) não pagamento de salários
- b) não pagamento de luvas (era um acordo entre o atleta e o clube, quando o atleta assinasse o contrato ele receberia um valor em dinheiro),
- c) A deslealdade que existe no meio.
- d) A desorganização dos clubes num contexto geral

Além de estar longe da minha família e amigos, fato que contribuiu bastante para essa decisão, além de tudo o que vi, vivi e aprendi nesse meio, pois já estava totalmente desiludido com meu futuro dentro do futebol, hora certa de mudar de profissão.

Iniciei então meu plano de terminar minha carreira de atleta profissional, em meados de fevereiro de 1998, o Esporte Clube São Bento de Sorocaba, me ligou e queria contar com meu futebol em seu elenco. Nem pensei, aceitei logo a proposta, pois tanta era a vontade de estar de novo em minha terra, e bem perto da família. Não sabia nem ao certo como seria esta passagem, pois fazia exatos quarenta dias que estava no Maringá, e eu sabia que seria difícil essa equipe me liberar.

Mas a idéia era voltar para casa e tentar uma nova vida fora do futebol. Fui direto conversar com meu treinador (Zé Humberto), além de ser meu treinador e ter sido o responsável por minha contratação, era também meu grande amigo. Chorei minhas mágoas e pedi desesperadamente para poder voltar para Sorocaba, ele entendeu e me liberou. Essa era a parte mais fácil, a mais complicada era conseguir autorização do clube e a minha transferência

da Federação do Paraná para a de São Paulo, vencida mais essa etapa, estava pronto para voltar e iniciar vida nova.

Voltei a minha terra querida, para perto da minha família, era o que mais queria naquele momento. Cumpri meu contrato até o fim pelo São Bento, já pensando em todas as possibilidades de iniciar minha nova carreira de professor de Educação Física.

Meu contrato terminou em agosto de 1998, a partir dessa data a procura foi constante por emprego, tentei todas as maneiras, foi uma luta sem fim, quando já estava desistindo e pensando novamente em assinar um contrato com qualquer time de futebol que aparecesse, tive uma proposta do meu grande amigo Marcelo de Boituva para ajudá-lo a dar aula de Educação Física no Colégio Objetivo. Foi um grande alívio, pois já estava desesperado e não encontrava outra opção, a não ser voltar ao mundo do futebol. Pairava uma questão no ar: continuar como atleta profissional ou dar seqüência na minha carreira de professor?

Mas, também vinha o lado sensato de parar e refletir que aquela profissão de atleta já tinha terminado e que eu precisava tocar a minha vida em uma outra direção. Passando esse primeiro ano em que achei que não conseguiria vencer, logo veio um convite para ingressar na Prefeitura Municipal de Boituva. Eu começava então a receber propostas de trabalho na área de professor de Educação Física. A pessoa tendo persistência e dedicação, logo começa a ficar conhecido, pois em uma cidade pequena, se você desenvolver um trabalho que apresente resultados todos ficam sabendo, e o inverso também é verdadeiro.

Foi assim que apareceu, a indicação do meu nome para dar aula num SPA dentro da cidade, e como ainda estava me estruturando, todo tipo de emprego que aparecia eu aceitava. A partir daí fui estruturando minha vida em Boituva, pois agora já podia dizer que tinha um emprego, um não, mas três empregos: era professor do Objetivo, professor na Prefeitura Municipal de Boituva, e professor no SPA, também em Boituva. Voltava na grande história de vida dos meus pais, que para ter uma vida simples tinham que trabalhar bastante, mas era uma vida digna.

Foi muito difícil iniciar essa nova profissão, mas logo as pessoas iam me conhecendo e outras propostas de trabalho surgindo. O que acho interessante frisar, é que a partir do momento em que as pessoas conheciam meu passado, aumentavam as propostas para trabalhar com futebol de salão no contexto escolar. Nesse momento, existia uma tendência das escolas particulares, quererem em seu quadro de funcionários, ex-atletas profissionais, para desenvolver e ministrar as aulas de esportes, dentro do contexto escolar. Nesse aspecto eu levava vantagem, pois, além de ter uma formação teórica apropriada, meu diferencial era o

passado recente dentro desse mundo chamado futebol. Não tenho dúvidas, o que me abriu as portas da escola para poder ser professor de Educação física, foi meu capital cultural adquirido empiricamente, além de ser um diferencial para a escola no mercado concorrido das escolas particulares, em ter um ex-atleta de futebol, treinando seus alunos, além do imaginário que esse contexto representava.

Também percebi, que era uma certa jogada de marketing, pois essa propaganda, vinculando um ex-atleta a escola, era um diferencial também para a escola, e claro aproveitei como nunca essa oportunidade.

Sei que nesse momento, já estava tendo a oportunidade de escolher qual emprego gostaria de ficar, pois não conseguiria dar conta dos quatro empregos, então optei por ficar na prefeitura, e nos dois colégios o Objetivo (em Boituva) e o Colégio Uirapuru (em Sorocaba), descartando o SPA.

Desse momento em diante comecei minha vida de professor de Educação Física, pegando todo tipo de emprego que me era oferecido. Acumulei o máximo de empregos que podia, até me sentir satisfeito, ganhando o necessário para sobreviver.

A partir do momento em que se torna conhecido pelo trabalho que desenvolve, você começa a ter a possibilidade de escolha, você começa a selecionar onde pretende trabalhar, e qual lugar lhe é mais vantajoso. Essa é mais uma etapa vencida. Hora perfeita para continuar os estudos, para ampliar meus horizontes dentro da minha nova profissão.

Nessa pequena caminhada dentro da profissão de professor de Educação Física, percebi a necessidade de estar atualizado em relação aos estudos, ou seja, teria que voltar a estudar, além de uma necessidade pessoal e da constante melhora que o nos proporciona, existe a necessidade de suprir o mercado de trabalho.

Em 2001 entrei no CPG (Centro de Pós-graduação) da FEFISO, e concluí a pós-graduação (Lato Sensu) em 2002, tornando-me especialista em Atividade Física e Saúde da Infância à Terceira Idade.

Atuando na área de Educação física como professor, tive dificuldades e prazeres. Falo, desde as condições precárias de materiais para se trabalhar com os alunos, até a remuneração financeira, pelo volume de trabalho, pela qualidade e quantidade que se é exigida desse profissional é muito baixa. Porém o prazer que ela nos proporciona é imensurável, pois nos trabalhamos com seres humanos, principalmente as crianças, você lembrar do sorriso e da satisfação com que ela olha para você, nada pode pagar essa sensação de missão cumprida.

Após uma breve análise de como me tornei professor de Educação Física, hoje consigo colocar em meu currículo, aproximadamente sete anos de experiência prática, atuando como profissional da área, passando por vários tipos de experiência, seja dentro da escola nas áreas do ensino infantil, fundamental e médio, ou trabalhando com treinamento esportivo voltado totalmente à parte prática, seja em escolinhas da prefeitura, ou particulares, no próprio colégio com aulas específicas de treinamento, ou com times de treinamento de alto nível. Num contexto geral a área específica de atuação só poderia ser futebol, (na forma de dizer, pois na concretude o que eu trabalho realmente dentro da escola seja o futsal, mas no imaginário da maioria das crianças, inclusive no meu imaginário posso afirmar que o futebol se faz presente). Na escola podemos trabalhar o futebol/futsal, com várias faixas etárias, seja menino ou menina, com um percentual um pouco maior para a clientela masculina



Foto 2 – Professor Ronaldo com seus alunos, preparando-se para mais um dia de treinamento de futsal

Esta foto com meus alunos do Ensino Infantil e Fundamental, de 6 e 7 anos de idade, representa bem meu pensamento e provavelmente o dos próprios alunos, com relação ao imaginário do futebol.

Na foto, meus alunos estão uniformizados para a prática do futsal, entretanto suas camisas são de equipes famosas do futebol de campo nacional. Esta é a questão, se estão se preparando para uma aula dentro da escola, que na concretude é uma aula de futsal. Pergunto-me: por que as crianças não vêm, com uma camiseta de um time de futsal? Qual a representação e a importância de estar vestido com a camisa do seu time do coração? Torcer para esse time, realmente foi à criança quem decidiu?

Essas questões, podem ter algumas respostas, mas acredito no que vejo, e uma das principais respostas, é que as crianças e seus pais e mães, vão para a prática do futsal, pensando exclusivamente no futebol, no mundo mágico que o futebol pode proporcionar. Em meu cotidiano escolar, uma pergunta voltada diretamente para esse foco, geralmente é feita pelo pai ou mãe do garoto que o leva até o treinamento na escola. A pergunta é esta: “e ai Cebola, (este é meu apelido desde quando jogava, já incorporei em meu nome), meu filho leva jeito para ser um atleta profissional de futebol?” Através dessa pergunta, volto a confirmar a representação do futebol dentro da escola, e o imaginário em que nele se representa através das crianças e de seus pais.

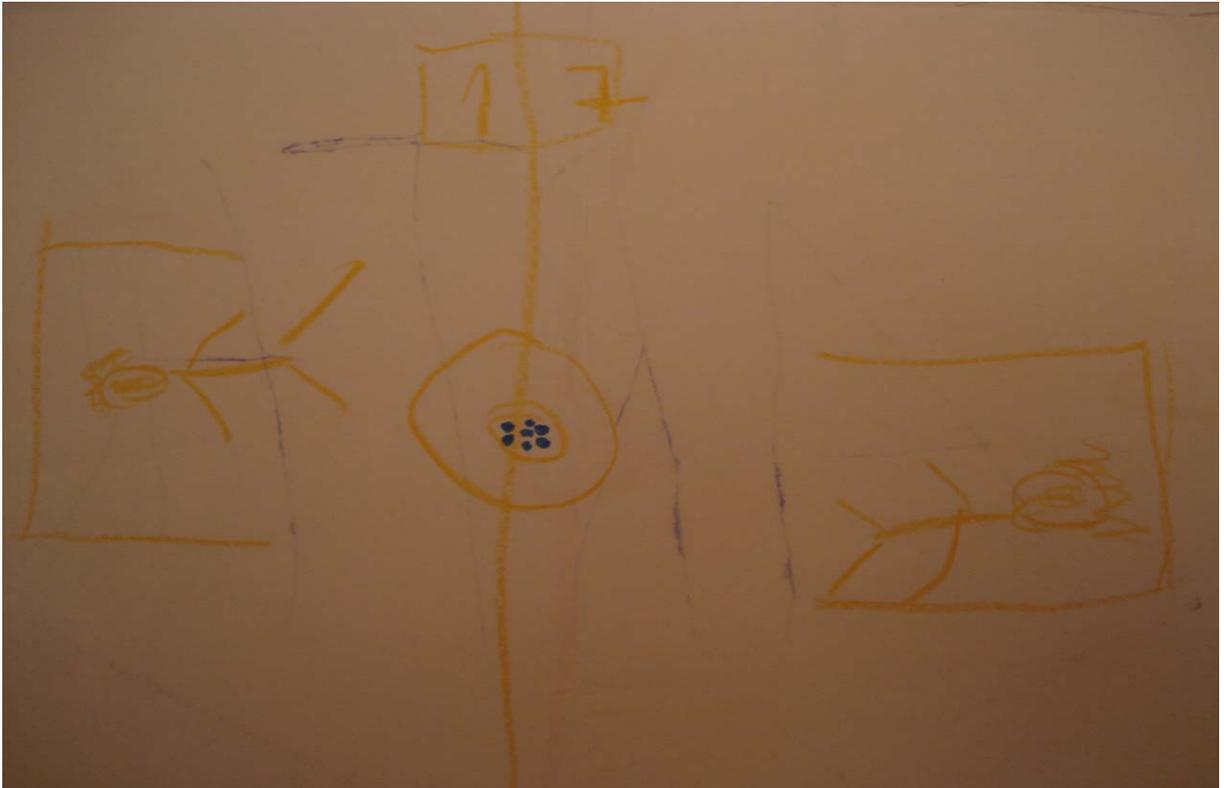
Nesse caminhar, através de meus estudos, e com meu capital cultural adquirido através dos anos que trabalho com futebol, essa somatória me proporcionou o ingresso em uma instituição o (ISEU – Instituto Superior de Educação Uirapuru), como professor universitário, logo após me tornar especialista como citei, com a oportunidade de ser professor universitário, surgiu a oportunidade de poder dar seqüência aos meus estudos, parti então em busca de um mestrado que me ajudasse nessa nova função, pois queria ter referencial teórico para poder sustentar todo meu conhecimento empírico. Escolhi então o mestrado em Educação (Stricto Sensu), da UNISO.

Como professor universitário há três anos no ISEU, ministro algumas disciplinas entre as quais: Educação do Movimento, Prática III, e minha especialidade Futebol e Futsal.

Em toda minha trajetória de vida o futebol sempre esteve presente em meu cotidiano. seja como atleta profissional, como atleta amador, jogando meu futebolzinho de final de semana, seja como professor da Educação Infantil, seja como professor do Ensino Fundamental ou Médio, ou mesmo como professor universitário.

O futebol se fez presente em meu viver. Minha vida inteira está voltada para esse tema. Pois em qualquer lugar que eu esteja, basta algum dos meus alunos me encontrar, não tenho mais dúvidas, a primeira fala é relacionada ao futebol. Já estou acostumado, a responder sobre os por quês do futebol. Outro fato interessante, é quando me perguntam

quanto vai ser o resultado do jogo, exemplo vai jogar Corinthians e Palmeiras, meus alunos torcedores dessas equipes é que são os primeiros a me perguntar. E olhe que nas últimas previsões, acabei acertando, validando mais ainda o imaginário de meus alunos, com relação ao meu conhecimento em se tratando de futebol. Vamos a concretude, claro que faço uma análise do jogo, tento colocar meu conhecimento adquirido através dos anos, para poder dar uma opinião fundamentada e esse fator é importante para você ter um parecer favorável ao que vai acontecer no jogo, mas só essa análise não é determinante para dar o resultado final da partida, também existe o palpite, o momento da equipe, etc.. entre vários outros fatores. Pois se realmente todas as previsões das pessoas que entendem de futebol se confirmassem, só teríamos ganhadores. O futebol além de ser um dos principais motivadores para continuar meus estudos, ele promove o desejo de busca, pois nos faz querer entender como esse esporte,



consegue mexer tanto com o sentimento das pessoas.

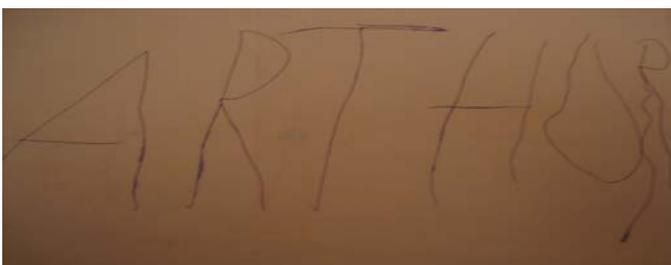


Figura 1: Desenho elaborado por Arthur
Aluno da pré-escola, seis anos de idade
Dezembro/2005 – Sorocaba SP

Levar o homem ao delírio sem aliená-lo na arquibancada é o que explica a magnitude do Futebol” (Armando Nogueira, conhecido como o poeta do futebol).

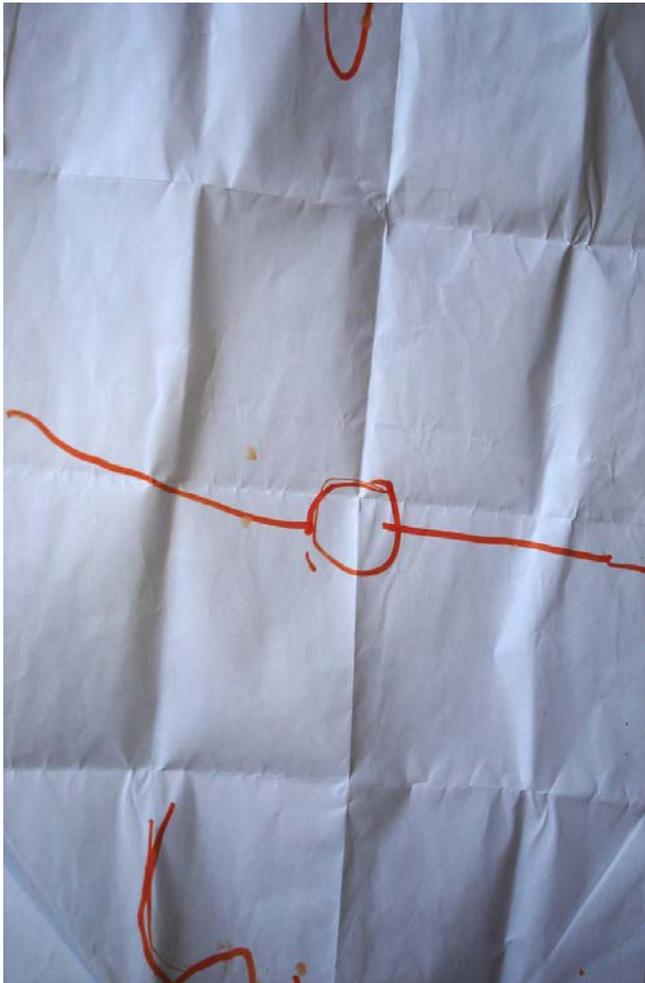


Figura 2: Desenho elaborado por Pedro Corsi, Aluno da pré escola, com cinco anos de idade. novembro/2005 –Sorocaba SP

*Os meninos se atropelam
Na correria da pelada matinal.
Um pássaro esguio desce suavemente
No meio do campo.
É um anjo bem mandado
Que traz escondido nas asas
De seu pouso generoso
Todos os encantos do futebol.
No vaivém da bola, os meninos nem
percebem
Que há um anjo ali pertinho deles.
De repente um escurinho pára e
chama o pássaro;
- Vem, entra aqui. Vem jogar
com a gente.
O anjo sorri, manda o menino fechar os
olhos
e, com as mãos de Deus, vai-lhe
entregando, uma a uma, todas as graças, do
futebol.
Entrega o segredo dos dribles,
travessos, o segredo
Dos passes de mágica, dos chutes
certeiros
E, mais que tudo, o milagre do equilíbrio
Com que o corpo triunfa sobre a vertigem do jogo.
Bem-vindo o anjo que escolheu
Bem-vindo o anjo que escolheu
Para ensinar aos homens que o futebol é coisa
De Deus.
(O menino e o anjo, In: O Homem e a Bola, p. 67)
(ANDRADE, 2002, p. 25)*

Estes dois desenhos, dos meus alunos Arthur e Pedro, foram entregues como um presente. No ato da entrega, Pedro me disse: “Tio, olha seu presente, foi eu que fiz pra você”, Era uma representação do nosso campo de jogo. Muitos aspectos da vida cotidiana podem ser explicados com base no jogo, principalmente a relação dos jogadores e alunos, com o técnico e professor, existe uma diferença da atuação profissional dessas duas pessoas, que também no imaginário das pessoas são a mesma coisa, outro equívoco, pois a filosofia de trabalho é totalmente diferente, baseado nas necessidades diárias e no seu objetivo de trabalho. Um momento interessante do futebol é quando por exemplo o atleta chama o treinador de professor.

Esses dois desenhos, foram selecionados entre outros que tenho, para mostrar como o futebol está presente no imaginário de meus alunos, além de me fazer sentir orgulho em ser professor. Esse gesto dos alunos para com o professor, mostra quanto nós professores de Educação Física, somos apreciados, queridos e amados por nossos alunos. No ato da entrega do desenho, que veio acompanhado com um super sorriso, um beijo e um forte abraço, essa demonstração não necessita de mais argumentos, sem mencionar que a criança só demonstra em gestos, quando realmente ela sente de verdade.

Também levanto a questão do trabalho científico, pois é baseado em acontecimentos do cotidiano e suas representações, além de ser uma produção cultural, pois representa o momento em que essa criança está vivendo

Estes desenhos me permitem dizer, que são uma representação gráfica do futebol. Além do seu significado, pois estes desenhos são realmente um campo de futebol meio misturado com uma quadra, pois estão vivendo esse momento, essas afirmações partem do que estou observando em minhas aulas práticas, além de me basear na conversa cotidiana com meus alunos e alunas, para poder afirmar e entender o que realmente estão pensando.

2 – O FUTEBOL NAS CONVERSAS COTIDIANAS COM MEUS ALUNOS E ALUNAS

A pergunta que me faço é: por onde começar? Se já soubesse parte dessa resposta poderia ficar mais simples escrever sobre uma das coisas mais importantes em minha vida, o “FUTEBOL”. Mas aceitando esse desafio, procurarei dialogar com autores e autoras que escrevem sobre o tema, relacionando-os com textos de filósofos, antropólogos, diretores de teatro, sociólogos e também de anônimos que apenas falam sobre os sentimentos provocados pelo futebol/futsal.

Partindo do pressuposto de que o futebol é uma paixão, coletei várias opiniões de autores e alunos meus, analisando o significado e a importância ou não do futebol, dentro do cotidiano desses alunos no contexto escolar. A dimensão que o futebol alcança na relação e construção da cidadania, as representações e fundamentações teóricas de alguns autores e intelectuais dessa e de outras gerações quando analisam o futebol e trazem à tona, intrinsecamente, questões relacionadas à Cultura popular, Política e Sociedade.

2.1 - FUTEBOL MESTRE E APRENDIZ

Início minha caminhada, reportando-me à revista do núcleo de sociologia do futebol / UERJ, Pesquisa de campo, Futebol e Cidadania, cujo editor é Maurício Murad (1997).

Essa revista traz um texto de Graciliano Ramos, escrito pela primeira vez em “o índio”, em Palmeira dos Índios (AL), em 1921, sob o pseudônimo de J. Calisto. Esse texto, trazido à luz por Antonio Jorge G. Soares, doutorando em Ed. Física, e por Hugo Rodolfo Lovisoló, (Pós-Doutor, pela Universidade do Porto), revelam uma visão crítica da profecia de Graciliano Ramos. Em “Traços a Esmo”, Graciliano Ramos afirma não acreditar no futebol e falava que não faria parte da paisagem dos “sertões”, pois, além de analisar problemas que teoricamente o futebol traria para a época, fazia analogias entre os problemas sociais, políticos e culturais, através de seus textos, que, como vimos, ainda estão presentes entre nós nos dias atuais.

Achei importante trazer a opinião de um grande romancista brasileiro, pois toda vez que o futebol é tratado como cultura, surge alguém que nos lembra dos intelectuais que, no início do século, falharam em suas profecias em relação ao futebol.

“Graciliano traçava um perfil dos moradores locais, e ele não conseguia enxergar como o futebol poderia fazer parte daquele cenário, apesar de acreditar que no início seria bem recebido, mas não duraria um mês, talvez por analisar o futebol por apenas um viés, o do preconceito, que seria um esporte do estrangeiro, e que pode ser moda passageira, além de argumentar que o futebol era fogo de palha porque a cultura física está entre nós totalmente abandonada” (SOARES, 1997, p.8).

Graciliano continua fazendo um paralelo entre futebol e vida social dentro do contexto da época, tentando expor suas idéias, visto que, não existia um Brasil, mas sim brasis. Partindo desse princípio, ele acreditava que na sua região de Alagoas, especificamente em Quebrângulo, considerada sua terra natal, esse fogo de palha, como ele mesmo se referia ao futebol, logo se apagaria, e sua fala sempre foi nesse sentido: “O futebol não pega, tenham a certeza. Não vale o argumento de que o futebol ganha espaço em terreno nas capitais de importância”. São palavras que Graciliano Ramos, usa para referir-se ao futebol, para sustentar e servir de instrumento para sua crítica romântica da cidade. (SOARES, 1997, p.13).

Graciliano apoiava-se em suas conclusões. Em uma delas diz: “O passado cultural escreve o presente. A tradição carrega-se das forças do determinismo e apenas poderíamos aprofundá-la, desenvolvê-la e fazê-la crescer”. (SOARES, 1997, p.8).

Concluindo a leitura que Graciliano Ramos fez do futebol e comparando com a realidade social brasileira na época, é interessante observar que muita coisa que o incomodava ainda está presente, no âmbito da política nacional. Ele só falhou na sua conclusão geral, na qual deixava claro que o futebol não pegaria no sertão, ou seja, não analisou que o futebol em sua estrutura de jogo, apresentava um modelo mais democrático que as próprias instituições brasileiras de sua época. Não percebeu que as regras do jogo são para todos, e a grande dúvida é, se Graciliano Ramos desconhecia a grande popularização do futebol, que se materializava de todas as formas, através de operários, de pessoas do povo misturados à elite num jogo, na ocupação de terrenos baldios para a montagem de um campo de futebol. A verdade é que um homem culto como ele não poderia ficar distante desses fatos.

“Enfim, o futebol colou e não foi fogo de palha. Talvez por ser um dos poucos espaços sociais que nasceu para as elites e do qual as camadas populares se apropriaram rapidamente, reivindicando o direito de igualdade diante do jogo de futebol, valor esse que não existia em outras esferas sociais”. (SOARES, 1997, p.17).

Um exemplo de um jogador que veio dessa região e tornou-se um ídolo nacional foi o meia esquerda Rivaldo, que iniciou sua carreira de atleta profissional no Mogi Mirim, uma cidade do interior de São Paulo, e passou por vários times importantes, entre eles, o Corinthians de São Paulo, o Barcelona da Espanha, Milan da Itália, além da seleção brasileira de futebol.

2.2 – FUTEBOL EM VERSO E PROSA

Continuando com o olhar voltado para um determinado período, vamos citar 1970 como uma época de glória para o Brasil. Entretanto, nesse ano, apesar de termos sido tricampeão mundial, foi um ano muito difícil para nosso país, pois as vitórias dentro campos tornava despercebido ou apenas encobertava, muito dos problemas sociais pelos quais o país passava. Enxergando por esse mirante, reporto-me a esse ano e busco na bibliografia alguns textos que representam esses momentos, além de contar um pouco da nossa cultura, expressando assim através das poesias e dos textos dos próprios autores, seu sentimento, que muitas vezes ficava implícito nas entre linhas, pelo simples fato de não poder expressá-lo abertamente, devido ao regime político desse período.

Começo com Carlos Drummond de Andrade, um entusiasta quando o assunto é futebol, além de se mostrar um apaixonado por esse esporte, guardava com carinho alguns poemas, entre eles “o momento feliz”, o qual tinha emoldurado, e com dedicatória de próprio punho dos membros da delegação campeã mundial de 1970. Importante ressaltar que, nos poemas, crônicas e cartas, reunidos no livro “Quando É Dia de Futebol”, esse esporte serve de pano de fundo para fazer agudas observações sobre a política brasileira. Nesse sentido, trago dois marcantes textos de Drummond, em que ele retrata todo seu amor, otimismo e admiração pelo futebol, deixando sua marca, porém denunciando a manipulação do esporte.

“Ou ganhamos no México ou não sei o que será de nós, de nossos negócios particulares e até da segurança nacional. Sim, da segurança. Uma bola pode salvar o país, se tomar posição franca a nosso favor, contra tudo e contra todos”. (ANDRADE, 2002, p.21). (anexo1)

Nas poesias de Drummond (em anexo 3 e 4) destaca-se o sentimento de uma nação, no qual ele tentava atingir o maior número de pessoas, tentando passar suas mensagens, fazendo

com que uma nação parasse e refletisse sobre o momento em que estava vivendo e tudo o que estava acontecendo nessa época. Queria alertar as pessoas que, através do futebol, o governo poderia encobrir ou esconder os problemas do Brasil, sejam sociais, educacionais ou políticos.

Mantendo-me na década de 1970, destaco como pensava sobre “O Futebol” o cineasta, político, escritor e poeta Píer Paolo Pasolini, num artigo escrito meses depois do tricampeonato conquistado pelo Brasil. Ele foi escrito num jornal de grande circulação na Itália, conhecido como “Il Giorno”, em 03/01/1971, e publicado na Folha de São Paulo, no caderno Mais em 06 de março de 2005. Segundo Pasolini:

“na famosa final disputada por Brasil e Itália em 1970, estavam em campo não só dois times com estilos diferentes de jogar, o prosaico e o poético, mas também dois modelos distintos de sociedade: o europeu, engessado pelas regras do sistema, e o latino-americano ou terceiro-mundista, supostamente mais imune ao sistema e capaz de afirmar-se pela subversão das regras”. (PASSOLINI, 2005, p.7)

O diretor de cinema Píer Paolo Pasolini referia-se ao futebol, “onde o estádio é um imenso teatro, os jogadores são atores e o público, o coro” (06/03/2005).

“Cada gol é sempre uma invenção, uma subversão do código: cada gol é fulguração, espanto irreversibilidade” (PASSOLINI, 2005, p.7)

É interessante como dois poetas de mundos diferentes conseguiam enxergar através do futebol, uma magia envolvente capaz de alucinar uma nação, fazendo com que seus pensamentos sejam apenas voltados para o que o futebol está trazendo de bom para o povo, esquecendo de todos os outros problemas. Finalizo, assim, com mais um poema de Drummond (em anexo 5), no qual ele pede até pra bola, para que nosso país saia da copa de 1970 vitoriosos, pois ele temia as graves conseqüências de uma derrota. (anexo 2).

*“esperança na linguagem do coração, e também da mente,
pois o negócio é sério, não preciso esclarecer mais
nada, tu me compreendes: salva-no!”*
(ANDRADE, 2002, p 41).

Essa época foi muito importante nos consolidar como um povo que poderia ter a sua imagem própria, a sua cultura, a própria sociedade, sem ter que buscar moldes em nenhum

outro lugar, mostrando-nos que apenas temos que acreditar em nós mesmo e nos auto-ajudar para que nosso país encontre seu espaço no cenário mundial. Nelson Rodrigues, cronista e um dos principais jornalistas da época em se tratando de futebol, expunha suas idéias sobre a importância das manifestações populares ligadas ao futebol, para a conquista de uma unidade e de uma identidade nacional, e do grande feito que foi a conquista da Copa do Mundo de 1970. Vinha provar ao próprio povo brasileiro, definitivamente, que a dor da derrota e o complexo de inferioridade eram coisas do passado, e que o brasileiro vencera por suas qualidades e também, ou inclusive, por seus defeitos, e enfim o mundo reconhecia aquilo que para ele estava “na cara”, o incontestável valor do futebol três vezes campeão do mundo.

“Sem dúvidas a década de 1970 foi crucial para a consolidação do futebol como mania nacional e também da imagem do Brasil como o país do futebol, e essas idéias e memórias que hoje se retêm desses fatos dói, em grande parte, formada por imagens e reflexões elaboradas por esses cronistas. Idéias que mobilizaram as atenções de uma época e que participaram do processo de construção da identidade nacional. Idéias que, preservadas em jornais e revistas, puderam ser revisitadas como vozes do passado que, contudo, ainda ecoam em nossos dias”. (ANTUNES, 2004, p. 290).

Tentando entrelaçar as opiniões desses três grandes poetas, escritores, cronistas e dramaturgos de sua época, mais interessante é observar como, através de suas crônicas e poemas, faziam de tudo para atingir seus objetivos, que seria alcançar o povo, a grande massa, através do futebol. Fazendo um paralelo com o mesmo, ficaria mais fácil a compreensão de mundo dessas pessoas. Bem interessante também como conseguiam identificar-se com o povo, através do tema futebol, criando assim um mesmo ponto de referência para quem estava lendo e para quem estava escrevendo, buscando uma noção maior de cidadania em seu povo e ampliando um pouco o conceito de cultura dos mesmos.

Saltando as quatro linhas e viajando direto para os dias atuais, é importante ressaltar alguns autores entre eles, José Carlos Bruni.

“É impossível não levar em conta, pelo menos neste momento e neste país, o imenso fenômeno denominado futebol. Sua definição estrita, como esporte que utiliza uma bola jogada com os pés, mal deixa

entrevier o universo de significações simbólicas, psíquicas, sociais, culturais, históricas, políticas e econômicas inesgotáveis que envolvem multidões, encontradas no público em geral, nas torcidas organizadas, nos jogadores e equipes técnicas e burocráticas, concentradas em torno de um espetáculo que empolga sociedades, nações, países, estados, em esfera planetária, mobilizando milhões de dólares e conquistando a adesão cada vez maior de pessoas de todas as camadas sociais.” (BRUNI, 1994, p. 7).

O autor relata o futebol presente na sociedade, fazendo um paralelo entre a vida das pessoas e uma partida deste esporte, além de mostrar tudo que representa o futebol para uma sociedade. Neste mesmo sentido, gostaria de observar mais um texto escrito por Roberto Damatta, no qual o autor faz analogias ao futebol:

“Diz um ditado popular que no Brasil só existem três coisa sérias: a cachaça, o jogo do bicho e o futebol. Curioso que esta lista de unanimidades nacionais seja constituída por uma bebida alcoólica – um “espírito” que ajuda a comemorar alegrias e a esquecer as frustrações; uma loteria clandestina que junta números com animais, sonhos com o desejo de fácil ascensão social, políticos profissionais e “homens de bem” com notórios contraventores; e, finalmente, um esporte moderno inventado pelos ingleses e adotado pelos brasileiros com uma paixão somente igualada por sua perícia em praticá-lo.” (DAMATTA, 1994, p. 11).

Vale igualmente observar que, dentre essas instituições, o futebol é certamente a mais moderna e a que chegou no Brasil por meio de um bem documentado processo de difusão cultural. De fato, enquanto a cachaça e o jogo do bicho atendem a motivações que se perdem na história, o futebol foi introduzido no Brasil sob o signo do novo, pois, mais do que um simples “jogo”, estava na lista das coisas moderníssimas: era um “esporte”. Ou seja, uma atividade destinada a redimir e modernizar o corpo pelo exercício físico e pela competição, dando-lhe a rigidez necessária à sua sobrevivência num admirável mundo novo – esse universo governado pelo mercado, pelo individualismo e pela industrialização. Não

esquecendo que, como já dito nos primeiros anos do século, portanto no momento de sua aparição no cenário brasileiro, o futebol foi um jogo de elite.

“Um esporte praticado por jovens filhos de industriais que por ele se apaixonaram na Inglaterra, onde tinham ido a estudo ou negócios. Apaixonados pelos valores que o esporte implicitamente solicitava dos seus praticante – a competição e o chamado fair-play ou espírito esportivo, esses jovens trouxeram o futebol para suas fábricas e clubes, espaço onde o jogo ajudava a disciplinar os corpos e aplainava os corações fazendo-os obedientes às suas regras.” (DAMATTA, 1994, p. 11)

Bruno Barreto, diretor de cinema, presta homenagem à cultura paulista na comédia “O Casamento de Romeu e Julieta”. Ele diz que não é só uma comédia, que havia um mundo a se descobrir – o do futebol, o da cultura paulista. E acrescenta que existem choques culturais, esportivos e a paixão pelo cinema popular, “e tudo sem pretensão”. Afirma ainda que gostaria de fazer um filme que tenha relação com a paixão e o fanatismo que ele gera, e não especificamente sobre futebol.

Quanto ao futebol, Bruno Barreto confessa que não é Boleiro (na gíria, quem entende ou já jogou futebol) e que o futebol lhe é estranho.

“Meu pai nos levava ao Maracanã, mas eu nunca fui muito de me empolgar. Gostava era do maracanã, de subir à tribuna com meu pai. Quando o elevador se abria diretamente sobre o gramado, era de enlouquecer. Tive ali a minha primeira sensação de Dolby Stereo. O som daquela multidão, o clamor do público era algo ensurdecedor”. (BARRETO, 2005, p. 5).

2.3 – FUTEBOL, TORCEDOR E PAIXÃO

Boris Fausto, historiador e presidente do Conselho Acadêmico do Grupo de conjuntura Internacional da USP, é autor de, entre outras obras, “a revolução de 30”. Num bate papo informal cedido ao caderno Mais, ele disse que, após assistir a esse filme de Bruno

Barreto, sentia-se disposto a escrever sobre o futebol. Chego à conclusão de que deve ser gostoso explorar todas as possibilidades que o futebol oferece, pois as pessoas de todas as áreas se sentem capacitadas para expressar seus sentimentos e declarações a esse respeito.

No texto, Boris Fausto vem nos contar as virtudes do “torcedor”, que pra ele são milhões de brasileiros e milhares de brasileiras, um dos seus maiores méritos se encontra na sua fidelidade inabalável.

“Pois ele troca de camisa todos os dias; quando pode, troca de mulher ou de homem, mas a paixão por um time é coisa pra toda a vida e hoje em dia, coisa pra toda vida é muito sério, e muito rara”. (FAUSTO, 2005, p. 3).

A paixão aflora eufórica nas fases de êxito e mantém-se, com orgulhosa teimosia, nas fases de maré baixa, que podem durar decênios. Não é simples entender as razões da fidelidade do torcedor, mas é possível sugerir algo. Primeiro que as adesões são do tempo de infância, permanecem associadas a imagens de fatos do passado, de pessoas que já se foram, lembrando que, na maioria das vezes, essa adesão é imposta pelos pais, depois o time representa o bem e, por fim, na cultura do torcedor brasileiro, quem troca de time não merece respeito. Você fica marginalizado perante seu grupo, por isso é difícil de acontecer. Eu não conheço ninguém que trocou de time ou quem não se interessa, ao menos um pouco pelo futebol.

Nessa passagem cabe um fato curioso que me aconteceu. Quando garoto, queria por que queria torcer pelo Corinthians, mas a minha adesão foi feita muito antes. Meu pai era São Paulino roxo, desta forma, sou São Paulino, quase roxo até hoje, mas não mudei de time, fui sempre fiel. Mesmo no início não querendo muito, hoje já incorporei e não vejo a menor possibilidade de mudar de equipe em nenhuma circunstância.

São várias as mudanças que vêm ocorrendo na área do futebol, relacionados com à magia que envolve o torcedor e às dificuldades dos times montarem uma grande equipe, assim como à troca constante dos jogadores de um time para o outro por questões financeiras. Esses são alguns itens levantados para poder explicar o desinteresse e a diminuição da paixão, pois os torcedores começam a perder a motivação. Hoje é difícil encontrar jogadores como Pelé, Ademir da Guia, Zico, Junior e outros tantos, que realmente empenhavam-se por amor à sua equipe. Um dos casos raros do futebol atual é o goleiro do São Paulo Futebol Clube, Rogério Ceni, que há mais de dez anos está defendendo as cores do Tricolor paulista. Este sim é um ótimo exemplo de amor a um clube de futebol e reflete diretamente no torcedor, visto que é adorado pela torcida São Paulina, é e será um dos maiores ídolos do clube, em toda sua história.

“O futebol brasileiro é um bem cultural que precisa ser preservado, tanto quanto outros, como as igrejas de minas e o acarajé, embora não se deva pôr tudo no mesmo prato. O que se pode fazer em favor desse patrimônio ?” (FAUSTO, 2005, p.3)

Uma vez por semana, vários torcedores fogem de casa e vão ao estádio. Lá agitam o lenço, engolem saliva e veneno, “comem o boné”, sussurram preces e maldições, fazem mandinga e, de repente, arrebentam a garganta numa ovação e saltam feito cangurus, abraçando o desconhecido que grita gol ao seu lado. Enquanto dura a missa pagã, o torcedor compartilha com milhares de devotos a certeza de que somos os melhores, todos os juízes estão vendidos e todos os rivais são trapaceiros.

“É raro o torcedor que diz: “meu time joga hoje”. Sempre diz: “Nós jogamos hoje”. Esse jogador número doze sabe muito bem que é ele quem sopra os ventos de fervor que empurram a bola quando ela dorme, do mesmo jeito que os outros onze jogadores sabem que jogar sem torcida é como dançar sem música. Quando termina a partida, o torcedor, que não saiu da arquibancada, celebra sua vitória, que goleada fizemos, que surra a gente deu neles, ou chora sua derrota, nos roubaram outra vez, juiz ladrão. E então o sol vai embora e o torcedor se vai”. (GALEANO, 2004, p. 15).

Os dois autores tocam no ponto fundamental, o sentimento e a necessidade de tornar-se um todo e um grupo, de se relacionar com pessoas com os mesmos gostos, a mesma paixão, é isso que o torcedor encontra no estádio, os seus pares, sem nunca ter visto a pessoa no meio daquela “massa”, daquele povo todo, mas ele tem a perspectiva dos mesmos ideais, tudo girando em torno de um bem comum, a vitória de seu time. “O futebol é também um elemento importante na construção da identidade nacional de alguns países” (REIS, 2006, p. 10).

2.4 – FUTEBOL E A MÍDIA

Nos últimos anos, vem-se dando ênfase ao futebol no cinema nacional e internacional e há quem afirme que o futebol e o cinema são os dois adventos mais fascinantes da modernidade. Visto que se tem o interesse de se fazer cinema com o tema voltado ao futebol,

o cinema nacional ganhou bastante espaço e público, tendo-se bons exemplos: “Pelé Eterno”, “Garrincha”, “O casamento de Romeu e Julieta”. E logo estará em cartaz “Boleiro 2” filme do cineasta Ugo Giorgetti, que retrata os bastidores do futebol. E como não poderia deixar de ser, em breve entrará em cartaz “the Gol” uma superprodução americana que tem a marca do diretor Spike Lee. O filme é sobre um favelado carioca, que vira um astro de futebol e vai morar nos EUA. Ou seja, sempre que se coloca futebol, pressupõe-se que milhares de pessoas irão interessar-se pelo assunto, e isto significa gerar dinheiro ou faturar alto, pois a estimativa é aproveitar os 3 bilhões de fãs de futebol ao redor do planeta. Qualquer pessoa apaixonada pelo assunto vai achar muito interessante ir assistir e, claro, tirar suas próprias conclusões.

Gostaria de continuar as observações sobre o torcedor e apresentar Zé Cabala personagem principal do livro de José Roberto Torero, “Zé Cabala e outros filósofos do futebol”, que nos traz uma visão interessante sobre o assunto, através de um “plagiozinho”, como ele mesmo diz, de um conhecido poema de Drummond.

Tem Brasileirão/tem Estadual.

Sossega, José, /A TV ainda está lá.

E assim você segue, José/Mas para onde? (anexo 3)

Essa é a grande pergunta a ser feita, pois, após uma partida de futebol, como diz Zé Cabala, os sentimentos ficam aflorados e nós demonstramos todo nosso sofrimento, nossa dor e também nossa alegria, nosso sorriso, mas o jogo acabou e agora, torcedor?

Reporto-me agora para os campos de várzeas, em Sorocaba. Lá a galera comparece em peso ao local da partida, a maioria do povo que vai assistir uma partida de futebol, ao vivo e claro sem o custo da entrada. Uma das hipóteses que levanto, é que talvez tenha apenas aquele momento para poder divertir-se no domingo, uma vez que, nós que vamos ao campo para a prática do futebol propriamente dita, logo que chegamos o torcedor já está lá, mesmo para ver um jogo entre Paulistano, um time da Vila Angélica, versus Vila Haro, como o próprio nome diz, time do mesmo bairro.

Para quem joga, é um momento de puro prazer e diversão, mas questiono-me quanto aos torcedores. Fico observando e analisando o envolvimento desse núcleo de pessoas e o sentimento que os mesmo têm pela sua equipe. É evidente, que, muitas vezes, acontecem os exageros, como as bebidas, as drogas e o principal, as brigas fora ou dentro do campo. Como aconteceu nesse jogo, no dia 09/04/2006, após o time da Vila Haro estar perdendo por 2x0, os

torcedores se transtornaram. Invadiram o campo, soltaram rojões nos atletas, enfim barbarizaram. Mas o que realmente chama a atenção, é como a situação é contornada, só na base da violência, da pancadaria, um absurdo!!!

Nesse momento o torcedor é envolvido pelo fanatismo, pois a obrigação dos torcedores em torcer pela sua equipe, transforma aquele domingo em pesadelo, pois um momento de descontração e de alegria, vira uma verdadeira batalha, um momento de tensão. No qual, só a vitória da sua equipe, é que salvaria o dia, essa vitória, teria de vir a qualquer custo. Como? Do jeito que fosse necessário, se preciso, até o árbitro apanha, mas a vitória tem que ser do “meu time”.

Lembrando as palavras do meu professor Pedro Goergen na aula do dia 15/06/2005, em que retratou o torcedor como aluno, ou o aluno como torcedor: *“Tem o mesmo comportamento repetido dentro da escola, pois seu comportamento diário é uma representação do seu capital cultural adquirido. Ou seja a pessoa tem o mesmo comportamento onde quer que ela esteja, isso vem do seu eu”*.

Parando, pensando e refletindo muito no assunto, vejo que o futebol proporciona uma expansão da violência contida, na qual o ser humano pode extravasar todo o sentimento ruim que está dentro dele, sem sofrer severas punições, pois fica tudo encoberto pelo pano de fundo que seria o futebol. Ai fica claro que uma classe social excluída, quando aparece uma oportunidade como essa, na minha visão, eles não deixam escapar a chance de poder expressar aquilo que pensam ser sua cidadania.

“Nos dias atuais, percebe-se uma grande apatia da população jovem, tomada por incertezas do que um projeto de vida(futuro), em razão do quadro social brasileiro e das poucas perspectivas econômicas e de ascensão social. E mesclado a tudo isso se observa muita desilusão e poucos recursos para buscar caminhos que não sejam auto-destrutivos, como as drogas. Vejo como importantíssima a associação deles e o apoio do poder público para consolidação das torcidas organizadas como modelos de organizações sociais juvenis” (REIS, 2006, p. 84).

2.5 – FUTEBOL: SENSO COMUM OU CULTURA?

As discussões sobre futebol são freqüentes em qualquer bar de esquina nos dias que antecedem uma grande “peleja” e nos dias subseqüentes a ela. “*Quando se fala em futebol, até no meio acadêmico todos são entendidos, vira um senso comum, todos os homens têm sua opinião e gera uma polêmica gostosa de ser trabalhada*”, nas palavras da Eliana, minha colega de mestrado, fica evidente este sentimento. Outro fato que vale ressaltar é a quantidade de obras artísticas que, direta ou indiretamente, retrataram o futebol, incluindo-se música, quadros, filmes, peças de teatro, fotografias, livros e poesias. Embora alguns autores considerem ainda pequeno esse número, levando em conta a influência do futebol na vida nacional. O que estamos querendo dizer com esse relatar de fatos é que o futebol faz parte da sociedade brasileira de uma maneira talvez mais efetiva do que podemos supor à primeira vista. A sociedade brasileira – não é exagero dizer – está impregnada de futebol e o maior exemplo disso pode ser visto no nascimento de uma criança – homem, de preferência – quando ela recebe um nome, uma religião e um time de futebol. Time esse do qual vai aprender a gostar, compartilhando momentos de glória e sofrendo com os períodos ruins, sem jamais pensar em substituí-lo por outro.

Pretendemos aqui considerar o futebol como uma prática social que, como tal, expressa a sociedade brasileira, com todas as suas aspirações mais antigas, seus desejos mais profundos e suas contradições mais camufladas.

Alguns pontos. O primeiro, a busca da igualdade. O futebol é um exercício de igualdade. Em outras palavras, os times têm as mesmas condições durante uma partida. O campo de jogo é dividido em duas metades iguais. Cada equipe inicia o jogo num tempo sendo que a primeira a fazer isso é decidida por sorteio. O time que sofre um gol tem o direito de reiniciar a partida. As regras foram criadas para favorecer essa igualdade, igualdade essa que a massa torcedora sabe que não tem no seu trabalho, na sua cidade, no seu lazer, enfim, na sua vida fora dos estádios. No futebol, essa possibilidade de igualdade, por mais remota que possa ser na vida cotidiana, estaria sendo dramatizada, exercida, enfim, atualizada pela população.

O segundo ponto. É possível que o cidadão brasileiro, sendo uma mistura de Africanos, Indígenas, Europeus e Asiáticos, tenha uma maior facilidade histórica e cultural com os pés para a prática do futebol do que os de outros países.

O terceiro aspecto do futebol que se relaciona com a cultura brasileira é a necessidade e a importância em uma partida do drible. É através do drible que o atacante burla a defesa adversária e alcança seu objetivo máximo, que é o gol.

O quarto e último aspecto é a permissão para a livre expressão individual. Apesar de ser um esporte coletivo, o futebol permite e até incentiva as jogadas individuais.

(...) o futebol ilustra o conflito potencial entre criatividade individual, que floresce nas jogadas de efeito, nas bicicletas, nos lençóis e nos dribles, e a entidade coletiva do conjunto, para o qual se deve, em princípio, jogar. (p.112)

Obviamente, não pretendemos esgotar o assunto com esses quatro aspectos. Acreditamos que existem outros que fazem com que o futebol seja adequado perfeitamente ao povo brasileiro e vice-versa.

“Ressaltamos ainda a necessidade e a importância de mais estudos nessa área, porque, mais do que um conjunto de regras, técnicas e táticas, o futebol é a expressão da cultura brasileira, com todas as suas características”. (DAÓLIO, 1997, p. 108).

É difícil não filosofar ou divagar num assunto tão complexo como o universo das táticas do futebol. Não é um esporte confuso, se fosse, não seria o mais popular do planeta. Mas também não posso deixar de expor tudo aquilo que interfere no seu contexto e na sua estrutura. O futebol de alto nível é sinônimo de organização, dentro e fora do campo. Se o Brasil estivesse experimentando momentos de estabilidade social, política e financeira, o futebol teria seus benefícios. A prova disso é que existem muitos modelos simples e organizados pelo mundo que são exemplos de sucesso e refletem o equilíbrio dos seus países.

“Sempre acreditei, e a cada dia que passa mais confirmo minha crença, que o futebol de alto nível só se constrói com trabalho sério e sistemático, dentro e fora do campo. Todo o sucesso que se consegue fora dessa linha é passageiro e, na maioria dos casos, só serve para engrossar o rico conteúdo folclórico desse esporte”. (DRUBSCKY, 2003, p. 18).

A escola formadora de talentos e atletas muito acima da média, o Brasil, é, indiscutivelmente, o celeiro de craques do futebol mundial. Os críticos internacionais tentam desvendar os mistérios da hegemonia brasileira, mas não têm muito que procurar, pois a prática excessiva desse esporte pelas crianças brasileiras faz com que, como num piscar de olhos, surja um talento novo. Foi assim até este momento, veremos até quando será dessa forma.

“A mistura de raças, a paixão pelo esporte, a cultura da bola, impregnada em todos os detalhes da vida cotidiana do País, a irreverência do povo exacerbada na forma de jogar dos brasileiros, dentre outras razões, fazem a diferença em nosso favor. Mesmo assim, a história de conquistas do futebol brasileiro vem sendo construída com muitas dificuldades. Acredito até que essas dificuldades se somam às razões do seu sucesso. As conquistas poderiam mascarar, principalmente, a realidade cruel do futebol vivida internamente. Eu não sou adepto desta corrente de pensamento. Considero perda de tempo e frustração desnecessária torcermos contra a nossa paixão nacional. Além do mais, não se pode tirar dos brasileiros um dos poucos momentos em que ele vai às alturas com sua auto-estima e nacionalismo”. (DRUBSCKY, 2003, p. 15).

Para Ricardo Drubsky (2003), um exemplo da importância do futebol dentro do contexto nacional é o Cruzeiro Esporte Clube, um time profissional situado em Belo Horizonte, que além de ser a algum tempo um dos melhores times do país, é também um dos melhores na formação de atletas para times profissionais. O clube não se contentou em apenas ensinar o futebol para seus iniciantes. Inaugurou uma Escola de Ensino Fundamental e de Ensino Médio em suas dependências, para atender exclusivamente aos seus atletas. Esse projeto já está sendo estudado por outros clubes brasileiros e está tendo bastante êxito. Essas mudanças vêm ocorrendo devido à nova visão dos dirigentes, técnicos, preparadores físicos, jornalistas esportivos, dentre outros – em prol da qualificação do futebol.

E para fixar a idéia de que o futebol faz parte de nossa cultura, Ugo Giorgetti, volta a gravar “Boleiros 2”, continuação do filme Boleiros que atingiu mais de três milhões de telespectadores. Este último é um filme popular, uma receita de qualidade cinematográfica, que dialoga com os mais variados espectadores, de cinéfilos a torcedores da Gaviões da Fiel

(torcida uniformizada do Corinthians, clube de Futebol). Este filme é uma mistura de drama, muita comédia, criatividade, ou seja, é como o futebol brasileiro em seus melhores dias, este filme mostra a presença do futebol também no mundo cinematográfico.

Antes de citar meus alunos, gostaria de finalizar esse referencial teórico com o depoimento de Eduardo Galeano: *“como todos os meninos uruguaios, eu também quis ser jogador de futebol. Jogava muito bem, era uma maravilha, mas só de noite, enquanto dormia: de dia era o pior perna de pau que já passou pelos campos do meu país”*(...)

“Os anos se passaram, e com o tempo acabei assumindo minha identidade: não passo de um mendigo do bom futebol. Ando pelo mundo de chapéu na mão, e nos estádios suplico: Uma linda jogada, pelo amor de Deus! E quando acontece o bom futebol, agradeço o milagre – sem me importar com o clube ou o país que oferece. Diferente de muitos dos depoimentos dos autores brasileiros, mas a essência é a mesma, a enorme paixão que desperta esse esporte” (GALEANO, 2004, p. 13).

Continua dizendo do sentimento através da história do futebol, pois é uma triste viagem do prazer ao dever. Ao mesmo tempo em que o esporte se tornou indústria, foi desterrando a beleza que nasce da alegria de jogar só pelo prazer de jogar.

“O futebol, profissional condena o que é inútil, e é inútil o que não é rentável. Ninguém ganha nada com essa loucura que faz com que o homem seja menino por um momento, jogando como menino que brinca com o balão de gás e como o gato brinca com o novelo de lã: bailarino que dança com uma bola leve como o balão que sobe ao ar e o novelo que roda, jogando sem saber que joga, sem motivo, sem relógio e sem juiz” (GALEANO, 2004, p. 14)

O jogo transformou-se em espetáculo, com poucos protagonistas e muitos espectadores, futebol para olhar, e o espetáculo transformou-se num dos negócios mais lucrativos do mundo, que não é organizado para ser jogado, mas para impedir que se jogue. A tecnocracia do esporte profissional foi impondo um futebol de pura velocidade e muita força, que renuncia à alegria, atrofia a fantasia e proíbe a ousadia.

Por sorte ainda aparece nos campos, embora muito de vez em quando, algum atrevido que sai do roteiro e comete o disparate de driblar o time adversário inteirinho, além do juiz e do público das arquibancadas, pelo puro prazer do corpo que se lança na proibida aventura da liberdade.

3 - METODOLOGIA DAS CONVERSAS COTIDIANAS

Em tudo o que venho discutindo a respeito do futebol, recoloco em discussão a importância do processo “aprender fazendo” dentro do contexto escolar, o que torna a leitura desses autores pertinentes à minha proposta de pesquisa.

É importante levar em consideração e refletir como o aluno chega até a escola. São várias as possibilidades e locais de aprendizagem que nos faz traçar um paralelo, entre o hoje e o ontem, e nos faz refletir na pedagogia das lojas.

Nesse contexto, cito como exemplo a própria aula, pois ela sugere que, ao mesmo tempo em que se tenha a presença do professor, faz-se também necessária a presença do aluno. Assim o futebol também é uma fonte cultural e um tema importante no processo educativo.

Partindo desse ponto de vista, em conversas com meus alunos, sem ter formulado perguntas, eles sobre o futebol responderam espontaneamente, formando assim um processo educativo na construção do cidadão e na formação cultural deles. Além das respostas orais, teve um momento em que meus alunos escreveram sobre futebol, cultura e cidadania, mas não foi algo imposto, foi espontâneo, valorizando assim as suas narrativas.

3.1 – AS CONVERSAS SOBRE O FUTEBOL

Neste bloco, destaco as narrativas feitas por meus alunos e alunas, de todas as idades, tentando classificá-las em alguns tópicos, para que fiquem melhor o entendimento e a leitura. O que cada um deles ou delas expressa a respeito do futebol, e o que o futebol representa para esses meus alunos.

A) Favoráveis: paixão, torcedor fanático:

Antônia, “É o esporte mais popular do mundo, mais adorado, mais praticado, independente de raça ou cor, idade, sexo ou classe social, todo mundo de alguma forma tem acesso ao futebol. Pois uma meia vira bola, uma rua vira quadra, e o futebol se expande de uma tal forma, que se joga no quintal, na quadra da escola, no clube, no campo, na TV, enfim, todos que conhecem se apaixonam pelo futebol”.

Thaís de O, “O futebol reúne amigos, família, entre outros, para assistir e comemorar vitórias e se confortar nas derrotas”.

Luciano, “O país em que vivemos transmite uma cultura enorme relacionado ao futebol, passando experiências de pais para filhos, atravessando gerações. É comum andarmos pelas ruas e avistarmos pessoas jogando futebol, seja na rua, em terrenos baldios, em campos improvisados, com bola ou com uma bola improvisada, com traves improvisadas etc. Não importa a maneira como é jogado, mas sim que é o orgulho da nação, e como diz um ditado popular “está no sangue do brasileiro”. Enfim, o futebol faz parte de nossa cultura, de nossa vida, e é muito bem representado por nossos atletas lá fora”.

Andréa F. C., “O futebol é o esporte mais popular do nosso planeta, é um esporte no qual os atletas devem se dedicar os 90 minutos de uma partida, em que é influenciado pelo estado emocional, psicológico e também pela torcida. É muito difícil falar sobre o futebol, é como um novelo de lã que está guardado em uma gaveta com uma ponta pra fora, quando você puxa, não tem fim. Como torcedora vejo nesse esporte muita emoção e adrenalina”.

Sandra R., “A cultura é um conjunto de códigos simbólicos reconhecidos por um grupo. O futebol pode ensinar a se trabalhar em equipe, em prol de um bem comum; pode também ensinar a trabalhar a derrota, pois isso faz parte da vida; pode ensinar ainda a torcer da maneira correta, só em favor de seu time sem violência”.

Márcio R., “Futebol é o esporte que movimenta o nosso país, pois aqui estão os melhores clubes e os melhores jogadores do planeta; também no Brasil, é que está a única seleção pentacampeã mundial de futebol”.

José, R.M., “Paixão nacional, pois somos incentivados desde pequenos a gostar desse esporte seja por nossos pais, amigos ou pela TV. Futebol é torcermos pelo nosso time, irmos ao estádio para apoiarmos nosso clube, acordar de madrugada para torcer pela seleção brasileira”.

Luiz B., “Cultura seria a somatória de conhecimentos, valores, doutrinas, regras, informações, que são perpetuados ao longo dos tempos. O futebol atua na cultura, pois forma valores, transmite informações, além de adquirirmos conhecimentos. E suas regras podem ser comparadas com nossas vidas, devendo ser cumpridas, pois o não cumprimento ocasiona penalidades, desde as mais brandas às mais severas”.

Ana, “Futebol é tudo. A sensação de não saber o que suas adversárias estão pensando, que estratégia vão usar, o quanto de “sangue” estará correndo em suas veias. São coisas assim que me dão vontade de jogar futebol. Pois em apenas um minuto tudo pode mudar. O futebol é uma psicologia pra mim, na qual eu mesma tenho que trabalhar a mente; o futebol bem jogado é uma dança de movimentos, em que até acrobacias acabam sendo realizadas. E é lógico que devemos colocar que não só os homens realizam tudo isso, pois nós mulheres, estamos chegando ao mesmo nível, já que pensamos antes de fazer e os homens fazem e só depois é que pensam!!!”.

Juliana, “O futebol é a minha vida, é a minha paixão, como a de qualquer brasileiro. É o esporte que arrasta multidões, que mexe com as emoções do povo, que se transforma em “religião”, e é seguido e querido por todos aqueles que têm um time de coração. O futebol desperta várias sensações nas pessoas: felicidade, alegria (quando o nosso time vira um jogo ou levanta uma taça de campeão), dor de levar um gol aos 45 minutos do segundo tempo, que tira sua equipe da final do campeonato. As lágrimas são incontáveis, o corpo desaba e a mente se desliga do presente. A tristeza cai em nosso semblante. O futebol tem o poder de transformar essa tristeza. No campeonato seguinte, em alegrias, pois é só conquistar um título, que você nem lembra mais do que aconteceu no passado, fazendo explodir o grito da torcida, demonstrando o que é amor de verdade.”

Lauro S., “Futebol é minha preferência para prática esportiva e adoro também assistir futebol na TV. Já disputei vários campeonatos regionais e, no momento estou, disputando a 1^a. Divisão do campeonato varzeano de Ibiúna. Jogo todo final de semana e, quando posso, durante a semana também. Procuo saber o máximo sobre futebol, sou até chamado de fominha, pois não perco um jogo, se sou convidado para qualquer partida em qualquer lugar, dou um jeito de aparecer”.

João E., “O futebol é um esporte de muita importância para quase todos no nosso país, inclusive para mim, pois é bom para relaxar. E quem não gosta de assistir um jogo de futebol, num domingo à tarde, com um aperitivo do lado? Também é um excelente esporte pra se praticar com os amigos, pra descontrair, e já com os não tão amigos, para aproveitar, uma entrada mais dura num lance de jogo e descontar algo que aconteceu entre vocês. Além de ser muito bom no âmbito social, é importante destacar a parte fisiológica, na qual acaba tendo efeitos satisfatórios, com relação ao bem estar físico e mental”.

Andréia C., “É um dos esportes mais praticados no mundo, que envolve gasto energético, emoção, preparação física e muita auto-estima. No Brasil, popularmente reconhecido como paixão nacional, é também sinônimo de festa com vários times e campeonatos envolvendo muita torcida, e a felicidade é maior quando você vê o maior time do mundo a seleção brasileira, disputando uma copa”.

Danilo C., “Como um bom brasileiro, sou mais um apaixonado por futebol, especificamente pelo São Paulo Futebol Clube, para quem, essa paixão veio do berço, através do meu pai. Após um jogo da final: Copa Libertadores das Américas, eu, com dez anos de idade, e o Morumbi (estádio do S. Paulo), com mais de cento e dez mil pessoas, e o meu tricolor ganhou o jogo de 5x1, onde briguei, chorei, tirei sarro e outras alegrias; após esse jogo virei fanático”.

Renata M., “O futebol é o esporte mais popular do mundo, sendo bastante visado pelas jogadas maravilhosas de seus atletas, que são considerados estrelas. Em nosso país é a paixão que passa de geração para geração, que consegue parar o país para assistir uma final de copa do mundo. É uma pena que essa paixão se transforme em uma empresa manipuladora, com a intenção de gerar apenas lucro”.

Vanira H. S., “O futebol faz parte de minha vida desde pequena. Venho de uma família de atletas, na qual meu pai, foi jogador profissional de futebol, atuando em grandes equipes, entre elas, Corinthians e Bragantino; nesse último, foi campeão Paulista pelo time do interior de São Paulo. Aprendi, desde então, a amar esse esporte, que é uma paixão nacional e motivo de alegria, principalmente nos finais de semana, para um povo tão carente de alegrias, perspectivas profissionais e sociais, para quem sobra agarrar a única paixão, que é torcer pela sua equipe. O futebol é isso, é o que faz nosso país ser chamado de o país do futebol. Tantos talentos natos, craques, é a motivação do povo brasileiro de se apegar em algo que fortaleça a

alma, constrói esperança, define posições, traz alegrias. O esporte do meu pai, que me ensinou a viver o meio esportivo, a enfrentar dificuldades, conquistar espaços, conviver com alegrias e tristezas das derrotas, diferenciar amigos, fazer amigos, respeitar para ser respeitado, esse é o futebol”.

B) Indiferentes:

Kátia, “O futebol é aquilo que vejo na tv, pois não tive nenhuma vivência com esse esporte. Porém eu adoro assistir aos jogos, mesmo sem entender nada, fico perguntando ao meu pai e ao meu avô, e eles me dão um parecer do jogo. Pra mim o futebol é o esporte do brasileiro”.

Rafael L. S., “Para mim, é um esporte com grande divulgação e numero de praticantes, e, através da mídia, se faz com que cresça o número de praticantes e de telespectadores”.

Mariele, “É um esporte jogado mundialmente, que transmite emoções diversas por muitas jamais vividas. O futebol para mim é um esporte como outros, não melhor que o vôlei ao qual pratico, mas não deixo de conhecer e entender o futebol, para poder ensinar para meus alunos na escola”.

Carina, “Não tenho muito conhecimento sobre o futebol e suas regras. Pretendo adquirir mais informações sobre o assunto, assistindo e participando de aulas práticas e teóricas”.

Rafael A., “Futebol pode ser o ato de simplesmente participar de um “bate bola” com os amigos”.

Guilherme B., “O futebol é um esporte como qualquer outro, mas que movimenta milhões e mexe com outros tantos corações. É uma linguagem universal, uma paixão mundial, mas que não consegue mudar nada na minha vida”.

Melissa V., “É a atividade que o povo mais gosta de fazer, traz muitas alegrias, divertimento, porém também traz alguma coisa de ruim, devido à adoração enorme dos brasileiros pelo futebol, que até podem brigar pelo seu time”.

Cristina R., “Futebol é a bola no pé em movimento no solo. Colocou uma bola no chão, as pessoas já pensam em chutá-la”.

Danielle G., “Para muitas pessoas, o futebol é apenas diversão, alegria, esporte; e, para outros, uma profissão. Já pra mim é um conhecimento de regras e do esporte em si, o futebol exige um treinamento muito intenso, a pessoa que é sedentária não agüenta uma partida de futebol, por isso, pra se jogar futebol, você precisa de um mínimo de treinamento físico”.

C) Os que não gostam de futebol:

Maria, “É o esporte mais conhecido pela mídia, é o esporte mais divulgado, e é o esporte ao qual as empresas preferem patrocinar e apoiar, em vez de dar preferência para outros esportes”.

Françoise, “O futebol, pra mim, significa o esporte mais praticado e amado no Brasil. Conhecemos vários atletas conhecidos mundialmente que representam muito bem nosso país. Se viajarmos ao exterior e perguntarmos quem são Pelé, Ronaldinho fenômeno, Ronaldinho Gaúcho, todos conhecem. Eu particularmente não gosto de fanatismo, e eu acho que, para alguns, o futebol virou isso”.

Érica, “Para mim, o futebol é um esporte que agrada a maioria, mesmo quem nunca vivenciou o esporte; agrada principalmente quando se trata do Brasil jogar. Quando era criança, adorava jogar futebol na escola, entrando em todos os campeonatos e vencendo a maioria deles; hoje na faculdade, voltei a jogar futebol, mas não gosto muito por me sentir ruim, perto de umas meninas tão boas de futebol”.

Silvio T., “O futebol não faz parte do meu dia-a-dia nem dos meus finais de semana, é um esporte que, quando tem uma churrascada no final da partida até que, agente tenta participar; para eu assistir uma partida de futebol tem que ser uma final de copa do mundo ou coisa assim”.

Juliana F., “É um esporte praticado no mundo inteiro reconhecido em qualquer lugar e, no Brasil, eu acredito que seja o mais querido e praticado, é uma paixão nacional”.

Jéferson M., “Para quase todos os brasileiros, o futebol é o esporte do coração; em qualquer lugar que você vá, sempre tem uma trave e pessoas jogando futebol ou popularmente a “pelada”. Pra mim, sempre foi uma frustração; no primário me deixavam de lado, eu fui crescendo e nunca praticava futebol; todos gostavam, menos eu; todos falavam de futebol, torciam para um time, menos eu. Mas, neste ano de 2005, tive de pesquisar e aprender o futebol, devido ao fato de dar aula em um bairro carente, onde o único esporte que conheciam e gostavam era o futebol. Bem, até gol estou fazendo. O que tiro de bom nisso tudo, é a oportunidade que estou dando para meus alunos, pois a chance que não tive na minha infância, eles estão tendo, a de vivenciar o esporte, mesmo que não dominem as técnicas e táticas. Eles experimentam e acabam jogando. Hoje tenho outra visão sobre o futebol e, por fazer educação física, estou procurando melhorar a cada dia”.

D) futebol como Cultura:

Márcio, “Paixão nacional, é o que dizem a maior parte da população brasileira, mas futebol na minha concepção é um trabalho voltado para as crianças, em que não exista exclusão, tendo a participação de todos. O futebol tem que ser encarado como o maior benefício educacional, pois, através dele, podemos fazer interagir nossas crianças, jovens, adolescentes, com a realidade do nosso país, integrando-os no convívio sadio da sociedade. Trabalhando a parte educacional e emocional, trazemos aos nossos educandos uma noção melhor das palavras lealdade; lealdade com o companheiro dentro e fora das quatro linhas, objetivo, família, futuro, são pequenas melhorias que podemos acrescentar em um trabalho chamado futebol”.

Cláudia, “Podemos dizer que o futebol é uma paixão nacional e, agora mundial. Um esporte que, pra mim, teve sua origem como um meio de “recreação”, divertimento dos “homens” daquela época. Com o decorrer do tempo, o futebol tornou-se um esporte profissional, deixando seu significado de diversão. Não que não a tenha, mas hoje o objetivo do futebol é dar lucro, render o melhor possível”.

Gustavo, “Desde cedo nós, brasileiros, convivemos com a cultura do futebol. Estas vêm de nossos antepassados ou de alguém da nossa família, ao menos alguma pessoa da família gosta de futebol. Nosso país é conhecido em todo o mundo como o país do futebol. Nossa mídia

está voltada para a sua prática. Vejam que, nas escolas, o esporte preferido entre meninos e meninas é o futebol, e, claro, o mais aplicado. Contudo, seja qual for a época, o futebol está sempre presente, tanto na vida dos homens quanto na das mulheres. Haja vista o fenomenal espetáculo que é uma copa do mundo, na qual, todos ficam paralisados pelo acontecimento. A copa do Mundo é um momento marcante na vida de qualquer brasileiro, ainda mais quando nosso país é pentacampeão e, o patriotismo aflora. Acredito que é o único momento em que o brasileiro é patriota”.

Thaís, “O futebol é a modalidade esportiva mais presente nas nossas vidas. Mesmo que não sejamos praticantes desse esporte, sempre ouvimos falar de jogos e resultados de partidas de futebol. Na verdade, o futebol é um “fenômeno”, que tem a capacidade de mudar o humor e o dia de cada pessoa; para o bem ou para o mal. Esse ‘fenômeno’, faz um país tão grande como o Brasil parar, não há aula, não há trabalho, não há algo que seja mais importante do que o futebol; não que eu concorde! Acredito que valorizam demais o futebol e se esquecem de outros esportes; por esse motivo, o futebol faz parte da nossa cultura. Para mim foi o esporte mais difícil de se jogar, é muita gente, muito espaço e muito dolorido!! Aí meu pé!”.

Sabrina, “O futebol representa muitas coisas e muitos momentos, pois nasci em uma casa, na qual meu pai era torcedor assíduo do Corinthians, já meu avô era torcedor do São Paulo e influenciou minha escolha e na da minha irmã caçula; pais e filhos, times rivais e posturas diferentes. O fato é que só jogava futebol na escola, e de vez em quando. Nunca joguei futebol na rua. Com relação à torcida, assisto sempre os jogos pela televisão, jogos da seleção brasileira, são essenciais e imperdíveis. Na casa da minha avó materna, toda a família se reúne para assistir aos jogos, é sagrado; bagunça, pipoca, refrigerante. Sempre tem uns no sofá, outros no chão, alguns xingam, alguns aplaudem, poucos calados, muitos falantes; no momento decisivo alguns não olham, outros ficam com os olhos atento a tudo e fazem uma prece. É um sofrimento só. As mãos soam, o coração dispara, todos são técnicos. É como se naquele momento, nas chuteiras dos jogadores, estivessem um pedaço de cada brasileiro. E é por isso que o futebol é a paixão nacional”.

Eriberto, “O futebol faz parte da cultura de todo brasileiro, é também parte do cotidiano da maioria da população mundial. Ele tem o poder de transformar um simples mortal em uma pessoa mais famosa que “JESUS CRISTO”, pois ultrapassa qualquer tipo de barreira, seja cultural, sócio econômica ou religiosa”.

Cleber J. S., “Não só pra mim, mas para muitos indivíduos o futebol tornou-se uma cultura nacional, na qual através das peladas ou jogos oficiais é importante o sentido da cooperação entre os jogadores. Sendo assim, o futebol é um esporte que faz com que a grande parte da população esqueça de seus problemas, no momento em que está sendo praticado ou apenas visualizado, devido à mágica que envolve o futebol”.

André M., “Futebol é um dos fenômenos universais, que está no sangue do brasileiro. Por esse motivo falamos, que é uma paixão nacional. Desde pequeno aprendemos pela televisão, pelos nossos pais e pelos amigos a jogar, amar e compreender o futebol”.

Alessandro S., “É um dom que Deus dá a algumas pessoas, e o aprendizado, chamado de raça, que dá a outras, ou seja, com muita vontade e determinação você aprende a praticar esse esporte. Ele arrasta multidões, gera briga, polêmica, alegria, tristeza, desespero, raiva, emoções, desafetos, amizades, inimizades, vaias, elogios. Manifestações boas e ruins, talvez por isso o brasileiro seja apaixonado por futebol. O interessante contraste que apresenta o futebol unindo o milionário, no caso, o jogador de futebol, e o miserável, que seria o torcedor, o qual muitas vezes não tem o que comer em casa, mas arruma um dinheirinho para assistir a uma partida de futebol”.

Viviane Q., “Não sei definir exatamente o que é cultura, mas posso dizer que é ter o conhecimento das coisas que ocorrem no dia-a-dia, de uma maneira abrangente, e o futebol influencia na formação do cidadão, principalmente o brasileiro que já nasce petecendo uma bola, futebol é disciplina.”

Vitor G., “Podemos relacionar cultura, com tudo que está ligado diretamente a nós; cultura como convívio, relação e principalmente costumes que cada lugar, país e região possui formando idéias e opiniões diferentes, fazendo com que cada um possua sua própria maneira de pensar e agir. O futebol está ligado à cultura de cada lugar, já que a prática desse esporte pode influenciar na formação física, intelectual e social de cada cidadão praticante desse esporte.”

E) Futebol e Cidadania

Renato, “Futebol é paixão, rivalidade, socialização, companheirismo, disputa, vitória, saúde e atividade física. Dentro do futebol, convivemos em grupos para jogar, fazendo amizades importantes. Convivência”.

Giovanna, “O futebol nos ensina o respeito entre diferentes povos, culturas, raças... Não é por que um time é negro e o outro, branco, que um é melhor que o outro”.

Rafael A. S., “É um esporte fabuloso, mexe com o emocional, psicológico, com o humor das pessoas. Nele você encontra um momento de muita descontração, esquece de seus problemas e, fica concentrado apenas no jogo”.

Marco, “O futebol de campo é um divertimento que acompanho pela televisão. Como todo bom brasileiro, tenho um time ao qual torço, acompanho resultados e assisto aos jogos, mas não me considero um torcedor fanático, afinal nem a camisa do meu time eu tenho. O futebol é um ótimo esporte para ser praticado entre amigos. (convivência)”.

Luís, “Futebol é um jogo interessante como todos os esportes coletivos; no Brasil o país do futebol, você nasce chutando uma bola, e o pai falando: esse vai ser jogador de futebol. Num país onde todos comentam, criticam e até riem dos amigos, quando o time dele perde uma partida para o time rival; não importa muito para qual time você torce, o que vale é o tirar uma da cara do colega; a grandeza do futebol é tanta, que o país pára, por exemplo, numa partida de copa do mundo”.

Claudinei, “No Brasil, como todos sabemos, o futebol é uma paixão nacional, no qual crianças e adultos sempre conseguem uma forma de jogar brincando. Hoje, o futebol virou uma empresa de “Produzir milionários”. Uma grande maioria dos meninos sonha em ser jogador de futebol profissional, como seus ídolos, e assim, conseguirem uma vida melhor para suas famílias, porém essa ilusão é inviável, visto que apenas alguns conseguem chegar a ser profissional de futebol, e dos que conseguem, um número menor ainda, realiza o sonho de conseguir uma estabilização financeira razoável. O futebol é um esporte prático e apaixonante, que, em qualquer lugar, até mesmo numa rua as crianças jogam e não precisam ter necessariamente uma bola, pode ser um objeto semelhante”.

Marcos, “Um esporte muito rápido, muito ágil, no qual, quem joga fica com adrenalina a mil. Não é por acaso que no Brasil, é a paixão nacional, pois é um esporte de fácil acesso a todos; mesmo sem a bola, é possível jogar futebol, pode ser com bola de meia, latinha, tampinha de garrafa etc. Porém é um esporte que exige grande habilidade dos membros inferiores e proporciona grande socialização”.

Mariana C., “O futebol é um esporte tipicamente brasileiro, que move as pessoas, une as classes sociais, diminui algumas diferenças, aumenta outras. Um esporte masculino que pode ser jogado por mulheres, mas não profissionalmente (como uma mulher pode “matar” a bola no peito?). Essa força do futebol move nações, cria briga e inimizades”.

Lucimeire G., “Esse jogo de futebol, praticado na quadra ou no campo, faz com que você perca a noção do tempo, com objetivo apenas brincar, correr e fazer o gol. Mas, quando se joga em equipe, você tenta observar tudo dentro do jogo. É legal, distrai, emociona, só não gosto quando sai briga”.

Cleber J. S., “Não só pra mim, mas para muitos indivíduos, o futebol tornou-se uma cultura nacional, em que, através das peladas ou jogos oficiais, é importante o sentido da cooperação entre os jogadores. Sendo assim, o futebol é um esporte que faz com que a grande parte da população esqueça de seus problemas, no momento em que está sendo praticado ou apenas visualizado, devido à mágica que envolve o futebol”.

F) Diversão

Eduardo, “O futebol para mim é uma arte de divertir os brasileiros, de uma maneira geral, mas também é coisa séria, é desenvolvido com muita técnica, entretanto é violento (por causa das torcidas organizadas). De uma maneira geral, pode-se dizer que o futebol brasileiro é o melhor do mundo, não por acaso”.

Wagner, “O futebol para mim é um divertimento, um lazer, um momento de prazer, tenho mais prática em ver meu time jogar do que praticar o próprio esporte, pois não sou muito habilidoso com os pés”.

Juliano G., “O futebol pra mim é uma integração com os amigos, juntar a turma para brincar amistosamente, trabalhando o entrosamento do grupo”.

Vitor O., “Em meu ponto de vista, futebol é cultura. É um esporte ótimo e que a maioria dos brasileiros curte, tal como assistir e praticá-lo, mesmo sendo só de brincadeira, nos fins de semana com os amigos”.

Luiz F., “O futebol é uma diversão, na qual gosto de ver os atacantes ‘deitando’ nos zagueiros, fazendo gols. Hoje o futebol se globalizou, e os times do mundo estão bem parecidos quanto à técnica e tática utilizada no campo de jogo, assim tem-se a idéia de um jogo mais igual”.

Júlio R., “Diversão, pois é um esporte que qualquer classe social pode praticar. Quem de nós nunca jogou bola na rua com as traves sendo feitas de tijolos ou pedras? Um problema que vejo quando trabalho com crianças carentes no Lar e Escola Monteiro Lobato, é que todo dia ouço a mesma pergunta: Tio nós vamos no campo hoje? O imaginário dessas crianças estão voltados estritamente para o futebol, e a grande dúvida é: como explorar bem essas características?”.

Carlos F., “O futebol é sinônimo de alegria, diversão, é saúde, transpirar, correr, pular, cair, enfim, fazer o que você gosta, correr como bobo atrás de uma bola, por 2 ou 3 horas e, no final sair contente do campo, já pensando quando será o próximo jogo”.

Kelly K., “Além de ser um dos esportes mais reconhecidos e divulgados no mundo, é também a alegria do brasileiro, um momento de felicidade. Em qualquer lugar que você vá, existe um lugarzinho para a prática do futebol (pelada), independente do nível social, raça ou cor. Muitos fazem dele um momento de prazer, descontração e distração. Pena que ainda ocorram brigas e, o pior morte nos estádios, pela ignorância talvez de muitos. Os homens precisam ter consciência e aprender a curtir os momentos de alegrias”.

Nesse primeiro momento, trouxe para a discussão as narrativas de meus alunos e alunas, descrevendo o que significa o futebol para eles e elas. Gostaria de comentar e analisar uma por uma das respostas, mas dei preferência para o todo, buscando alguns aspectos sociais psicológicos e culturais. Podemos observar nas respostas, através do olhar de meus alunos e

alunas, que realmente o futebol está presente em nosso cotidiano, gerando assunto para vários tipos de discussões, seja teórica ou prática, gerando polêmicas e dúvidas, quanto aos valores aplicados. Para entender se existe ou não influência do futebol na formação desses alunos e alunas, se faz necessário entender toda a trajetória dos mesmos, para podermos identificar se ela influenciou ou não. Mas a princípio o importante é ressaltar a ênfase dada ao futebol pelos alunos e alunas e como seus conceitos e definições a respeito do futebol se misturam. Analisando estes relatos chegamos a uma conclusão, o conceito de futebol pode ser muito amplo, mas a grande preocupação é: como ele pode ser usado em prol da sociedade na construção de valores, que possam ser utilizados pelos alunos e alunas na construção da sua cidadania.

3. 2 – AS MENINAS E O FUTEBOL

Purezinha, “Eu acho que o futebol é um esporte 10. Ele é para ser jogado por quem sabe que vai se machucar e por quem não fica irritado por qualquer coisinha, pois se não vira a maior zoeira. Ele, como os outros esportes, foram feitos para divertir e não estressar. Me interessei pelo futebol quando percebi que é um esporte legal, que me ajuda a emagrecer e a me divertir com minhas amigas”.

Analisando o comportamento de Purezinha notei seu interesse pela prática do esporte, porém tinha todas as dificuldades pra jogar. Um dos fatores que contribuiu para seu interesse foi a forma como foi abordado o futebol, como pura diversão, tentando não excluir ninguém. Ela enxergou uma possibilidade de ser aceita dentro de um grupo de amigas e não perdeu essa oportunidade. Nesse grupo, existiam “duas panelinhas”. Uma era o grupo da Purezinha, comandado por ela mesmo, (que por sinal não tinha nenhum biotipo para ser uma atleta de futebol, por se tratar de uma menina com bastante dificuldade de locomoção). Mas isso não foi obstáculo para ela vencer e alcançar seus objetivos dentro daquele grupo. Esse fato foi motivo de muito orgulho para mim, visto que era resultado de um trabalho árduo e constante desenvolvido com essas meninas. Além de desenvolver a parte social, tentava desenvolver sua auto-estima através do futebol. O outro grupo de meninas poderia ser considerado como o das “Pati” (como as próprias meninas se referiam a essas colegas).

Interessante citar como aconteceu todo o processo de transformação. O grupo considerado excluído (da Purezinha) era de meninas muito determinadas, vinham ao treinamento realmente para aprender, e foi o que aconteceu. As “excluídas” conseguiram se

fortalecer e virar a maioria. Conseguiram ser respeitadas pelas “patricinhas”, pelo menos dentro do jogo, e com muito esforço e dedicação, desenvolveram as técnicas do futebol e começaram a se diferenciar das demais. Além de conseguirem seu objetivo, que era realmente aprender a especificidade do esporte, “de quebra” conseguiram o respeito (meio obrigado) do outro grupo, por ficarem “boas de bola”. As “patricinhas” tiveram de respeitar suas colegas pela qualidade praticada dentro da quadra de jogo.

Outro fato curioso a ser lembrado é a formação das equipes para o jogo propriamente dito. Quem você coloca para compor o time na hora da escolha do mesmo, sempre escolhe o mesmo time, sendo chamada pelos grupos: de time da “panelinha”. Bem o da Purezinha até então só perdia. E o que era pior, suas derrotas eram de “lavada” (perder por uma quantidade enorme de gols). Mas o processo teve seu revés, começaram a perder de pouco, e por final começaram a vencer, destruindo por completo o conceito de “panelinha”. Esse processo todo me fez entender o cotidiano do esporte dentro da escola, me fez refletir, através da minha intervenção, sobre a importância do episódio que fez com que dois opostos se juntassem e lutassem por um mesmo objetivo, ao menos em relação ao aprender o jogo. Consigo ter essa mesma afirmação na vida social daquelas meninas? Qual seja, que elas se equipararam na vida social também?

Então, passada a era da “panelinha”, como ficaria a montagem das equipes? O que realmente aconteceu foi uma mudança nos grupos, uma migração de meninas de um lado para outro, e o mais interessante: aumentou-se o respeito entre elas. Não que não tenham os “quebra pau” de vez em quando, mas só sei que o nosso time feminino está fortalecido, e uma de nossas grandes vitórias, nesse ano de 2004, foi o vice-campeonato dos jogos escolares. Sinal que o trabalho deu bons frutos.

Sorim: “O futebol é um esporte que exige desempenho de todos, que trabalha em grupo, por isso todos têm de estar em sintonia, sem que estejam em conflitos uns com os outros. Às vezes, o futebol pode ser violento, principalmente se já exista uma tendência ou uma rivalidade entre as participantes do treinamento”.

Sorim, é uma menina que demonstra os vários exemplos de conflitos dentro de um grupo de jovens meninas. Primeiro ela nunca foi muito aceita por nenhum grupo, pois estes tinham um conceito formado sobre ela, consideravam-na muito chata. O futebol foi uma maravilha pra essa menina, no sentido de quebrar barreiras. Ela melhorou muito, mas muito

mesmo, a partir do momento em que iniciou sua prática esportiva. E começou a ser aceita por ambos os grupos.

A amizade foi um fator determinante para o crescimento de todo o nosso time. E isso só foi possível, por que aumentou o respeito entre as praticantes durante a convivência no treinamento.

Há um conceito pré-estabelecido por elas, que o futebol é um jogo violento, e ele o é mesmo, mas, nesse caso específico, no início, as meninas tinham suas diferenças, e aproveitavam a oportunidade para poder agredir umas às outras, justificando que teria que fazer a falta para evitar o gol ou qualquer outra explicação do gênero.

Hoje acredito que seus conceitos tenham se modificado um pouco; vejo que ainda acham o futebol violento porém, não com a mesma intensidade demonstrada antes.

Galvãozinha: “O futebol é um esporte que exige grande desempenho dos jogadores, é um jogo em que uma pessoa depende da outra e uma ajuda a outra. No time deve haver boa vontade e boa sintonia entre todos os seus componentes; cada pessoa tem um papel, e todos os papéis são importantes. Uma boa partida desestressa e deixa a pessoa mais calma; porém o futebol é um esporte violento e exige cuidado de ambas as partes”.

Galvãozinha também fez parte da equipe vice-campeã dos jogos escolares, e foi protagonista do processo de desestruturação das “panelinhas”. Ela foi a peça fundamental para que as excluídas dessem a “volta por cima”. Foi exatamente ela quem levantou ‘a moral’ do seu grupo. Com muita raça e vontade de vencer, comandou “a virada” das excluídas. Ela melhorou tanto suas qualidades físicas e técnicas, que hoje tem status de “Ronaldinho” dentro do nosso grupo de meninas. Realmente ela melhorou, mas não a ponto de ser endeusada pelas outras meninas, mas é de mitos que a nossa vida é feita, então valeu, Galvãozinha!

Nesse outro momento, procuro relatar as conversas do cotidiano com minhas alunas, pois era importante entender e analisar como elas enxergavam o futebol. E faço um comentário breve sobre todas as falas para o leitor entender como foi esse processo. Pois o que prevalecia no início era a questão psicológica e o poder de influência das “Pati” perante o grupo, e o que vale comentar é como esse procedimento foi revertido, e como se construiu uma noção de coletivo. Portanto podemos afirmar que o futebol através do imaginário se faz presente na concretude nas aulas de futsal, auxiliando na formação da personalidade e da conduta dessas meninas.

4 – OUTRAS CONVERSAS COTIDIANAS COM MEUS ALUNOS E ALUNAS

Parto do pressuposto das narrativas dos meus alunos e de nossas conversas do cotidiano, chegando a formar o conceito e a filosofia da minha pesquisa.

“Narrando é possível romper com esses sinais de atraso e progresso, e estabelecer leituras que privilegiem a diferença dessas vozes esquecidas, quando não sufocadas. Mais uma vez, no entanto, é preciso sempre nos perguntarmos: qual a medida desse esquecimento? Até que ponto o esquecimento, do ponto de vista de uma nação “atrasada”, pode ser benéfico à unidade nacional? Provavelmente, as respostas que encontraremos serão sempre pontuais e temporárias. O esquecimento, ferramenta da força plástica nietzschiana, é igualmente pharmakón, remédio e veneno. Caberá à pessoa que age no presente descobrir, para cada momento, a medida certa do remédio ou veneno”. (LOPES, L; BASTOS, L. 2002, p. 200).

4.1 – COM ASTROGILDA

Tenho uma aluna, a Astrogilda, da graduação que realmente é muito divertida, uma menina extrovertida e de bem com a vida. Nos seus um metro e cinquenta de altura, é só sorriso. Possui um drible desconcertante, uma ginga super natural, e uma boa finalização para o gol com ambas as pernas. Essa menina realmente tem condições para atuar como atleta de Futsal.

Estava esperando começar a aula, a conversa de costume (adivinha o que era?), futebol, com futsal incluso no pacote. Conversa vai conversa vem, ela se lembrou de uma final recente que tinha disputado pelo Guarani de Sorocaba, um time muito conhecido dentro do Futsal Sorocabano, detentor de cinco títulos do “Cruzeirão” (o maior torneio de Futsal realizado no Brasil).

Astrogilda estava contando como tinha sido a partida da final, dizendo que, no início elas nem estavam preocupadas com as adversárias, pois já eram “freguesas antigas”, (no Futsal, significa que era um time que sempre perdia). O interessante era que, naquele dia a conquista era senso comum no seu time, pois todas tinham o mesmo pensamento da vitória fácil.

Início de partida, nem por isso as meninas de seu time, e a própria Astrogilda estavam nervosas. Como já era de praxe, além das adversárias, serem velhas conhecidas, a certeza da vitória pairava no ar. O time chamava-se CAGD, um time “bonzinho”, segundo a Astrogilda. Final de jogo e, como de costume, placar de 12 x 0 . Segundo ela, com jogadas maravilhosas e dribles perfeitos. Só pra não perder a pose, se gabou, dizendo que tinha feito três gols.

O que gostaria de citar é o quanto o Futsal é presente na vida dessa minha aluna, e o orgulho que tem de ser uma atleta dessa modalidade, mesmo uma atleta amadora (ela não sobrevive de jogar Futsal, nem sei se ganha algum dinheiro por partida, para disputar, por exemplo, esses campeonatos pelo Guarani), não medindo esforços para transmitir essa sua satisfação pessoal de jogar.

E, no final da nossa conversa, com um sorrisinho maroto, ela me perguntou: Professor, você quer meu autógrafo? Foi só risada e, claro ganhei meu autógrafo e mais risadas.

4.2 – COM BENQUEFUSO

Benquefuso é morador da vila Novo Mundo em Boituva e aluno regular da Escola “Bete Sarubi”. Numa noite, em uma de minhas aulas nessa escola, não recordo bem o motivo, vieram poucos alunos, creio que por ser o primeiro dia de aula após um feriado. Foi uma grande oportunidade para conversar com Benquefuso. Este garoto tem sérios problemas de coordenação motora, pois seu lado esquerdo é paralisado devido a um acidente.

Já a algum tempo eu procurava saber o que lhe tinha acontecido realmente. Ele se aproximou com aquele jeitão e disse: “e ai professor é nós, maluco. Beleza!!”. Como sempre fazíamos em nossos encontros, nós nos cumprimentamos com esse ritual, que nada mais é que uma seqüência de cumprimento, que consiste em bater as mãos, depois segurar os dedos e, no soltar, dar uns estalos.

Iniciamos nossa conversa sobre diversos assuntos, “papo vai papo vem”, fluiu com naturalidade o seu problema específico. Ele perdeu os movimentos parciais do seu lado esquerdo e ficou com um pouco de dificuldade em falar, devido a um acidente automobilístico na estrada vicinal que liga Sorocaba a Porto Feliz.

Começou, então, a me contar o que realmente tinha acontecido e nos reportamos ao dia do acidente, que ocorreu após uma festa de família, do aniversário de um primo dele em Sorocaba. Um outro primo tomou todas as cervejas que pôde e, na volta, dirigindo embriagado, provocou o acidente. A única vítima foi o Benquefuso, pois os outros ocupantes

do carro apenas tiveram escoriações, ou algum tipo de fratura leve. O Benque teve que arcar com a irresponsabilidade de seu primo para resto de seus dias, devido a uma forte pancada que levou na cabeça.

Resumi um pouco essa passagem triste da vida desse garoto, para poder contar o que realmente acho importante nessa história, a relevância que tem a Educação Física dentro do contexto da Educação Escolar e a necessidade dos alunos jogarem o futebol (que está intrínseco ao imaginário dos alunos, pois eles jogam futebol de Salão ou Futsal, pensando unicamente no futebol). No espaço das aulas de Educação Física, os alunos e alunas se expressam e mostram o seu capital cultural adquirido na sociedade onde vivem. Partindo dessa idéia, pedi para Benque falar um pouco do que significa jogar futebol pra ele, como ele se sentia, e aí veio uma avalanche de respostas. Ele falou que seu sonho era ser um jogador de futebol.

Mas o mais interessante foi quando ele falou que se sentia muito bem jogando pois era útil ao time não importava muito a opinião dos colegas de time que apesar dos seus problemas ele conseguia se impor e às vezes chegava até ser um líder dentro da quadra, sendo respeitado pelos demais.

O que realmente me importava era como esse rapaz de 17 anos relacionava-se com os demais, como o futebol desenvolvido nas aulas de Educação Física e na escola estava sendo importante para ele. Ali nas minhas aulas, os demais eram persuadidos por mim a deixarem-no jogar. Não sei se isso aconteceria fora dos muros da escola, onde as regras são outras. O futebol colocava esse garoto no mesmo nível de igualdade dos demais apesar de toda sua dificuldade, e o que é melhor, ele próprio se sentia bem, incluído naquela sociedade, naquele grupo de amigos ou conhecidos. A cada final de aula, ele estava sempre sorrindo e contente, esperando o momento de chegar a próxima aula, para poder novamente sentir prazer em jogar futebol, na verdade, futebol de Salão.

4.3 - COM FULANA

Fulana é mãe de meu aluno e, quando o time de futsal de uma das escolas onde leciono foi enfrentar um time de bairro num dos campeonatos da cidade, considerado um time de uma classe social inferior ao nosso, fez comentários que merecem ser registrados.

Estávamos naquele preparativo todo para a partida. Chega enfim a hora do jogo, e, como sempre, aquele contraste, uma vez que meu time estava todo arrumado, com gel no cabelo, perfumado, uniforme combinando. Já o adversário não estava na mesma situação do

nosso. A diferença de classe era visível. No esporte, as aparências não têm influência nenhuma no resultado. Como já era de se esperar, perdemos o jogo. O comentário na arquibancada era geral: “time de riquinho”, “time de burguesinho” etc.. e as gozações foram inevitáveis. Ouviam-se frases assim: “também esses burguesinhos nem jogar futebol sabem, deveriam ir estudar ou jogar golfe, pólo, tênis, esses esportes mais elitizados”.

Na mesma hora e sem titubear, a mãe do meu aluno falou baixinho, só pra ela, mas eu a ouvi, ela disse: “é, seu idiota, mas vão ser esses burguesinhos que vão dominar o seu mundo e vão governar e dirigir o mesmo”.

As disputas das classes sociais estão em todos os lugares e também no esporte. Mas é no esporte que a sensação de igualdade aparece. Igualam-se as forças, mesmo que tenha vantagem pra este ou aquele. O que importa é como o futebol consegue equiparar em um mesmo nível, as pessoas, mesmo que seja somente durante o tempo regulamentar, subordinando-as às mesmas regras e condições.

4.4 – COM MORGAN

A ansiedade começou na semana que antecedeu o jogo de futsal, e esse jogo realmente era importante, pois seria nossa primeira participação no campeonato dos jogos comunitários da ACM de Sorocaba. Tendo conversado com os atletas de como seria a partida, vi no rosto deles a ansiedade por esperar o domingo às 14:00 horário marcado para o confronto. Chegando a hora, times em quadra e aparece um problema: meu goleiro titular não compareceu, escalei na hora outro garoto do meu time para ir no gol, na hora de iniciar o jogo ele teve um acesso de choro e não queria mais jogar, nem entrar na quadra.

Tentei solucionar o problema da melhor forma possível, improvisei um outro menino no gol e fomos ao jogo. Começamos até que bem a partida. Mas para o meu pesar, o outro time era bem superior. Difícil é explicar essa superioridade para os pais, que realmente se interessam pelo resultado, e o que é pior, cobram veementemente do filho.

Passado o final da partida, o resultado foi 3x1 para o adversário. Eu estava satisfeito, pois minha equipe conseguiu colocar em prática, muitas coisas que treinamos e, no meu modo de entender jogaram muito bem, mas perdemos.

E, no calor daquele momento, sentei ao lado do Morgan e começamos a conversar, quando ele falou: “legal, gostei do jogo, porque nosso time marcou um gol, e eu joguei bem e sei lá, os carinhas empurravam e o juiz não dava nada; e o Corinthians só ganhou e jogou bem porque o time tinha um jogador, que era filho do treinador”.

Fiquei pensando na fala dele e “caí na risada”. Comecei a rir sozinho. Parecia um doido. Isso depois que o Morgan e seus pais já tinham ido embora. Eu não parava de rir do acontecido, pois nós jogamos contra o time da ACM Jardim São Paulo, e o uniforme deles era preto e branco. Aqui fica evidenciado o imaginário com relação ao time do Corinthians. Mas o mais interessante foi sobre o comentário do filho do treinador. Não é que o treinador tivesse um filho no jogo. Poderia até ser isso, mas eu conheço o treinador e sei que ele não tem filho. Era pelo simples fato de que o treinador, para chamar a atenção de seus jogadores ou corrigir um posicionamento, não os chamava pelo nome e sim de filho. Era filho pra cá e filho pra lá, mas eu nem tinha notado, pois pra mim esse tratamento era muito comum.

Aquela conversa super gostosa me rendeu vários minutos de risos e muitos momentos de reflexão. Além de tudo o que envolveu a partida, o aspecto emocional, físico, sentimental, social, técnico, tático etc. meu aluno conseguiu captar e expressar seu imaginário, pois ninguém falou pra ele que estava jogando contra o Corinthians. Se o que ele pensou, pensaram também os outros garotos do time, então pode ter influenciado no resultado o fato de enfrentar um time “já estabelecido”, de primeiro escalão e forte inimigo a ser combatido, em cuja composição havia o “filho” do treinador, que só pode ser alguém bem preparado “full time”. Claro que na minha opinião, é muito mais importante a vivência do aluno e a experiência adquirida, momentos que provavelmente ficarão na sua memória.

4.5 – COM KAM

Kam, jogava futsal no Corinthians, tinha seus 15 anos e estava disputando o campeonato paulista da modalidade. Isso significa ser um bom atleta, pois jogava em um ótimo clube, dentro do campeonato mais sonhado para ser disputado por qualquer atleta que pratica Futsal.

Entretanto tinha uma posição um pouco mais complicada de se trocar, pois era goleiro. No dia da final daquele campeonato (não sei bem ao certo o ano, pois ele não comentou), como já tinha jogado a semifinal, Kam começou a partida no banco de reservas. Ele contou com orgulho que seu treinador era o Douglas, que havia jogado na Seleção Brasileira de Futsal. E disse que sem seu treinador o seu time não teria chegado à final, nem o grupo de jogadores, teria se unido e crescido como aconteceu. A união era uma das mais importantes características do grupo, segundo meu aluno.

Infelizmente, eles perderam de 2x1 em um jogo muito disputado. Um dos fatos que mais me chamou a atenção foi quando ele relata que o mais legal e emocionante da partida,

ocorreu antes dela começar. A equipe do Corinthians tem uma enorme torcida. Eles estavam no vestiário, prontos para entrar na quadra e iniciar o jogo decisivo, quando chegaram dois ônibus lotados de torcedores, fazendo um barulho ensurdecedor. Outro fato digno de orgulho para meu aluno é que esse jogo foi transmitido pela rede Bandeirante de televisão, ao vivo.

É a sua conclusão que marca realmente a passagem do futebol/futsal, pela vida de muitos adolescentes. Eis: “nunca mais vou me esquecer desse dia, foi uma experiência muito grande, tive derrotas e vitórias, em que aprendi muito e isso me ajudou a crescer e me tornar o que sou hoje”.

Dessa conversa, podemos tirar muitas conclusões, mas duas principais que gostaria de focar: a primeira, da importância do profissional que fica a frente de um grupo de pessoas, pois será o espelho de seus comandados; e a segunda, o sentimento que fica para a pessoa que passa por uma situação dessas, como meu aluno frisou, “nunca mais você esquece”.

4.6 – COM ZUEL

Zuel, começou dizendo que o futebol e o futsal, que todos achavam ser um só esporte, não era bem assim. E que achava difícil jogar futebol, pois era um esporte às vezes violento, principalmente quando participam pessoas que não sabem jogar direito. “Mas como o professor Cebola tinha pedido pra que jogássemos uma partidinha amistosa, resolvi bater a minha bolinha. A faculdade é o único lugar em que tenho acesso para praticar esse esporte. Pois bem, montamos duas equipes femininas para jogar. Foi um terror, era só “bicuda”, atropelamento, pontapé, empurrão e muitos chutes na canela, e o melhor de tudo, muita risada, mas muita mesmo. Até participei de uma jogada que resultou em gol. A bola tinha saído pela lateral da quadra e, claro, eu fui cobrar pois estava mais perto da bola, bati o lateral e surpresa: gol da minha amiga Zuel, a única que arrebenta no futebol (essa é a mesma do autógrafo).

Cheguei a uma conclusão, que toda experiência de vida é válida. Além da diversão, raiva e descontração, aprende-se muito sobre nossas limitações. A sintonia de um grupo e de um líder (o professor cebola) faz com que a aprendizagem seja mais fácil, flui com energia e satisfação”.

Essa foi uma carta que recebi de minha aluna Zuel, relatando o fato de ter jogado Futsal, como ela mesma diz, futebol, e achei interessante seu ponto de vista. É uma atleta, mas do voleibol, um esporte totalmente diferente. Apesar de ter todo um condicionamento físico

para praticar o futsal, ela não consegue render, nem jogar tão bem. Considero que o que vale é a prática em si, não como obrigação de obter resultados, mas sim como puro prazer, jogar apenas para se divertir ou apenas sentir prazer naquele determinado momento. Essa é a essência do Futsal. Quando trabalhado dessa forma, como prática desportiva apenas e não um esporte de alto rendimento, chegamos perto do objetivo, que seria as pessoas que nunca tenham jogado Futsal pratiquem e tenham uma nova visão da modalidade e delas próprias.

4.7 – COM PERÔNIO

Perônio tinha um apelido, e o tal apelido era Tíbia (um osso do corpo humano, que compõe a canela). Logo pensei: “bom, chama tíbia porque deve ser ruim de bola, só bate a bola de “canela”, minha dedução então: que o apelido era por isso. Evidentemente, o apelido combinava bem com a pessoa, pois esse meu aluno era mesmo meio ruim de bola e realmente, em alguns lances ele batia de tíbia na bola. O tempo foi passando, dias, semanas, meses, e de uma hora para outra tive a curiosidade de entender a origem de seu apelido, se era por ele não jogar muito bem futebol, se era por bater de tíbia na bola ou qual seria o motivo?

Então chamei um de seus melhores amigos e perguntei: por que seu apelido seria tíbia? Para minha decepção, não tinha nada a ver com futebol, o apelido do garoto era tíbia devido ao fato de gostar muito de um jogo na Internet de mesmo nome, e pelo fato deste garoto ficar horas e horas jogando este jogo, não sendo perdoado pelos seus amigos, seu apelido Tíbia.

4.8 - COM GRAFITE

A história de Grafite pode representar a história de vários outros garotos que passaram por essa escola e que gostariam de jogar futebol de salão. Nessa escola, era feita uma seleção de alunos para representá-la em qualquer competição que participasse, esse era o procedimento nas equipes de futebol.

Era necessário que o aluno que gostaria de jogar futebol participasse de uma seleção, a qual escolheria os melhores garotos, pelo menos naquele momento. No dia que foi marcado a tal seleção ele compareceu e fez o “coletivo” (que nada mais é do que jogar futebol). Após isso, vinha o tão esperado resultado. Para sua surpresa, ele foi escolhido para fazer parte da

equipe de futebol de salão do colégio. Estava muito contente por ter sido selecionado entre tantos garotos.

A equipe do colégio estava pronta para estreiar no “Cruzeirinho”, (campeonato de futsal bem conhecido da região). A euforia tomava conta da garotada, estava estampada no rosto de cada um uma grande felicidade. Felicidade essa que também era compartilhada por Grafite; já era uma vitória para ele fazer parte da equipe e estreiar no campeonato “Cruzeirinho”. Que maravilha!

A posição do meu aluno Grafite era fixo (chama-se de fixo o defensor no futsal), embora para essa posição eu tivesse outros garotos bem melhores que ele. Tínhamos que começar com cinco titulares, pois, essa é a regra do jogo. Iniciei o jogo e o natural era o Grafite ir para o banco dos reservas (no futsal só começam cinco atletas jogando e você ainda pode ter sete atletas no banco de reservas). A partida estava muito difícil, o adversário era um time de Indaiatuba, que disputava o campeonato paulista dessa modalidade (ou seja, tinha uma vasta experiência em competições importantes). Mas nosso time até que estava fazendo frente. Terminamos, perdendo o primeiro tempo por um a zero, resultado normal para uma partida de futsal.

O que chamou minha atenção, foi a torcida do Grafite, pelos seus companheiros, pois ele gritava, incentivava, torcia com verdadeiro espírito de grupo, de time. No intervalo do primeiro para o segundo tempo, ele começou a alongar e a se movimentar, chutar a bola no gol, como me mandando um recado: “estou pronto para a partida é só me colocar”. Eu estava muito preocupado com vários aspectos, principalmente com o resultado da partida, pois, para os pais e para a escola, esse é o fator determinante.

Logo no início do segundo tempo, tomamos o segundo gol, mas chegou num momento no qual minha equipe estava super bem na partida, a ponto de eu achar que logo empataríamos o jogo. Euforicamente, pensei que até poderíamos virar o jogo e sairmos da quadra vitoriosos. O tempo foi passando (dependendo do regulamento, o tempo de jogo nessa categoria é de dois tempos de dez minutos, passa como num piscar de olhos), de repente, fim de jogo. Nem percebi que o Grafite não havia entrado na partida. Que mancada! Mas passou e é melhor nem tentar me explicar. Palavras dele: “Foi um pouco frustrante, pois fui o único que não entrou durante a partida. E como no “Cruzeirinho” é eliminatória simples, ou seja, quem perdeu sai do campeonato, nossa equipe já estava fora e eu teria que esperar o próximo campeonato para poder tentar participar de uma partida”.

Foram palavras que me levaram a muitas reflexões, por isso hoje eu trato o futebol de salão um pouco diferente do que tratava antes. Percebo e compreendo o quanto é importante

esse esporte, e a sociabilização que ele proporciona. Trabalho o futebol como puro prazer, onde tento fazer com que todos tenham as mesmas oportunidades, desde as coisas mais simples, como bater um lateral, mas que o lateral seja batido por todos, até as coisas mais complexas (principalmente faltas ensaiadas e saídas de bola), tento fazer com que meus alunos aprendam o máximo que puderem dentro de seus limites e pelo menos tentem vivenciar a especificidade do movimento.

Mas preciso ressaltar que foi uma das maiores lições que aprendi em minha vida. Desse dia em diante nunca, mais deixei um atleta de fora de uma partida, pensando exclusivamente no resultado final. No jogo, as coisas se complicam, mas temos que ter uma visão mais global, a da formação de nossos alunos. Hoje, no meu entender vale muito mais uma satisfação pessoal do que o resultado da partida.

4.9 – COM ASTROGILDO

Astrogildo, 19 anos, veio me contar a história do dia em que foi assistir ao São Paulo no Morumbi, “fiquei arrepiado”. Meu aluno fez um paralelo do jogo com o filme Tróia (interpretado por Brade Pitt), trabalhando seu imaginário, pois comparou a entrada do Morumbi, em que via a quantidade imensa de pessoas subindo a rua para ir para a arquibancada. Foram estas suas palavras: “igualzinho os soldados indo pra guerra, aquela multidão partindo em direção ao estádio e, como os guerreiros que tinham seu grito de guerra, a torcida também não ficava atrás, com o clamar de Tricolor ôô, tricolor ôô”.

Essa foi sua primeira impressão. Para quem já assistiu uma partida de futebol em um clássico, sabe bem do que ele estava falando; já quem não assistiu, trabalhe seu imaginário e veja a cena, pois é exatamente como ele descreve. Logo em seguida ele me contou: “Fiquei olhando o Morumbi na minha frente, tive vontade de chorar, foi indescritível, me senti como um jogador de verdade, pois vi o Morumbi tremer; a cada lance voltava a tremer, nunca vi tanta gente, estava tão impressionado que comecei a admirar o estádio, quando de repente, um grito HHUUUUUUUUU!!!!; olhei e não vi nada, pois não tinha o replay da tv; só o grito da galera, ‘puta q... o p..... , Rogério Ceni é o melhor goleiro do Brasil’; de repente, gooooooooooolllllllll, você olha pro lado, nem conhece ninguém e se abraça, vibra, grita, comemora; é uma loucura total, o sentimento de abraçar uma pessoa que você nunca viu e sentir a mesma coisa que essa pessoa pelo seu time do coração, isso é fantástico!”.

Esse depoimento acalorado de meu aluno me fez imaginar quantos jovens pensam dessa maneira, a influência que o futebol, através de seus times, exerce nos jovens, pois, no meu entender, Há quebra de pilares importantes para a educação desses jovens, como a família, a igreja etc., fazendo-o enxergar que é possível encontrar apoio em seus pares, e para isso nada melhor que seu time do coração.

Esses relatos e conversas do cotidiano que obtive com meus alunos nesses últimos quatro a cinco anos, levantam questões importantes na formação do aluno como cidadão, pois aqui não apenas coletei os dados, mas também tentei o tempo todo interpretá-los e trabalhar com esses dados, para que minha pesquisa fosse um ponto de partida para mais trabalhos voltados a esse assunto.

CONCLUSÃO

O esporte sempre foi visto como uma forma de aproximar as pessoas. É comum assistirmos, na mídia, a falas que se referem ao esporte como forma de afastar os jovens da rua e das drogas. Essa fala pode ser vinda de representantes de Ongs, políticos, sociedade de amigos de bairros e, muitas vezes dentro da própria escola. Mas será que o futebol tem mesmo essa capacidade, de afastar os jovens das drogas? Será que o futebol e a escola realmente afastam os jovens das drogas, resgatam e unem as pessoas? Ou pode ser apenas uma, das muitas tentativas da nossa sociedade, de tentar encobrir seus problemas, através de um esporte de massa, além de ser usado como argumento para esconder os problemas cotidianos. Entretanto o futebol no cotidiano escolar considera o imaginário do aluno. Nesse espaço ele tem o direito de sonhar, mesmo considerando que às vezes a própria escola é uma “droga”, mas também é um espaço no qual ele visualize algum futuro, mais justo, mais prazeroso, mas na concretude a escola nem sempre é a instituição mais justa e que oferece o melhor para o aluno.

É inegável que a prática do esporte vai muito além da habilidade ou do desempenho que o aluno tem. Num time de futebol, por exemplo, outras vivências são construídas, além da habilidade ou intimidade com a bola. Regras do esporte e regras de convivência e tolerância em relação ao diferente são outros exemplos do que pode ser construído a partir de um jogo de futebol. “O século XX é o século do Desporto, e nele palpita o nosso tempo, com todas as suas esperanças e as suas desilusões, com toda a sua perversidade e os seus assomos indecisos de generosidade” (MANOEL apud DAÓLIO, 1998, p.50).

A escola produz representações com a que a escola da elite é voltada para a cultura letrada das artes e das ciências enquanto a escola para classe menos privilegiada deve ser voltada para os trabalhos manuais ou no nosso caso para o movimento esportivo e disciplinarização dos corpos. Talvez venha daí a representação de que o atleta (da classe popular) nem sempre é um bom aluno na sala de aula. Essa representação é originada do processo cultural que vem sendo difundido e vivenciado através dos anos.

“A beleza de uma escultura não está presente simplesmente pelo resultado final alcançado pelo artista, mas em toda história de sua obra, em toda história de sua vida, no significado de cada entalhe dado na madeira... Assim também a ação pedagógica! Enquanto professores não construímos nosso aprendiz, simplesmente colaboramos com

algumas pinceladas de cores e formas que nos são caras, agradáveis, mas o futuro profissional e atual aprendiz é um ser que já vem com seus moldes prontos, consolidados e a grande arte é aperfeiçoarmos alguns detalhes desse ser, respeitando sempre a vontade do outro. Assim, nossas obras nunca estarão prontas, por mais finalizado aparentemente esteja o trabalho. Isso pelo simples fato de sermos seres que estão num processo contínuo de formação e temos a certeza de que nunca estaremos prontos”. (GOYA, 2004)

Sendo assim, nesta pesquisa procurei investigar como minha prática pedagógica cotidiana relacionada com o futebol, em todas as escolas nas quais sou professor, oferece uma maior integração do aluno ao espaço escolar, para que este realmente perceba a escola como seu espaço, seu meio ambiente, possibilitando o desenvolvimento de uma representação de cidadania através da compreensão e prática das regras do futebol.

As aulas de Educação Física hoje representam, para mim e para meus alunos e alunas, um momento de recreação e lazer, é a própria prática pela busca do lúdico, por meio de jogos pré-desportivos, cooperativos e recreativos. Também através do futebol, é possível vivenciar, momentos de coleguismo, de bem estar, solidariedade, respeito e auto-estima. Muitas vezes, esses objetivos não são alcançados pela resistência apresentada pelos próprios alunos.

Busquei também investigar o fato de como o futebol através da Educação Física escolar pode ser uma atividade pedagógica que possibilite a melhoria dos relacionamentos interpessoais dos alunos; como estes alunos podem sentir e vivenciar a escola enquanto um ambiente que lhes pertence e como essa vivência escolar pode influenciar de forma positiva para a construção de cidadãos solidários.

Para finalizar este estudo foi importante entender a importância do aluno(a) ter liberdade de expressão e sentir-se à vontade para interagir com a bola, seu objeto de prazer ou de trabalho; ou seja, que realmente está aprendendo a fazer, participando, sendo alguém, com nome e posição no jogo. Como professor, procuro oferecer um aprendizado mais natural e prazeroso, sem deixar de lado o compromisso formativo que nos é apresentado durante anos, nesse sentido a quadra escolar passa a ser entendida como seu meio ambiente. Esse fato passa a ser uma mudança conceitual muito grande, compreendendo isso, passamos a entender nosso próprio corpo como meio ambiente. O que representa uma encruzilhada de valores contraditórios e fortemente marcados pelo panorama mundial: desigualdade, exclusão,

padrões estéticos, etc. Isso colabora para alterar as representações sociais de que o meio ambiente seja apenas a natureza.

Trago também para a discussão, relatos de pessoas comuns, “simples”, que são meus alunos e alunas, etc, mas que tem representações sobre o futebol, a sua prática no cotidiano escolar e de sua importância na cultura brasileira. As representações de meus alunos e alunas, coletadas nas conversas do cotidiano escolar onde atuo como professor, são tão importantes quanto os depoimentos de autores, cineastas, poetas, antropólogos ou quem quer que seja, que goste, discuta e/ou pesquise esse tema. Através dos meus alunos e alunas e das pesquisas realizadas sobre o futebol nos últimos anos e da minha própria trajetória como jogador profissional de futebol e professor de educação física, tentamos verificar e evidenciar a influência que exerce o futebol na política, na cultura, na sociedade e particularmente na escola. Esta práxis não seria de tal envergadura se o contexto acadêmico não tivesse contribuído para aprofundar a dimensão política e pedagógica do futebol na escola, assim como o meu próprio crescimento crítico e político-educacional.

Quanto mais informações, conhecimentos, representações, conseguirmos levar em consideração na prática pedagógica provavelmente poderemos desenvolver e vivenciar os sentidos de cidadania. Este é o fundamental papel do educador. E por último fica em aberto a resposta a questão. **Afinal, “quem não sonhou em ser um jogador de futebol”?**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGOSTINO, Gilberto. Aquela corrente pra frente. *Nossa História*, Conselho de Pesquisa da Biblioteca Nacional, ano 2 / n. 14, p.14-20, dez. 2004.
- AQUINO, Rubim Santos Leão de. **Futebol**, uma paixão nacional. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- ALVES, Rubem. Da inutilidade da infância. **Estórias de quem gosta de ensinar**. 8 ed. São Paulo: Cortez / Autores Associados, 1986.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Quando é dia de futebol**. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. **“Com brasileiro, não há quem possa!”** : futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.
- BARBOSA, Inês. Anais do III Seminário Internacional, Rio de Janeiro: F. UERJ, 2005.
- BARRETO, Bruno. Paixão por bola e por Luana. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, p. D5, 18 de mar. 2005.
- BETTI, Mauro. **Violência em campo**: origens do esporte moderno. 2ª ed. Ijuí: Unijuí, 2004.
- BIANCHI, Ney. O mistério do Futebol. **Fatos & Fotos** - atualidades da semana. Brasília ano II, p. 1 -10, junho 1962.
- BRUNI, J. C. Dossiê Futebol. **Revista USP**, São Paulo, p. 7, 1994.
- BORSARI, J.R. **Manual de Educação Física**: história do futebol de salão. São Paulo: EPU-Brasília, 1975.
- CARRANO, Paulo César Rodrigues (org). **Futebol**: paixão e política. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- CASTRO, Ruy. **Estrela Solitária**: um brasileiro chamado Garrincha. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- COSTA, Marisa Vorraber. **A escola tem Futuro?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- _____. Anais do III Seminário Internacional, Rio de Janeiro: F. UERJ, 2005.
- DAÓLIO, Jocimar. **Cultura**: educação física e futebol. Campinas: Editora UNICAMP, 1997.
- _____. **Educação Física e o conceito de cultura**. Campinas: Autores Associados, 2004.
- _____. **O drama do futebol brasileiro**: Uma análise sócio-antropológica. *Rev. Paulista de Ed. Física*, São Paulo, 3 (5): p. 57-61, jul/dez, 1989.
- _____. **Da Cultura do Corpo**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1998.
- DIEGUES JR., L. B. **“O prazer do ensinar”**. São Paulo: Tempo Presente, 1963.

- DAMATTA, R. Dossiê. **Revista USP, Dossiê Futebol**. São Paulo. p. 11, ago. 1994.
- DEMO, Pedro. **Sociologia** – uma introdução crítica. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1985.
- DRUBSCKY, Ricardo. **O universo tático do futebol** – Escola brasileira. Belo Horizonte: Health, 2003.
- FAZENDA, Ivani C. A. **Interdisciplinaridade: História, teoria e pesquisa**. – 2^a. ed. - Campinas: Papirus, 1995.
- FAUSTO, Bruno. Como virar o jogo? **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. A3, 6 de abr. 2005.
- FILHO, Mário. **O Negro no Futebol Brasileiro**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- FOER, Franklin. **Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. Trad. Carlos Alberto Medeiros.
- FREIRE, João Batista. **Pedagogia do Futebol**. Campinas: Autores Associados, 2003.
- _____. **Questões psicológicas do esporte**. IN MOREIRA, Wagner W. e SIMÕES, Regina (org.). **Esporte como fator de qualidade de vida**. Piracicaba: Editora Unimep, 2002.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. - 3. ed. Porto Alegre: L&PM, 2004. trad. Eric Nepomuceno e Maria do Carmo Brito.
- GAMA, Walter. **Características sociais do jogador de futebol profissional, da 1^a. divisão do estado de São Paulo**. 70f. (dissertação de mestrado) Escola de Educação Física. Universidade de São Paulo. São Paulo, 1990.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989.
- GOMES, L. A. M. **“O jogo e o jogar”**. Jundiaí: Fontoura, 1997.
- GOYA, Eneida Maria Molfy. **Desvelando a história da Educação ambiental em Sorocaba**. 154f. - Tese (Educação Ambiental) – Conhecimento e cotidiano escolar, UNISO, Sorocaba, 2000.
- HANNA, Judith Lynne. **Dança, sexo e gênero: signos de identidade, dominação, desafios e desejos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- LOPES, Alexandre Apolo da Silveira Menezes. **Futsal: metodologia e didática na aprendizagem**. São Paulo: Phorte, 2004.
- LOPES, L. P. M; BASTOS, L.C. **Identidades: recortes interdisciplinares**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

- MACHADO, Afonso Antônio. **Interferência da torcida na agressividade e ansiedade de atletas adolescentes**. Tese (livre docência) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1998.
- _____. **Psicologia do Esporte** – Temas Emergentes I. 1. ed. Jundiaí: Ápice, 1.997.
- MEIHY, J. C .S. B. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 1996.
- MOIOLI, Altair; MACHADO, Afonso Antônio. **Modelos de formação esportiva**. Moral e agressividade no futebol. IN: Anais do 2º Congresso Científico Cultural em Educação Física e Esportes Brasil/Cuba. Piracicaba: Unimep, 2002.
- MOTTA, Aldenira. ; PACHECO, D. C. **Escolas em imagens**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- MURAD, Maurício. et al.. **Futebol e Cidadania**. Rio de Janeiro: UERJ, Departamento de Cultura, 1997.
- MUTTI, Daniel. **Futsal: da iniciação ao alto nível**. 2 ed.- São Paulo: Phorte, 2003.
- NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mario Luiz Ferrari. **Pedagogia da cultura corporal** – crítica e alternativas. São Paulo: Phorte, 2006.
- NILDA, Alves. Anais do III Seminário Internacional, Rio de Janeiro: F. UERJ, 2005.
- OLIVEIRA, I. B.; ALVES, N. **As redes de conhecimento e tecnologia: professores, professoras** – Textos imagens e sons . Faculdade de educação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) – Rio de Janeiro 2005.
- PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wendkos. **Desenvolvimento Humano**. 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- PASOLINI, P. P. O gol fatal. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 06 de mar. 2005. Caderno mais, p. 7.
- PRADO, M. C. **Futebol na escola e escola do futebol**. Jundiaí: Fontoura, 2000.
- REIGOTA, M. (org.) **Verde cotidiano: o meio ambiente em discussão**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- REIGOTA, Marcos. **Ecologistas**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.
- REIS, Heloísa Helena Baldy dos. **Futebol e Violência**. Campinas: Autores Associados, 2006.
- RIBEIRO, D. **O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das letras, 2000.
- RIBEIRO, André; LEMOS, Vladir, lemos. **A magia da camisa 10**. Campinas: Verus editora, 2006.
- RODRIGUES, J.C. **Versão jornalística da batalha de Monte Castelo**. Jornal Cruzeiro do Sul (FEB) e o Estado de São Paulo. São Paulo, 2003.
- SACRISTAN, **Poderes instáveis em Educação**, Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

- SANTANA, Wilton Carlos de. **Futsal: metodologia da participação**. Londrina: Lido, 1996.
- SANTOS FILHO, José Laudier Antunes dos. **Manual do futebol**. São Paulo: Phorte Editora, 2002.
- SANTONI, Rugiu Antônio. **Nostalgia do Mestre Artesão**. Campinas: Autores Associados, 1998. (Coleção memórias da educação). Trad. Maria de Lurdes Menon.
- SANTOS, J.A. **Os intelectuais e as críticas às práticas esportivas no Brasil (1850-1947)**. São Paulo, 2000.
- SANTOS, José Luis dos. **O que é cultura**. 16. ed. São Paulo: Brasiliense. 1996.
- SANTOS NETO, José Moraes do. **Visão do Jogo - primórdios do futebol no Brasil**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- SCAGLIA, Alcides. Futebol e Cidadania, **Nova Escola**, São Paulo, ano XXI, n. 192, maio. 2006. Disponível em: <<http://www.novaescola.org.br>>. Acesso em: 05 de jun. 2006.
- SOARES, A. J. G. O Futebol é fogo de palha: a “profecia” de Graciliano Ramos. **Pesquisa de Campo**, Rio de Janeiro, p. 8-17, n 5, 1997.
- TENROLLER, Carlos Alberto. **Futsal: ensino e prática**. Canoas: Ulbra, 2004.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. **No país do futebol**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- TORERO, José Roberto. **Zé Cabala e outros filósofos do futebol**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
- TUBINO, Manoel J. Gomes. **O Esporte no Brasil – do período colonial aos nossos dias**. São Paulo: IBRASA, 1997.
- WEINBERG, Robert S. e GOULD, Daniel. **Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- STANISLAW, P. O grito da vitória. **Fatos & Fotos - atualidades da semana**, Brasília, ano II, p. 1 -10, junho 1962.
- VIEIRA, Sofia Lecher. **Gestão da escola: desafios a enfrentar**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- VOSER, Rogério da Cunha. **O futsal e a escola: uma perspectiva pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- WEINECK, Erlangen J. **Futebol total: o treinamento físico no futebol**. Guarulhos: Phorte, 2000.

ANEXO 1

I / MEU CORAÇÃO NO MÉXICO (ANDRADE, C. D. 2002 pg.109).

*Meu coração não joga nem conhece
As artes de jogar. Bate distante
Da bola nos estádios, que alucina
O torcedor, escravo de seu clube.
Vive comigo, e em mim, os meus cuidados.
Hoje, porém, acordo, e eis que me estranho:
Que é de meu coração? Está no México,
Voou certo, sem me consultar,
Instalou-se, discreto, num cantinho
Qualquer, entre bandeiras tremulantes,
Microfones, charangas, ovações,
E de repente, sem que eu mesmo saiba
Como ficou assim, ele se exalta
E vira coração de torcedor,
Torce, retorce e distorce todo,
Grita; Brasil! Com fúria e com amor.*

(ANDRADE, 2002 p.109).

ANEXO 2

II/ O MOMENTO FELIZ

Com o arremesso das feras

E o cálculo das formigas

A Seleção avança

Negaceia

Recua

Envolve.

É longe e em mim.

Sou o estádio de jalisco, triturado

De chuteiras, a grama sofredora

A bola mosqueada e caprichosa.

Assistir? Não assisto. Estou jogando.

No baralho de gestos, na maranha

Na contusão da coxa

Na dor do gol perdido

Na volta do relógio e na linha de sombra

Que vai crescendo e esse tento não vem

Ou vem mas é contrário... e se renova

Em lenta lesma de replay.

Eu não merecia ser varado

Por esse tiro frouxo sem destino.

Meus onze atletas

São onze meninos fustigados

Por um deus fútil que comanda a sorte.

É preciso lutar contra o Deus fútil, fazer tudo de novo: formiguinha

Rasgando seu caminho na espessura

Do cimento do muro.

Então cresce os homens. Cada um

É toda luta, sério. E é todo arte.

Uma geometria astuciosa

Aérea, musical, de corpos sábios

A se entenderem, membros polifônicos

De um corpo só, belo e suado. Rio,
 Rio de dor feliz, recompensada
 Com Tostão a criar e Jair terminando
 A fecunda jogada.
 É gooooooooooooooooool na garganta florida
 Rouca exausta, gol no peito meu aberto
 Gol na minha rua nos terraços
 Nos bares nas bandeiras nos morteiros
 Gol
 Na girandolarrugem das girândolas
 Gol
 Na chuva de papezinhos pecados celebrando
 Por conta própria no ar: cada papel,
 Riso de dança distribuído
 Pelo país inteiro em festa de abraçar
 E beijar e cantar
 É gol legal é gol natal é gol de mel e sol.

Ninguém me prende mais, jogo por mil
 Jogo em Pelé o sempre rei republicano
 O povo feito atleta na poesia
 Do jogo mágico.
 Sou Rivelino, a lâmina do nome
 Cobrando, fina, a falta.
 Sou Clodoaldo rima de Everaldo.
 Sou Brito e sua viva cabeçada,
 Com Gérson e Piazza me acrescento
 De forças novas. Com orgulho certo
 Me faço capitão Carlos Alberto.
 Félix, defendo e abarco
 Em meu abraço a ola e salvo o arco.

Como foi que esquentou assim o jogo?
 Que energias dobradas afloraram

Do banco de reservas interiores?
Um rio passa em mim ou sou o mar atlântico
Passando pela cancha e se espraçando
Por toda a minha gente reunida
Num vídeo, infinito, num ser único?

De repente o Brasil ficou unido
Contente de existir, trocando a morte
O ódio, a pobreza, a doença, o atraso triste
Por um momento puro de grandeza
E afirmação no esporte.
Vencer com honra e graça
Com beleza e humildade
É ser maduro e merecer a vida,
Ato de criação, ato de amor.
A Zagalo, zagal prudente,
E a seus homens de campo e bastidor
Fica devendo a minha gente
Este minuto de felicidade.

(ANDRADE, 2002 p.111).

ANEXO 3

Carta sem selo

Á bola (na Concentração, Retiro dos Padres) – Bolinha
Minha, meu amigo redondo, suplico-te: não deixes a Copa
Ficar com Britânia ou outra qualquer nação que dela
Não precisa como precisamos nós. Faze o seguinte: se
Nossos ateltas não derem tudo o que têm obrigação de dar,
Assume por ti mesma o ataque, vai em frente e, sozinha,
Ganha para nós esse terceiro campeonato. Tostão talvez
Não jogue? Joga por ele. Por Pelé, pó Dario e Rogério,
joga pelos zagueiros e pelo goleiro, substitui o time inteiro,
mas salva-nos! Ó preciosa, eu sei que do outro lado
estão adversários, mas que são os adversários, se
resolves driblá-los e vencê-los a todos, fazendo por nós
aquilo de que precisamos? Não compreendes, bolazinha
Gentil? Sorris da minha reza? Pois olha em redor, e vê se
Não é verdade o que digo. Ou ganhamos no México ou
Não sei o que será de nós, de nossos negócios particulares
E até da segurança nacional. Sim, da segurança. Uma
Bola pode salvar o país, se tomar posição franca a nosso
Favor, contra tudo e contra todos. Anda, resolve-te. São
90 milhões que te exigem a pequena e santa malandragem
de te esquivares ao pé inimigo e te aninhares mansa
e pacífica na rede adversa. Daqui a pouco, até junho,
serão 90 milhões e tanto, pois os que forem nascendo
exigirão a mesma coisa. Bola, bolinha, bolacha, darling
amada, monange, Carina e tudo mais que é ternura e
esperança na linguagem do coração, e também da mente,
pois o negócio é sério, não preciso esclarecer mais
nada, tu me compreendes: salva-no! (ANDRAD, 2002 p. 30).

ANEXO 4

E agora, José?
A Copa acabou,
a TV se calou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora José?
E agora, você?
Você que é sem nome,
Que zomba dos outros,
você que enche a cara,
que grita e que torce?
E agora, José?
Está sem assunto,
está sem rojões,
está sem corneta,
já não pode beber,
já não pode berrar,
xingar já não pode,
a noite esfriou,
o gol não veio,
a taça não veio,
o riso não veio,
e tudo acabou,
a alegria fugiu,
a pipoca murchou,
e agora, José?
Não houve o gol,
O meia errou,
O beque falhou,
O técnico nem se fale,
E seu time tropeçou,
Diante do inimigo.
E agora, José?
Seu cabelo arrancado,

Seu instante de febre,
Sua unha roída,
Sua larga poltrona,
Sua bandeira queimada,
Sua camisa rasgada, sua incoerência,
Seu ódio – e agora?
Com a chave na mão,
Quer abrir a porta,
Mas da casa errada;
Quer morrer no mar,
Um mar de cerveja,
Quer ir ao churrasco,
Churrasco não há mais.
José, e agora?
Se você gritasse,
se você gemesse,
se você tocasse
seu pagode preferido,
se você dormisse,
se você cansasse,
se você morresse...
Mas você não morre,
Você é duro, José!
Sozinho no escuro,
Qual bicho do mato,
Sem pôster na parede,
Para você rasgar,
Sem carro, sem moto
Que fuja correndo,
Você marcha, José!
A festa acabou,
o povo sumiu,
mas o show,
você sabe, José,
não pode parar.

Só mais uns dias,
E tudo retorna.
Tem Brasileirão,
tem Estadual.
Sossega, José,
A TV ainda está lá.
E assim você segue, José.
Mas para onde?